UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ERIVALDO COSTA DE OLIVEIRA

As Territorialidades Sovietes da Revolução Russa 1905-1921: Elementos de uma interpretação geográfica.

ERIVALDO COSTA DE OLIVEIRA

As Territorialidades Sovietes da Revolução Russa: 1905-1921: Elementos de uma interpretação geográfica.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo 2012

Russas:1905-1921. Dissertação aprese	de. As Territorialidades Sovietes das Revoluções entada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências o para obtenção do título de Mestre em Geografia.
Aprovado em:	
Bar	nca Examinadora
Prof. Dr	Instituição:
Julgamento:	Assinatura:
Prof. Dr	Instituição:
Julgamento:	Assinatura:
Prof.Dr	Instituição:
Julgamento:	Assinatura:

Agradecimentos

Nessas poucas linhas quero agradecer ao meu orientador Manoel de Sousa Neto pela oportunidade concedida no programa de Pós-Graduação em Geografia Humana e pela paciência com minhas dificuldades no referente tanto a formação acadêmica quanto indisciplina quanto a prazo. Suas dicas e conselhos, nesses três anos de orientação, foram demasiadamente relevantes para a correção de muitos erros na confecção dessa dissertação. Os lapsos que ainda persistirem são de minha inteira responsabilidade.

Alguns colegas são imprescindíveis de mencionar nessa pequena seção de agradecimentos: Samaroni, Carlos Rizzi, Ami, Antônio (Tonhão), Fernandão, Cícero, Jânio, Suely, Inaya. Todos eles de alguma forma contribuíram na confecção deste trabalho. Alguns na parte cartográfica, outros discutindo e tecendo críticas a algumas de minhas idéias ou mesmo simplesmente suportando meu monotematismo nesses três últimos anos: revolução russa. O mesmo pode ser dito dos colegas integrantes do grupo de estudo de História do Pensamento Geográfico: Rildo Duarte, Marcelo, Ednei, Sílvia, Murilo, David e Larissa.

Nessa lista de agradecimento quero acrescentar meu irmão Máximo pela influência no gosto pelos estudos. Sua dedicação e vontade de aprender foram para mim uma forte e boa influência que trago desde a adolescência. Aos meus irmãos Nese, Nara, Té, Massocorro e Vá quero também registrar um agradecimento especial. Por fim, um grande agradecimento a minha ex companheira Gisele Manta e a Carolina Ojeda Marulanda.

RESUMO

A presente pesquisa é uma abordagem geográfica da revolução russa. Mais precisamente um enfoque sobre o movimento dos sovietes dentro daquela ruptura social, cujo recorte temporal situa-se entre 1905-1921 e o âmbito espacial, o território do antigo império czarista. Para tanto, este trabalho partirá do pressuposto de que o movimento de conselhos que surgiu durante a conjuntura revolucionária na formação territorial russa, representou o engendramento de novas territorialidades em um cenário de definhamento da territorialidade estatal. Nessa perspectiva, nossa dissertação considerará ainda que as territorialidades sovietes foram um importante eixo estratégico que os bolcheviques - enquanto agentes da ruptura mobilizaram para a reafirmação da autoridade do Estado no âmbito geográfico da antiga soberania czarista.

Palavras Chaves: Revolução Russa, Ruptura Social, Formação Territorial, Territorialidade Sovietes, Territorialidade Estatal.

ABSTRACT

The present research is a geographical approach of the Russian revolution. More precisely it is focused on the soviets movement within that social disruption, whose time frame lies between 1905 and 1921 and, its spatial ambit, the territory of the ancient tsarist empire. Therefore, this work starts from the assumption that the councils movement – that emerged during the revolutionary conjuncture, in Russian territorial formation –, represented the engendering of new territorialities, in a scenery of dwindling of the state-owned territoriality. In this perspective, our dissertation still considers that the soviets territorialities were important strategic axis that the Bolsheviks, as agents of the disruption, mobilized to reassertion of State authority, within the geographical ambit of the ancient tsarist sovereignty.

Keywords: Russian Revolution, Social Disruption, Territorial Formation, Soviets Territoriality, State Territoriality

Lista de Mapas

MAPA 1:	Revolução de 1905: Territorialidade Sovietes	36
MAPA 2:	Revolução de Fevereiro: Territorialidade Sovietes	71
MAPA 3:	A Revolução de Outubro na Rede Sovietes	93
MAPA 4:	Guerra Civil: Região de Sedimentação	103
MAPA 5.	A Territorialidade do Estado Soviético	107
MAPA 6.	Império Russo: Expansão Territorial Russa	122
MAPA 7.	Império Russo: Quadro Populacional por Macrorregiões	126
MAPA 8.	Império Russo: Territorialidade Estatal Czarista	130
MAPA 9.	Império Russo: Quadro Econômico	144
MAPA 10.	Império Russo: Quadro Urbano e Circulacional	151

Sumário

Apresentação	9
Introdução	
1. A Formação Territorial das Revoluções Russas	23
1.1 A Revolução de 1905 e os Sovietes.	23
1.2. Os Sovietes de 1905 e o Espectro Político Russo	38
1.3 A Revolução de 1917 e os Sovietes.	
1.4. Os Sovietes de 1917 e o espectro Político	
1.5. O Território do Império Russo e a Afirmação do Estado Soviético	
2. A Formação Territorial Russa	
2.2. A Territorialidade Estatal czarista	123
2.3 Particularidades do Desenvolvimento Russo.	137
2.4. O Império Czarista no Cenário Geopolítico Internacional: a Grande Gue	erra Mundial.
	157
Considerações Finais	165
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	168

Apresentação

As revoluções são uma importante categoria de fenômenos históricos que marcaram a modernidade. Segundo Hanna Arent (1988,p.204) "não se pode narrar a História do século XX sem urdi-la com os fios das revoluções". Em decorrência desse quadro de importância, diversas ciências da sociedade as tiveram e as têm como objeto de análise. Para citar somente alguns exemplos: História, Sociologia, Ciência Política, etc. No entanto, nesse rol de ciência, a Geografia não tem tradição de estudos de processos revolucionários — apesar de as rupturas sociais guardarem toda uma dimensão geográfica, facilmente perceptível a partir da leitura das obras desses campos disciplinares.

Por conta disso, acreditamos que a Geografia enquanto ciência social – independentemente de nossas simpatias ou hostilidades para com esses fenômenos históricos – pode tê-los como objeto de análise, posto que nosso campo disciplinar "...também auxilia a visão da revolução" (Secco, 2004p.206). Afinal se existe uma história das revoluções, uma sociologia das revoluções, por que não uma geografia das revoluções?

Aceito o exposto acima, pensamos que a tarefa do geógrafo, que se colocasse em um empreendimento analítico, seria escolher um caso concreto de ruptura social para exame (russo, chinês, cubano, francês, etc.); puxar essa dimensão espacial presente no processo revolucionário para primeiro plano através da cartografia e do ferramental teórico-categorial da disciplina geográfica: território, territorialidade, região, rede, população, sociedade, etc.; e assim reconstituir a geografia da revolução do caso selecionado.

Obviamente que um trabalho dessa natureza define-se por uma abordagem da Geografia Histórica, dado que o recorte temporal do objeto de estudo está no passado. Porém é mister dizer que esse viés é também fortemente perpassado pelo político, posto que não há como discutir revolução sem discutir a questão do poder, as disputas, os conflitos, etc. Nesta perspectiva, a pressuposição básica é que inexiste revolução extraterritorial. Tratar-se-ia, portanto, de um trabalho de Geografia Política de forte cunho histórico, mais exatamente calcado naquela vertente que Artur Dix (1929), em uma de suas obras, denominou de estudo de Geografia Política interna. Acrescentemos que a confecção de um trabalho na linha exposta passaria pela reconstituição da geografia histórica da sociedade onde o processo revolucionário se manifestou como pré-requisito para compreender a geografia da revolução.

A presente dissertação coloca-se nessa linha. Mais à frente, precisamente na parte referente a introdução e aos capítulos do trabalho, esmiuçaremos melhor o conceito de revolução, precisaremos a definição de território e outros conceitos mobilizados para a análise

de um caso concreto escolhido. Por ora, cabe fazer um pequeno relato de como chegamos ao tema das rupturas sociais.

Nossa atenção por essa temática teve início na graduação. Como reflexo desse interesse confeccionamos nosso Trabalho de Graduação Individual (TGI) focado em um caso de processo revolucionário. Mais exatamente no caso russo. Nesse trabalho, defendido em junho de 2009 cujo título foi Revolução Russa (1917-1921): uma abordagem geográfica procuramos fazer um tratamento do caso em questão pela ótica do território, tendo como uma das questões centrais a ser respondida, a seguinte indagação: como os bolcheviques conseguiram conservar a herança territorial czarista? Como resposta, delineamos que o êxito dessa façanha (extensão de uma soberania soviética para os contornos da outrora área de domínio dos czares) deveu-se ao fato de os comunistas - dentre todos os postulantes a sucessores do czarismo – serem os únicos a elaborarem uma eficiente estratégia de penetração no território. Na banca de defesa de nosso trabalho, uma das principais críticas – por sinal muito pertinente - recebida foi a de que tínhamos abordado a revolução russa por um viés fortemente estatal e havíamos identificado a revolução unicamente com o bolchevismo, e por conta disso, visto o processo revolucionário como partindo do centro para a periferia, ou de Petrogrado e Moscou para a borda o território russo. Uma das sugestões é que teríamos que compreender melhor o processo de formação da revolução no território, levando em consideração outros atores e seus respectivos projetos e ampliar o leque de leitura para diferentes linhas historiográficas sobre o assunto. Nosso orientador nos sugeriu que uma relevante base para a operacionalização dessas problemáticas seria enveredar pela investigação dos sovietes dentro da ruptura social, buscando compreender como eles se formaram; como eles se articularam e se apropriaram do território, e como os atores políticos se apropriaram dos conselhos, etc.

A partir desse quadro de relevantes problematizações e sugestões suscitadas pelo TGI adentramos em nossa pesquisa de mestrado com o intuito de aprofundar o debate e o estudo da revolução russa a partir da ótica de nosso quadro disciplinar. A presente dissertação é o ponto culminante desses três anos de pesquisa. Esperamos com ela conseguir mostrar os fortes pontos de ligação entre geografia e revolução e assim dá ensejo à continuidade da pesquisa.

Introdução

Para começar a presente introdução vamos retomar à assertiva de Hanna Arendt (1988,p.204) já manifesta na apresentação deste trabalho: "não se pode narrar a história do século XX sem urdí-la com o fio das revoluções". A frase da filósofa política alemã demonstra o quadro de importância desse fenômeno no século passado. E quem pode discordar desse enunciado diante de fatos históricos como Revolução Russa (1917), Revolução Chinesa (1949), Revolução Cubana (1959) e outros correlatos como Guerra Fria ou mesmo o golpe militar brasileiro de 64 feito sob o pretexto de combater a ameaça da revolução comunista.

O presente trabalho toca diretamente aos acontecimentos políticos mencionados por Hannah Arendt. Ele é um empreendimento de análise e enquadramento do fenômeno revolução social a partir do campo disciplinar geográfico. Para tanto, escolhemos como objeto empírico de estudo dentro do amplo universo de exemplos históricos dessa categoria de fenômeno o caso russo. Assim, tomemos este trabalho como um ponto de partida para fazer esse enquadramento disciplinar. Em outros termos, um "balão de ensaio" ou ponta pé inicial para se produzir primeiramente uma geografia da revolução russa tendo-se como objetivo maior, no futuro, a confecção de uma geografia das revoluções. Afinal, se existe uma história das revoluções, uma sociologia das revoluções, por que não uma geografia das revoluções?

Para demonstrar a operacionalidade de nossa proposta de enquadramento, conceberemos a Revolução Russa como *uma ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida do ancien regime czarista*¹. Uma ação social multifacetada ou multidimensional que se inscreve no espaço, por intermédio de diferentes atores sociais e políticos. Essa concepção de revolução exige, no entanto um explicitamento mais direto de algumas questões de ordem epistemológica de matiz geográfico. Vamos então a esses

No quadro dessa dissertação não vamos nos alongar sobre em uma discussão teórica sobre revolução. Neste sentido, para referendar a nossa singela definição do fenômeno em foco apresentada acima vamos recorrer às palavras de dois importantes autores. Trotsky (1967) em sua *História da Revolução Russa* assevera: "A Característica mais incontestável da revolução é a intervenção direta das massas nos acontecimentos históricos. Comumente o Estado (...), domina a nação; a História é feitas pelos especialistas da matéria: monarcas, ministros, burocratas, parlamentares, jornalistas. Todavia, nas curvas decisivas, quando um velho regime se torna intolerável às massas, estas destroem as muralhas que as separam da arena política, derrubam seus representantes tradicionais e, intervindo dêste modo, criam uma posição de partida para um nôvo regime". Hannah Arendt (1988) em *Da Revolução*, por sua vez, além de conceber os processos revolucionários como protagonizado pelas massas, pontua que não existe revolução sem que a autoridade do corpo político permaneça intacta. Acrescemos ao já exposto que a revolução enquanto fenômeno social no quadro deste trabalho será sempre considerado em uma estreita linha de proximidade com a ótica da Sociologia das Revoluções. Sobre isso ver André Decouflé (1970) e Paulo Bonavides (1983).

esclarecimentos. Nesse quadro de explicações, um primeiro ponto a se expor é que conceberemos a Geografia como uma ciência da sociedade, ou seja, seu objeto de estudo é a sociedade e suas problemáticas (Andrade, 1987; Lobato 1995). Em següência a esse primeiro importante ponto, acrescemos outro: a definição do objeto de estudo do campo disciplinar em questão. Sobre isso Manuel Correia de Andrade (1987,p.11) nos assevera que "Não é fácil definir nem estabelecer, com precisão, o que é a Geografia". Não obstante, essa dificuldade apontada pelo autor de A Terra e o Homem no Nordeste é mister sinalizar para uma determinação do objeto que torne operacional o enlaçamento proposto. Por ter isso em mente é que definiremos – em um primeiro momento - a Geografia como uma ciência que estuda a relação sociedade espaço. Sobre essa relação Paul Claval (1979,p.11) assevera que a "A vida social se inscreve no espaço e no tempo. É feita de ação sobre o meio ambiente e de interação entre os homens". As palavras do geógrafo francês são reforçadas pelas do brasileiro Rogério Haesbaert (2004,p.20) quando este afirma: "não há como como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo inserí-los num determinado contexto geográfico, territorial". Nessa mesma linha, Milton Santos (2004,p.246), por sua vez, em *Por uma* Geografia Nova assevera: "...a história não se escreve fora do espaço e o próprio espaço sendo social, não há sociedade a-espacial". Moraes (1999,p.121), na mesma direção, em A Valorização do Espaço assegura: "As sociedades humanas, para reproduzirem as suas condições de existências, estabelecem (...), relações vitais com seu espaço" ou ainda "...o espaço é uma condição geral de existência e produção da sociedade" (ibid,1999).

Nessa linha argumentativa, o espaço é um importante componente de nossa concepção de Geografia. Por conta disso, im põe-se a tessitura de algumas considerações sobre aquele, como forma de explicitar melhor seus pressupostos subjacentes no quadro dessa dissertação. Em outros termos, podemos dizer que se trata de uma fuga das imprecisões, já que "A palavra espaço é de uso corrente, sendo utilizada tanto no dia-a-dia como nas diversas ciências" (Correia,1995,p.15). Além disso, lembremos que na primeira definição dada de nosso campo disciplinar não determinamos o peso dos elementos componentes da relação sociedade-espaço, pois como assevera Moraes (2000,p.28) "...deve-se ter cautela ao falar da relação sociedade/espaço como objeto geográfico, pois tal enunciado sugere uma associação entre duas partes que se determinam reciprocamente, que entram com o mesmo peso na relação". Portanto, avancemos para uma discussão sobre a referida categoria e simultaneamente para um refinamento da concepção de Geografia que defendemos no âmbito desse trabalho, logo de um melhor delineamento dos pressupostos teóricos de nossa proposta de enleamen to.

Comecemos por dizer, mais uma vez, baseado em Moraes (2000,p.28), que por

Geografia, entenderemos a ciência que estuda "...a espacialidade da vida social, vista como uma mediação particularizadora na compreensão de uma sociedade concreta ..." nestes termos, a referida ciência "...objetivaria (...) uma dada visão angular da história, dedicada ao deslindamento de uma dimensão específica de seu movimento: a espacial" e ao estudo geográfico nesta perspectiva assumida caberia focar suas análises "...nos processos pelos quais a sociedade (...) se apropria e (...) organiza" o espaço. Em outros termos, o que cabe ao campo disciplinar em questão "São os processos sociais interessando a apropriação e manipulação da superfície terrestre que deve ser investigados em seus movimentos próprios, como parte que são do desenrolar das sociedades" (Moraes,p29).

Observemos que nas proposições expostas, fica evidenciado que "Não há (...) processos espaciais, pois a espacialidade é uma propriedade das coisas, e como tal, não possui autonomia, vida própria, é inerente às coisas. O que há são processos naturais e sociais inscritos nas coisas em sua forma espacial" (Costa,1983,p.50). Esse posicionamento nos afasta de imediato de qualquer perigo de fetichização do espaço que algumas análises geográficas recaem e ao qual queremos veementemente escapar, porque dificultaria enormemente o entendimento de qualquer revolução que fizéssemos como objeto de estudo, já que seria o espaço o sujeito e não a sociedade o elemento propulsor das dinâmicas sociais. Cairíamos assim, na "guerra dos lugares" ou nos espaços que mandam e espaços que obedecem de Milton Santos (2000), ou ainda na concepção de processos espaciais ou mesmo processos geográficos. Desta forma, nos termos de nossa proposta de enquadramento, a ontologia está na sociedade e não espaço. Este será concebido apenas como suporte das atividades sociais. Mas, cabe dizer que não um suporte qualquer, posto que esse mesmo espaço acumula trabalho, rugosidades, que sobre determinam os processos sociais posteriores. Como bem assinala Santos (2004,p.182): "As determinações sociais não podem ignorar as condições espaciais concretas preexistentes", já que "...o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas" (Santos, 2004, p. 173).

Depois de apresentar uma definição de Geografia e uma concepção de espaço assim como a relevância desse para a sociedade, partiremos então para outras problemáticas. Vamos a elas. Segundo Rui Erthal (2003,p.30) "Se a Geografia se coloca como um campo do conhecimento preocupada com a dimensão espacial da sociedade, não se pode esquecer que os fenômenos sociais são, também, temporais". O asseveramento desse autor somada a altura de nossa exposição, nos coloca na condição de não mais poder nos omitir ou nos furtar de

uma discussão central no âmbito de nosso trabalho: o fato de as revoluções sociais serem fenômenos localizados no passado, ou seja, são eventos ou processos cujo recorte temporal se encontram situado em um presente histórico que não o atual. Portanto, todo nosso esforço de abordá-las necessariamente delineia no horizonte a confecção de uma *Geografia Retrospectiva*². Sobre as possibilidades de uma perspectiva geográfica retrospectiva, Maurício de Almeida Abreu (2000,p.15) convenientemente nos lembra:

"A Geografia não pode se definir como estudo da duração do presente, ainda que seja este o palco preferencial de atuação do geógrafo. Sendo ela uma forma de abordagem do real, o que a distingue das outras ciências sociais são exatamente as questões que coloca para o entendimento desse real, da sociedade. E essas questões não podem ser apenas as do presente".

Como forma de reforçar ainda mais o quadro de possibilidades, recorramos mais uma vez as palavras do geógrafo fluminense:

"A Geografia não tem, pois, que se definir como estudo do presente. É possível, sim, fazer geografias do passado, e ela não tem que buscar ali apenas as bases do entendimento do presente. As análises que fazemos para compreender o momento atual podem também ser feitas para o passado, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas (ibid,p.16)".

Desenhada as viabilidades de uma *Geografia Retrospectiva*, logo, podemos dizer, em termos genéricos, que qualquer empreendimento analítico das rupturas sociais imperativamente cairá na necessidade de reconstituir a geografia da sociedade que engendrou a revolução como pré-requisito para compreender a geografia da revolução³. Mas que

_

Nessa altura de nossa exposição relevante ressaltar um importante ponto referente a essa *Geografia Retrospectiva* proposta: o cuidado no manuseamento das fontes com as quais se vai reconstituir o objeto empírico de estudo. Obviamente que um cuidado com as fontes se impõe a qualquer estudioso que se propõe a analisar um evento ou processo cujo recorte temporal está no passado, no entanto, o estudo das rupturas sociais requer uma atenção maior, dado que essa temática é perpassada de fortes disputas políticas: algumas linhas historiográficas justificando as experiências revolucionárias e outras fazendo seu obituário. Portanto, impõe-se contundentemente ao pesquisador que quer imprimir algum rigor analítico o estabelecimento de alguns parâmetros. Não se trata, diga-se de passagem, de um resgate da propalada neutralidade científica defendida pelo positivismo. No quadro de nossa proposta de **enlaçamento**, defendemos que alguns desses parâmetros são: um conhecimento a respeito das diferentes linhas historiográficas sobre temática em questão (como forma de captar o que essas diferentes linhas têm de pertinentes ou não em suas posições); uma classificação das fontes com as quais vamos trabalhar no relativo se elas são primárias ou secundárias, assim como sua procedência, da academia ou "mundo político", assim como também a qual campo disciplinar as referidas fontes se enquadram: História, Geografia, Sociologia, Política, etc..

Em nossa proposta de enlaçar *Geografia e ruptura social* defendemos que um importante elemento de confecção dessa Geografia Retrospectiva é mobilizar a linguagem da cartografia, pois como sinaliza

geografia essa proposta retrospectiva necessariamente procurará reconstituir? Bem, nossa proposta – ancorada em Moraes (2005,p.23) – ao entender "...por geografia" tanto "uma realidade fáctico-material de disposição e organização dos objetos e seres na superfície do planeta (a geografia material)..." quanto "as representações elaboradas pela sociedade acerca dessa realidade (o discurso geográfico)", buscará reconstituir a geografia em sua materialidade, discurso e ação que ajudem no entendimento das rupturas sociais. Adiante detalharemos mais lapidamente como essa dupla diferenciação será mobilizada no âmbito de nosso empreendimento analítico. Por ora, cabe asseverar que nossa *Geografia Retrospectiva* não tem o intuito de reduzir a complexidade dos processos revolucionários à questões de geografia, mas realizar uma abordagem que mostre novas facetas desses processos. Como nos lembra Chris Philo (1996,p.270, 278):

"...a importância da geografia histórica é fazer com que uma sensibilidade geográfica seja introduzida no estudo de todos (...) fenômenos do passado – econômicos, sociais, políticos ou qualquer outro (...) A conclusão a ser tirada (...) não é que os acontecimentos da história podem ser reduzidos às complexidades da geografia, mas que é possível enriquecer e lançar uma nova luz sobre esses acontecimentos históricos ao injetar-lhe um pouco de sensibilidade geográfica".

Observemos que o exposto até aqui já dão dimensões significativas sobre a viabilidade do projeto de enlaçar nosso campo disciplinar e ruptura social, mais exatamente *Revolução Russa*. Neste sentido, a diferenciação que fizemos entre geografia enquanto materialidade e discurso é muito sintomático dessa possibilidade. Vejamos mais detalhadamente a relevância dessa distinção. Nosso **campo disciplinar,** por muito tempo ficou identificado apenas com a materialidade. Em conseqüência dessa identificação ao material, qualquer estudo geográfico de cunho histórico necessariamente cairia apenas na reconstituição da geografia do passado, entendida como elementos que marcavam a paisagem: casas, estradas, plantações, distribuição

Matias (1996,p.102) "...os mapas representam um importante instrumento para o trabalho do geógrafo, representando uma linguagem visual cujas propriedades espaciais não podem ser conseguidas por qualquer outra forma de comunicação humana (verbal, escrita,etc.)". Assim, por seu grande potencial de comunicar, relacionar elementos e produzir informações, a cartografia será um componente da operacionalização de nossa proposta de enlaçamento. Acrescemos que, dentro desse quadro, a cartografia histórica será confeccionada a partir do SIG (Sistema de Informação Geográfica). Uma geotecnologia que trabalha com banco de dados georreferenciados. O que implica necessariamente dizer que no âmbito de nosso empreendimento analítico ter-se-á de montar um banco de dados tanto sobre natureza (hidrografia, clima, relevo, vegetação, etc.) quanto sobre sociedade (economia, política, redes urbana, de comunicação e transportes, atores sociais e políticos, etc.) referente ao objeto empírico de estudo (o caso revolucionário em análise). Ressaltemos, por último, que a alimentação desse banco de dados pode vir tanto de fontes cartográficas (digital ou analógica) quanto de fontes textuais.

da população, etc. Assim, a geografia era algo ligado mais a elementos referentes à duração, permanência do que a mudanças. Acontecimentos, eventos e processos sociais como guerras, revoluções, enfim fenômenos de cunho "imaterial" não tinham ou tinham lugar (diminuto) na agenda de estudo da ciência geográfica, posto que pertenciam a outro campo de estudo, a História ou mesmo a outras disciplinas. Somado a esse quadro de entender a geografia mais com a permanência do que com mudança, a historiografia sobre revoluções sociais, no geral, entendeu esses fenômenos mais pelos viés das rupturas, das quebras violentas. E a Geografia neste contexto, enquanto ciência, ao que parece, os viu também marcadamente por esse viés. Mas neste ponto, lembremos que as revoluções sociais não são somente rupturas, ou um fenômeno político social permeado exclusivamente de uma ruptura violenta com tudo que existe até então. Como nos lembra Florestan Fernandes (2007,p.65,66) "toda transformação tem dois lados - certas continuidades e certas mutações". Essa afirmativa do sociólogo brasileiro nos lembra a análise da Revolução Francesa realizada pelo eminente historiador Aléxis Tocqueville em seu livro de 1856 *O Antigo Regime e a Revolução* onde ele assevera que o fenômeno político social que sacudiu a França no final do século XVIII foi um "jogo" entre rupturas e continuidades4. Não obstante, o autor de A Democracia na América em sua linha interpretativa do processo revolucionário francês centrar o jogo de rupturas e

Sintomático dessa análise do liberal Aléxis Tocqueville é a seguinte passagem de O Antigo Regime e a Revolução: "Os franceses fizeram, em 1789, o maior esforço no qual povo algum jamais se empenhou para cortar seu destino em dois, por assim dizer, e separar por um abismo o que tinham sido até então do que queriam ser de agora em diante. Com esta finalidade tomaram toda espécie de precauções para que nada do passado sobrevivesse em sua nova condição e impuseram-se toda espécie de coerções para moldarse de outra maneira que seus pais, tornando-se inreconhecíveis. Sempre achei que foram muito menos bem sucedidos neste empreendimento de que se pensava lá fora muitos e que eles próprios pens avam no início. Eu tinha a convicção de que, sem sabê-lo, retiveram do antigo regime a melhor parte dos sentimentos, dos hábitos e das próprias idéias que os levaram a conduzir a Revolução que os destruiu e que, sem querer, serviram-se de seus destroços para construir o edifício de uma nova sociedade. De modo que para bem compreender tanto a Revolução como sua obra era preciso esquecer por um momento a França que vemos e interrogar a no seu túmulo a França que não existe mais" (1982,p.43). Essa dimensão de ruptura e continuidade da Revolução Francesa fica também em outro trecho da mesma obra do autor de A Democracia na América:"...a Revolução teve duas fases bem distintas: primeira durante a qual os franceses parecem abolir tudo que pertenceu ao passado; e a segunda, onde nele vão retomar uma parte do que nele deixaram. Há um grande número de leis e hábitos políticos do antigo regime que desapareceram assim, repentinamente, em 1789, e que apareceram novamente alguns anos mais tarde, como certos rios afundam-se na terra para reaparecer alguns anos mais adiante mostrando as mesmas águas a novas margens" (ibid,44). Interessante comparar essa interpretação da Revolução Francesa de Tocqueville com a Edmund Burke (o pai do pensamento conservador), um político irlandês radicado na Inglaterra e ferrenho inimigo da revolução. Em seu livro de 1790 Reflexões sobre a Revolução em França, na qual defende uma postura anti-revolução, mas vendo a revolução como a ruptura violenta com tudo existente, assevera: "O Estado é uma associação que leva em conta toda ciência, toda ciência, toda arte, toda virtude e toda perfeição; e como os fins de tal associação não são obtidos em muitas gerações, o Estado torna-se uma associação não só entre os vivos, mas também entre os que estão mortos e os que irão nascer. Os contratos que regem cada Estado em particular são cláusulas do grande contrato primitivo da sociedade eterna, que liga as naturezas mais baixas às mais elevadas, liga o mundo visível ao mundo invisível, conforme a inviolável lei que mantém todas as naturezas morais e físicas, cada um em seu lugar determinado" (grifo nosso, 1982, p.116).

continuidades nas instituições políticas, hábitos⁵, etc. ela é bastante inspiradora para nosso projeto, posto que, ao encarar as revoluções sociais pelo jogo das rupturas e continuidades - *a* la *Tocqueville* — a partir de uma plataforma de entendimento da geografia tanto como materialidade quanto discurso abre um amplo campo de possibilidade de aproximação entre revolução e Geografia. A título de ilustração, citemos somente que nesta perspectiva, as rugosidades entram ou podem ser vistas como um elemento da ruptura social, mais precisamente, um elemento de continuidade.

O quadro desenhado acima dá significativos elementos do que aproxima e o que distancia e distanciou as rupturas sociais do campo geográfico. Aditemos mais um elemento de distanciamento que hoje é perfeitamente possível romper. A Geografia clássica de matriz ratzeliana, por conceber, por muito tempo, o Estado como única variável representativa do político tornou impeditivo a análise de fenômenos históricos como as rupturas sociais. As palavras de Raffestin (1993,p.16) são emblemáticas sobre isso: "...Ratzel introduziu todos os seus herdeiros na via de uma geografia política que só levou em consideração o Estado ou os grupos de Estados". Nesta perspectiva, os conflitos e as disputas somente se davam entre entes estatais,

"...outras formas de conflitos, tais como as revoluções, que colocam em causa o Estado em sua interioridade, não têm lugar em seu sistema. A ideologia subjacente é exatamente a do Estado triunfante, do poder estatal. Com efeito, todas as escolas geográficas, seja a francesa, a inglesa, a italiana ou a americana, que seguindo a escola alemã fizeram geografia política, ratificaram esses pressupostos filosóficos e ideológicos, no sentido de que não colocaram em causa, de forma alguma, a equação Estado = poder" (ibid,p.16).

No âmbito da Geografia brasileira, o exemplo de Bertha Becker (1983, p.2) reforça as assertivas do estudioso suíço. A autora de *Geopolítica da Amazônia*, discutindo a longa predominância do caráter unidimensional do político na análise geográfica afirma que por conta disso se implantou um quadro em que

a) só se dispõe de um nível de análise espacial, aquele delimitado pelas fronteiras políticas dos Estados, i.e. a escala de análise é dada pelo

Algo interessante a se destacar é que apesar de Aléxis de Tocqueville em *O Antigo Regime e a Revolução* centrar a interpretação do processo revolucionário francês nas instituições sociais e políticas ele não deixa de chamar a atenção para algo de forte cunho geográfico, a centralidade de Paris dentro do território francês e a relevância dessa centralidade para o processo revolucionário.

Estado e a hierarquia dos níveis é a dos níveis criados pelo Estado para organizar, controlar e gerir o espaço; b) nega-se a existência de conflitos, não ser entre dois Estados através da guerra, não se reconhecendo conflitos nem contradições no interior do Estado".

Corroborando com o quadro traçado acima por Raffestin e Becker, vemos que isto não é o movimento único na Geografia, posto que essa ciência conquistou avanços significativos em consequência de um refinamento de sua reflexão. Assim, esse campo disciplinar, não concebe mais o político como exclusivamente ligado ou imbricado ao ator estatal. Há discussões, na atualidade, em que as disputas de poder, os conflitos e os atores se dão e estão em escalas que não a estatal. Esse contexto do alargamento do horizonte de análise geográfica delineado aproxima ainda mais ruptura social e Geografia. Aprofundemos então essa aproximação, esboçando os conceitos geográficos que operacionalizarão o enlaçamento proposto, já que operacionalizar, nessa perspectiva, é definir necessariamente quais conceitos geográficos serão mobilizados no empreendimento, porque é com esse acabouço conceitual que se lê a realidade a partir do campo disciplinar em questão. Conforme a afirmativa de Corrêa (1995,p.16)

"Como toda ciência social a geografia possui alguns conceitos-chaves, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico em que a sociedade é analisada, ângulo que confere a geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais".

Antes, porém, de apresentar mais exatamente quais categorias serão trabalhadas, usemos algumas linhas para consolidar e sintetizar algumas pressuposições que estão implícitas até agora no decorrer de nossa exposição e que já permitem delinear uma primeira aproximação substantiva. A sociedade é algo que não se reproduz sem o espaço; a revolução é um fenômeno ou empreendimento político e social multifacetado e que envolve vários atores. A partir daí, uma primeira coisa a demarcar é que todo fenômeno revolucionário não se dá fora do espaço, posto que a sociedade não se torna a-espacial em conjunturas revolucionárias. Estas contem, portanto, toda uma dimensão espacial. Posta as coisas em outros termos, as rupturas sociais são fenômenos políticos sociais espacialmente circunscritos e, neste sentido, se dão ou ocorrem fortemente imbricados com a materialidade ou rugosidades daqueles espaços circunscritos.

Estabelecido isso, podemos avançar agora para a explicitação do ferramental

geográfico a ser mobilizado. Em nossa concepção, em virtude de toda ruptura social - dentre outras coisas – comportar ou envolver, disputas, conflitos entre distintos atores, a ferramenta intelectual da Geografia mais apropriada para uma abordagem geográfica é o território por ser um conceitos intrinsecamente ligados a idéia de poder, disputas, conflitos, etc. A partir desse ponto, já podemos asseverar que nossa perspectiva de enlaçamento partirá do pressuposto "de que não há revolução extra-territorial" (Oliveira,2009,p.1). Por conseguinte, uma das tarefas da abordagem geográfica proposta é compreender ou analisar como a revolução se tesse no território ou se territorializa⁶ no espaço e qual a relação dessa tessitura com as rugosidades do mesmo (rede urbana, distribuição da população, quadro viário, etc).

Dito isso, cabe expor mais claramente com qual, ou melhor, quais conceitos de território e seus correlatos trabalharemos no âmbito desta dissertação. Podemos começar essa exposição, afirmando que o território é um dos principais elementos do quadro analítico da ciência geográfica. No entanto, Haesbaert (2007,p.37) destaca que a referida categoria

"...tem uma certa tradição também em outras áreas, cada uma centrada com um enfoque em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (...) a Ciência Política enfatiza sua construção de relações de poder (na maioria das vezes ligada à concepção de Estado); a economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como fator locacional ou como uma base de produção (enquanto 'força produtiva'); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (...); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo".

O autor de *O Mito da Desterritorialização* destaca ainda que pluralidade de concepções sobre o termo referido acima não se restringe apenas ao universo das diferentes ciências sociais, pois, tal polissemia adentra ao plano interno da disciplina geográfica. Assim, Haesbaert (2007) cataloga três concepções hegemônicas no âmbito do referido campo científico: política, econômica e outra cultural. Diante dessas variedades de definições ou enfoques sobre o território escolheremos uma que estará mais em sintonia com a nossa temática de estudo. Por conseguinte, privilegiaremos um enfoque territorial de natureza

A idéia da revolução como um movimento social que se territorializa no espaço é significativamente inspirada nos trabalhos de Bernardo Mançano Fernandes de 1996 e 2000 no quais este autor analisa - a partir da Geografia – como o Movimento dos Sem Terras se territorializa respectivamente em São Paulo e no Brasil. Esta análise, com toda polêmica suscitada, é bastante importante para empreendimento de aproximar Revolução e Geografia.

política. Desenhado nosso ângulo espacial de abordagem cabe agora manifestar mais exatamente o que compreendemos por território numa ótica política. Por este entendemos "... um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" (Souza,1995,p.78) ou então como coloca Moraes (2009,p.64): "... espaços qualificados pela dominação política (...) áreas de um exercício de um poder". Definimos o território, mas é necessário avançar para clarificar quem é o agente ou quem são os agentes que delimitam ou constroem território no âmbito de nossa proposta. Para explicitar quem são esses agentes lembremos, dentre outras coisas, que as revoluções são processos que implicam a criação de uma nova ordem a partir de uma grande convulsão social. Sendo que a dinâmica dessa convulsão comporta em um primeiro momento; a derrocada da autoridade estatal, com ampla participação popular; em um segundo momento, a afirmação de uma nova figura estatal - no caso de uma revolução vitoriosa - baseado em um programa de mudanças formulado por atores políticos. Depois dessa rápida colocação, já podemos delinear que um dos referidos agentes é o Estado, pois como pontua Moraes (2005,p.51) Estado e território são "...dois conceitos profundamente entrelaçados no mundo moderno, em que o Estado é de imediato definido como dotado de um território".

Neste contexto, se sedimenta a possibilidade de enquadrar os espaços circunscritos – delineado linhas atrás – em que as rupturas se dão, pelo conceito de formação territorial, posto que toda revolução se dá dentro do quadro de uma formação social e "...toda formação social é também territorial, pois necessariamente se espacializa" (Moraes,2000,p.18). Assim, nos marcos expostos, a territorialidade estatal em um processo revolucionário se debilita num primeiro momento e num segundo momento se reafirma. Na conjuntura revolucionária, o intervalo entre debilitamento e reafirmação é permeado pela ação das massas na arena política que em seu agir criam outros territórios e territorialidades no espaço da formação em revolução. Eis ai o outro agente territorial: a sociedade em sua ação política, produzindo outras territorialidades que não a estatal. Quanto à definição de territorialidade – outro conceito geográfico a ser mobilizado no âmbito de nossa análise - a faremos de forma mais detalhada nas linhas subseqüentes.

Toda a discussão posta e os delineamentos feitos levam a uma importante questão: qual a melhor escala para se analisar ou apreender fenômeno revolucionário a partir da Geografia? Antes de responder, vamos a afirmativa de Castro (1995,p.127), "...todo fenômeno tem uma dimensão de ocorrência, de observação e de análise mais apropriada. A escala é (...) uma medida, mas não necessariamente do fenômeno, mas aquela escolhida para melhor observá-lo, dimensioná-lo e mensurá-lo". Tendo essas palavras como referência, definimos

que a melhor escala para apreendermos o fenômeno *ruptura social* é a escala da formação territorial.

Os delineamentos teóricos, expostos acima, nos lançam o imperativo de ir à empiria, já que as revoluções sociais não ocorrem, ou melhor, não aconteceram no abstrato, mas sim no concreto. Isso nos coloca a necessidade de escolher um dentre os tantos casos de rupturas sociais que se deram na história. Neste sentido, queremos relembrar que nossa opção e os motivos dela foi anunciada no quadro da apresentação deste trabalho: Revolução Ru ssa. Dado a complexidade ou caráter multifacetado do caso eleito e os limites de um trabalho de dissertação, vamos fechar ou precisar melhor - com mais algumas palavras - nosso ângulo de abordagem do objeto empírico de estudo escolhido. Nossa análise centrar-se-á sobre o movimento sovietes na formação territorial russa durante as revoluções de 1905 e 1917. No quadro dessa presente introdução - ancorado nos delineamentos teóricos já expostos - adiantamos que consideraremos os conselhos como novas territorial idades criadas pela sociedade em seu impulso auto-organizador no rastro da derrocada da autoridade estatal. Territorialidades que os bolcheviques - enquanto agentes da ruptura - mobilizaram no decorrer do processo revolucionário para reafirmar a autoridade do Estado no âmbito territorial do outrora império czarista.

Apresentado o quadro teórico que embasa nossa empreitada e também o empírico, cabe tecer algumas considerações sobre o plano de nossa dissertação. Nesta linha, a pressuposição de que para entender a formação territorial da revolução necessariamente teríamos que compreender a formação territorial onde eclode a ruptura social já desenha o plano organizacional de nosso trabalho. Este consistirá basicamente, na presente introdução, seguida de dois capítulos: A Formação Territorial Russa e A Formação Territorial das Revoluções Russas. No referente à disposição destes, inspirado no preceito bíblico de que "os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos" optaremos por inverter a ordem "natural" das coisas. Portanto, começaremos com A Formação Territorial das Revoluções Russas onde discutiremos e analisaremos como a revolução se teceu no território. Em seqüência a isso, passaremos para, A Formação Territorial Russa onde procuraremos mostrar os aspectos centrais e particulares do império russo e de como a configuração territorial do mesmo condiciona o tecimento da ruptura social no espaço. Essas duas seções, como não poderiam deixar de ser, será seguida pelas considerações finais.

Por fim, queremos ressaltar que no decorrer de nossa dissertação passaremos ao largo de algumas questões como a que diz respeito à caracterização da ruptura social em questão: capitalista, socialista ou de outra natureza. A periferização dessas controvérsias se dará não

por sua falta de relevância para o âmbito de nossa discussão, mas porque o escopo central de nossa pesquisa é entender a revolução russa em sua dimensão geográfica. Neste sentido, queremos acrescentar ainda que na esfera de interesse do presente trabalho, não temos o intuito de esgotar a referida dimensão da mencionada revolução nem muito menos inventariar o fenômeno soviético em todos os seus matizes na formação territorial russa. A perspectiva central aqui é mais mostrar - a partir do campo disciplinar geográfico - a viabilidade da abertura de uma agenda de pesquisa sobre ruptura social. Em outros termos, mais problematizar, ingadar do que responder, concluir ou mesmo esgotar o tema. Feito todos esses delineamentos, vamos então à empreitada proposta. Passemos, portanto ao primeiro capítulo.

1. A Formação Territorial das Revoluções Russas.

1.1 A Revolução de 1905 e os Sovietes.

Os conselhos ou sovietes de deputados operários e soldados foram uma importante dimensão das revoluções russas: a de 1905 e a de 1917 (Anweiller,1974). Eles inauguram uma nova forma de organização política dos trabalhadores que ganhou projeção para além das fronteiras do gigantesco território russo e para além do tempo de seu aparecimento. Sintomático disso é a aparição dessas instituições na Revolução Alemã de 1918 e na húngara de 1954 (Broué,1979;Loureiro,2005). Surgido, primeiramente, em um país de frágil sociedade civil, os conselhos rapidamente desempenharam relevante papel dentro da arena revolucionária russa ao assumir funções outrora executadas pela instituição estatal. Mas o que é exatamente um conselho ou soviete? Bem, no quadro de nossa dissertação, consideraremos o soviete como uma organização política criada pela classe operária e demais estratos populares a partir de seu impulso auto-organizador na conjuntura revolucionária de 1905 e 1917. Assim, como também por diferentes partidos políticos da esquerda socialista russa. Oskar Anweiler (1974,p.1), importante historiador alemão e estudioso dessas instituições nos dá uma definição que norteará todo nosso trabalho:

"Entende-se por 'conselho' na linguagem corrente, uma instituição representativa cujos membros são habilitados a deliberar colegialmente sobre questões de sua competência (assim, os conselhos municipais, o conselho de Estado, os conselhos de administração). Mas o termo 'conselho' foi aplicado, por outro lado em uma acepção histórica e política determinada, a organismo representativos que, nascidos a maior parte do tempo nas situações revolucionárias se servem de delegados as categorias socialmente inferiores (soldados, artesão, operários, etc.)"

Todas as traduções apresentadas neste trabalho foram realizadas por nós. No original o enunciado seria: "On entend par 'conseil', dans le langage courant, une institution représentative dont les membres sont habilités à déliberer collégialement sur des questions de leur compétence (ainsi les conseils municipaux, le conseil d'Etat, les conseils d'administration). Mais le terme de 'conseil' a été appliqué par ailleurs, dans une acception historique et politique déterninée, à des organismes représentatis qui, nés la plupart du temps dans des situations révolutionnaire, servaient de délégataires aux catégories socialment infériueres (soldats, artisans, ouvriers, etc.)."

Esses organismos na experiência concreta de 1905 – como já explicitado - surgiram a partir do mundo do trabalho, procurando representar, organizar e defender os interesses dos trabalhadores a escala de um centro urbano. No geral, malgrado as variantes locais - eles se compunham de uma assembléia de deputados (eleitos a partir das fábricas com mandatos revogáveis) e de um comitê executivo que se encarregava de executar as tarefas votadas (Ferro,1980). Neste sentido, no referente, ao seu *modo operandis*, essas instituições eram tanto espaço de atuação da classe operária quanto de agremiações partidárias de cunho socialistas.

No curso de sua existência e por conta dos imperativos da luta, os sovietes assumiram diversas tarefas de controle ou de auto-administração revolucionária. É nessa perspectiva, que Trotsky (1971,223,224) assinala em seu livro *1905: Balaços e Perspectivas:*

"O soviete organizava as massas operárias, dirigia greves e manifestações, armava operários e protegia a população contra os *progons* (...) [e] graças à pressão da greve o soviete pôs em prática a liberdade de imprensa, organizou o serviço regular de patrulhas nas ruas para a proteção de cidadão, se apoderou em maior ou menor medida dos correios e telégrafos e das ferrovias, e interveio nos conflitos econômicos entre operários e capitalistas".⁸

A assunção dos sovietes de efetivar tarefas de controle e auto-administração revolucionária mencionadas acima dá ensejo para operacionalizar a nossa abordagem do movimento de conselhos – a partir do ângulo geográfico - dentro da revolução russa. Nesta perspectiva, ancorado nas concepções teóricas expressa na introdução - conceberemos os sovietes no quadro de nossa dissertação como territorialidades. Apesar de todas nossas considerações teóricas expressas atrás terem esclarecido muitas coisas, vamos utilizar algumas linhas desse presente capítulo para traçar ligeiros comentários sobre nossa concepção de territorialidade que operacionalizará nossa abordagem dos sovietes. Neste sentido, a nossa operacionalização do território a partir do político já

O original seria: "El soviet organizaba a las masas obreras, dirigía huelgas y manifestaciones, armaba a los obreros y protegía a la población contra los progromos" [e] "Gracias a la presión de la huelga, El soviet puso em práctica la libertad de prensa, organizo un servício regular de patrullas en las calles para la protección de los ciudadanos, se apoderó en mayor o menor medida de correos y telégrafos y de los ferrocarriles, e intervino con autoridad en los conflitos econômicos entre obreros y capitalistas..."

delineia necessariamente o nosso ângulo de entendimento da territorialidade, o político. Fundamentemos melhor esse conceito com alguns autores. Robert Sack.(1986,P.2) sobre esse conceito diz: "A territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social". Nogueira (2008,p.11), por sua vez, complementa:

"...os resultados das estratégias utilizadas por indivíduos, grupos ou organizações para influenciar ou controlar fenômenos e recurso naturais, pessoas e relações sociais através de uma delimitação do espaço que garanta o controle das ações e o exercício do poder sobre uma determinada área".

De nossa parte, sintetizamos o acima exposto com o seguinte enunciado: a territorialidade em nossa perspectiva é uma estratégia de controle por meio da ação em que se busca submeter recursos (coisas e pessoas) e conseqüentemente se impor novas relações.

Apresentado os sovietes, suas atribuições e características assim como sua perspectiva de enquadramento geográfico, passemos agora a narrativa de seu aparecimento na arena revolucionária russa. Mas antes disso, lembremos que não conseguiremos como já assinalamos na introdução, dar conta de todos os matizes concretos do fenômeno soviético na revolução de 1905 e nem muito menos na de 1917. O mesmo pode ser dito da narrativa dos acontecimentos revolucionários. Não queremos confeccionar – lembremos – uma história da revolução russa, mas sim uma geografia. Nesta perspectiva, os elementos historiográficos entram como plataforma ou meio para discutir o geográfico. Portanto, trata-se de uma operação intelectual – a partir de nosso campo disciplinar – de escolher o acessório do fundamental. Em razão disso, nos deteremos naqueles episódios ou fatos mais ligados ao nosso tipo de abordagem. E por conta disso também, adotaremos uma estratégia de exposição em que uma sucinta narrativa dos fatos políticos será entremeada por análises geográficas. Vamos então a ela.

A revolução que traria à luz a experiência do sovietes foi a de 1905, comumente conhecida na historiografia como "ensaio geral". A Rússia comprometida com seu plurissecular expansionismo entrara em choque com os interesses japoneses na Manchúria, por conta disso, uma guerra entre os dois países se iniciara em 1904. Assim em meio a essa conjuntura bélica em que o país dos czares sofre sucessivas e fragorosas

derrotas a autoridade do czarismo é colocada em xeque.

O incidente que precipitou a colocação em causa de todo o domínio czarista se passou em São Petersburgo, e entrou para a história como **Domingo Vermelho.** Em 22 de janeiro de 1905, milhares de operários guiados por um padre da igreja ortodoxa se dirigem a sede do governo para apresentar uma petição de melhores condições de trabalho. Apesar do caráter pacífico da manifestação, ela foi recebida com extrema violência por parte do governo, o que acarretou consequentemente a centenas de mortos (Volin,1977). Tal fato desencadeia uma onda de protestos de diversos setores da sociedade que partindo da capital ganha o conjunto do território russo, fazendo assim com que o governo rapidamente perca sua capacidade de intervenção no mesmo. É o fenômeno da revolução *enquanto uma ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida do ancien regime czarista* se inscrevendo no espaço por intermédio das ações políticas de diversos atores.

William H. Chamberlin destaca tanto a diversidade dos agentes quanto seus objetivos:

"O movimento revolucionário incluía distintas classes sociais com muitos diferentes objetivos finais. O advogado e o empresário ou latifundiário liberal desejavam um regime constitucional baseado no modelo da Europa Ocidental. O revolucionário profissional sonhava com uma revolução social muito mais profunda. O operário aspirava salários mais elevados e menor número de horas de trabalho; o camponês desejava as grandes extensões de terras do latifundiário vizinho; o soldado ou marinheiro queriam melhor alimentação e uma disciplina mais branda ⁹(1967,p.76,77).

Adan B. Ulan, por sua vez, nos traz um pouco dos matizes desse quadro de ação de alguns atores: "...conflitos e barricadas nas principais cidades do império, tumultos com camponeses por toda parte, desapropriação de terras, motins no Exército e na Marinha, tudo contra o pano de fundo da derrota militar" (1976,p.234). Apesar do autor americano ter se esquecido de mencionar é necessário acrescentar a ação das

O original seria: "El movimiento revolucionario incluía a distintas clases con muy diferentes objetivos finales. El abogado y el empresario o el terrateniente liberal deseaban un régimen constitucional sobre el modelo de Europa Occidental. El revolucionário profesional soñaba con una revolución social mucho más profunda. El obrero anhelaba salarios más elevados y menor número de horas de trabajo; el campesino codiciaba las grandes extensiones de tierras del terrateniente vecino; el soldado o el marinero querían mejor alimentación y una disciplina más benigna".

nacionalidades - que estavam sob a órbita czarista – demandando autonomia e mesmo independência. Figes (1999) trás elementos dos feitos desses grupos:

"Os súditos nacionalistas do império tinham sido igualmente rápidos em tirar vantagens da fraqueza temporária do regime. As greves e protestos que seguiram—se à revolta do Domingo Sangrento em São Petersburgo foram especialmente intensos nas fronteiras não russas — Letônia e Polônia, em particular — onde as tensões sociais e políticas foram reforçadas por um ódio generalizado ao governo russo" (1999, p.246).

Nessa ação oposicionista de grande escala ao **antigo regime**, o operariado ganhou destaque por meio do movimento grevista que reivindicava tanto questões de ordem econômica quanto de ordem política. Neste contexto,

"Durante todo o ano de 1905 houve contínuas interrupções de trabalho; o número total de grevistas alcançou a cifra de 2.865.145, número enorme se se tem em conta que a quantidade total de operários internacionais nessa época era de menos de dois milhões ¹⁰" (Chamberlin, 1955,p.75).

Sobre essa onda de greve Figes nos diz que "Só em janeiro, mais de 400 mil trabalhadores ficaram paralisados em todo país" (1999,p.240). O mesmo autor complementa que esse foi até então "...o maior protesto da classe trabalhadora na história russa" (Figes,1999,p.240). O ponto alto desse movimento revolucionário foi a greve geral de setembro/outubro. Iniciada de forma espontânea em 20 de setembro pelos gráficos de Moscou, ela rapidamente se espalhou para os outros setores do operariado da cidade. Nessa crescente, em outubro, os trabalhadores de São Petersburgo e de outros centros urbanos do império em solidariedade assim como também em concordância com os objetivos políticos do movimento (convocação de uma assembléia eleita por sufrágio universal) aderiram à greve. O sucesso do movimento grandemente foi acentuado pela adesão dos ferroviários e trabalhadores de correios e telégrafos russo. Um efetivo de 815.000 homens espalhado do báltico ao pacífico (Portal,1968). Sobre a

_

O original seria: "Durante todo el año de 1905 hubo continuas interrupciones del trabajo; el número total de huelguistas alcazó a la cifra de 2.865.145, número enorme si se tiene en cuenta que la cantidad total de obreros internacionales en esa época era de menos de dos millones".

participação desses setor vital de trabalhadores, Trotsky assinala: "Sem dúvida alguma, a greve dos ferroviários e do telégrafo desorganizou até o último grau o mecanismo governamental. E a desorganização se agravou com a duração de greve¹¹" (1971,p.100). Wilson R. Augustine, em seu artigo Russian's Raiwaymen, Jully-Octobe 1917, chega a pontuar que os ferroviários "foram diretamente responsáveis por arrancar a constituição da autocracia ¹², (1965,p.666). Independentemente do peso das responsabilidades, o certo que diante desse movimento que paralisou a máquina es tatal o Czar recua em sua resistência de não concessões e por meio do documento que ficou conhecido como Manifesto de Outubro, promete a convocação de uma assembléia constituinte e a instituição de um regime parlamentar (Trotsky,1971). Um dos pontos básicos do programa político da revolução. Tal manobra pelo lado de Nicolau II é o suficiente para aferrecer a oposição de cunho liberal (Figes, 1999). E em consequência desse aferrecimento, o czarismo começa a recuperar a capacidade de intervenção no território já que - dentre outras coisas - o número de oposicionistas diminui. Sobre essa debandada Isaac Deutscher pontua: "...a realidade atrás de tudo isso era a de que a velha a ordem ainda não perdera toda sua força: ainda era capaz de dividir as forças que poderiam ter convergido sobre ela" (2005,p.171).

Sintomático do fôlego recuperativo do regime foi a criação com apoio do czar de várias organizações de matiz direitista "...que se opunham à introdução de instituições parlamentares no estilo ocidental e que esposavam a velha forma de 'Autocracia, Ortodoxia e Nacionalidade" (Figes,1999,p.259). A mais importante organização desse corte foi a União do Povo Russo. Nas palavras de Figes: "...uma versão russa e prematura do movimento fascista. Antiliberal, anti-socialista e, sobretudo, anti-semita, defendia a restauração da autocracia popular que seus integrantes acreditavam ter existido antes de a Rússia ter sido tomada por judeus e intelectuais" (1999,p.259,260). Nessa dinâmica de recuperação da autoridade czarista no território, ponto relevante foi a prisão do Soviete de São Petersburgo. Esta instituição surgira a partir da iniciativa dos operários da capital no final de outubro (Grenard,1933). E em meio a conjuntura revolucionária "...tornara-se com tamanha rapidez o principal foco da revolução" (Deutscher, 2005,p.177). A autoridade e poder ordenativo desse organismo ficam

O original seria: "Sin duda alguna, la huelga de los ferrocarriles y del telégrafo desorganisó hasta el último grado el mecanismo gubernamental. Y la desorganización se agrabó com la duración de la huelga".

O original seria:"...had been directly responsible for wriging a constuition fron the autocracy".

evidentes nas palavras de Trotsky, seu presidente por boa parte dos cinqüenta dias de existência desse órgão:

"O soviete organizava as massas operárias, dirigia greves e manifestações, armava operários e protegia a população contra os progons (...) [e] graças à pressão da greve o soviete pôs em prática a liberdade de imprensa, organizou o serviço regular de patrulhas nas ruas para a proteção de cidadão, se apoderou em maior ou menor medida dos correios e telégrafos e das ferrovias, e interveio nos conflitos econômicos entre operários e capitalistas". 13

A prisão do conselho de São Petersburgo foi combatida com greve na cidade, mas sem a consecução do revertimento da atitude do czarismo. Quadro mais dramático ocorreu em Moscou, onde uma instituição homóloga a da capital fora organizada pelos trabalhadores e partidos socialistas em dezembro. O conselho do segundo centro urbano mais importante do império reagiu aos acontecimentos passados na cidade de Pedro com a realização de uma greve geral e organização de um levante armado que levou dias para ser debelado (Deutscher,2005). Nas palavras de Ulan: "Esta foi a última tentativa dos radicais para decidir a questão pela força das armas e desfazer a atmosfera de desânimo causada pelas notícias de S. Petersburgo" (1976,p.266). Não obstante, o debelamento dos principais sovietes no final de 1905 não conseguiu aplacar *a ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida*. Em uma perspectiva corroborativa com o que afirmamos Deutscher pontua:

"Mesmo depois de sufocado o levante de Moscou [depois do controle de São Petersburgo], a Revolução parecia apenas meio derrotada. Durante os meses de dezembro e janeiro ocorreram revoltas na Sibéria, nas províncias do Báltico, no Cáucaso, e expedições punitivas se ocupavam em reprimi-las" (2005,p.189).

Apresentado a síntese dos principais fatos revolucionários do "Ensaio Geral"

29

O original seria: "El soviet organizaba a las masas obreras, dirigía huelgas y manifestaciones, armaba a los obreros y protegía a la población contra los progromos" [e] "Gracias a la presión de la huelga, El soviet puso em práctica la libertad de prensa, organizo un servício regular de patrullas en las calles para la protección de los ciudadanos, se apoderó en mayor o menor medida de correos y telégrafos y de los ferrocarriles, e intervino con autoridad en los conflitos econômicos entre obreros y capitalistas..."

vamos agora à importante dimensão da revolução de 1905 e na realidade nosso principal foco de interesse, os sovietes. Nessa linha esquemática, principiemos, marcando que a primeira organização no molde conselhista a surgir no quadro da revolução russa do início do século foi o de **Ivanovo-Vosnessensk**, cidade alcunhada de Manchester russa por conta de seu substantivo parque industrial local (Anweiler,1974). Esse conselho, em seu efêmero período de existência - maio a julho de 1905 – chegou a ser composto de 151 deputados operários eleitos a partir das fábricas – "sem mandatos fixos e revogáveis a qualquer momento" – cujo objetivo era negociar as demandas operárias com as autoridades locais (Filho,1997,p.49). Mas a competência dessa instituição não se restringiu ao campo da negociação capital trabalho. Ela evoluiu para mecanismos de controle, imposição e autoridade para além do âmbito da indústria. Assim, no contexto do processo revolucionário, a autoridade do referido soviete, rapidamente rivalizou, ou melhor, sobrepujou o da autoridade local, tornando, portanto um foco importante de poder na cidade. Demochkin (2005) evidencia elementos desse poderio na seguinte passagem:

"...o soviete converte fundamentalmente em um órgão de poder revolucionário. Proíbe os comerciantes aumentar os preços dos alimentos e obriga os depósitos das fábricas a entregar mercadorias a créditos aos operários (...). Os empresários e os funcionários são obrigados a contar com a força real do soviete que põe fim às expulsões dos operários grevistas dos alojamentos pertencentes as fábricas. As autoridades locais não podem fazer imprimir seus documentos urgentes sem a autorização do soviete 14" (DEMOCHKIN, apud, Cementri, 2005, p. 384).

Esse outro trecho do mesmo autor não deixa marcar ainda mais a substancialidade do poder da instituição conselho no âmbito de Ivanovo-Vosnessensk ao denotar o quanto a capacidade do aparelho repressor czarista estava comprometida: "Em 20 de maio o soviete decide formar uma milícia operária para preservar a ordem na

O original seria: "...el soviet se convierte fundamentalmente en un órgano de poder revolucionario. Prohíbe a los comerciantes aumentar los precios de los comestibles y obliga a los depósitos de las fábricas a entregar mercaderías a crédito a los obreros (...). Los empresários y los funcionários son obligados a contar con la fuerza real del soviet, que pone fin a las expulsiones de los obreros huelguistas de las viviendas pertencientes a sus fábricas. Las autoridades locales no pueden hacer imprimir sus documentos urgentes sin la autorización del soviete".

cidade e impedir provocações ¹⁵, (2005,p.384).

Esse soviete apenas foi extinto em julho em uma investida do regime. Apesar de sua existência ter sido efêmera e sua influência restrita ao âmbito local, ela serviu de precedente para que instituições homólogas começassem a surgir em inúmeros centros urbanos do território russo. Isso é o que se passou em Kostroma, cidade vizinha a Ivanov, onde em julho se erige um conselho com 118 deputados dotado de um comitê executivo de 12 membros (Anweiler,1974). E com vocação de autoridade similar ao de Ivanovo.

Mas o movimento de conselhos somente ganha corpo e projeção no espaço de soberania czarista quando um é criado na capital do império. Esse soviete da cidade de Pedro foi edificado em outubro de 1905, em meio ao processo da greve geral mencionado linhas atrás - que paralisou o país. Oskar Anweiler nos trás elementos desse impulso do movimento de conselhos a partir do da capital,

> "Somente pelo fato da existência do Soviete e da autoridade na qual gosava entre os trabalhadores da capital, a idéia de soviete tornou-se popular para além de São Petersburgo (...) durante o período que vai de outubro a dezembro de 1905 os conselhos se constituem em vários lugares, em todas as grandes e pequenas cidades industriais da Rússia¹⁶, (1974,p.57).

Sobre a importância do Soviete de Petrogrado para o conjunto do país Anweiler ainda acrescenta:

> "Por mais marcáveis que tenham sido as atividades dos sovietes de Ivanovo-Vosnessensk e de Kostroma (...) [elas] tiveram durante a greve apenas uma importância de ordem local. À imagem do movimento de greve que depois do mês de janeiro se perdia em uma nuvem de ações locais e parciais, esses organismos não podiam de nenhuma maneira exercer influência direta fora de seu quadro territorial restrito. Somente a greve geral de outubro de 1905 cria na capital, seu epicentro, um órgão cuja influencia se estendeu à Rússia

¹⁵ O original seria: "El 20 de mayo el soviete decide formar una milicia obrera para preservar el orden en la ciudad e impedir provocaciones".

O original seria: "Du Seul fait de l'existence du Soviet et de l'autorité dont Il jouissait parmi les travailleurs de la capitale, l'idée des soviets devint populaire bein au-delá de Saint-Petersbourg, (...) pendant la période qui va d'octobre à décembre 1905, des conseils ouvrier se constituèrent partout, dans toute les grandes villes et petite villes industrielles de Russie".

inteira, órgão da direção propriamente dita da revolução operária: O Conselho de deputados operário de São Petersburgo^{17,} (1974,p.51).

Por conta desse poder de influência ou penetração no território que Isaak Deutscher (2005,p.177) – em um enunciado já exposto, porém de retorno totalmente pertinente – marca "O Soviete de São Petersburgo tornara-se com tamanha rapidez o principal foco da revolução". Mas deixemos, por enquanto, esse grande poder de influência do referido conselho de lado e vamos a outros pormenores.

Nesta perspectiva, pontuemos que em seus 50 dias de existência, o Soviete da cidade de Pedro chegou a contar com 560 deputados eleitos a partir das fábricas da cidade (Deutscher, 2005,p.167) E de um comitê executivo de 22 membros das quais faziam parte três bolcheviques, três mencheviques e três socialista revolucionários, ou seja, os principais partidos da esquerda russa (Grenard,1933). Ao falar da participação das agremiações partidárias no conselho é necessário marcar que os bolcheviques – apesar de existir toda uma historiografia que diz o inverso - não tiveram papel relevante na criação desse organismo. Pelo contrário, os futuros comunistas adotaram uma posição hostil ao soviete, pois viam esta instituição como um rival do partido. Segundo Ulan (1976) essa ala da social democracia chegou a condicionar inicialmente sua adesão ao novo organismo operário à uma aceitação, ou melhor subordinação deste à orientação do partido.

Outro fato importante a destacar sobre o conselho petersbuguense é a autoridade que esse organismo adquiriu no âmbito da cidade. Isaak Deutscher nos trás alguns elementos dessa autoridade :

"O soviete conquistou imediatamente uma autoridade extraordinária. Foi o primeiro órgão eletivo que representou as classes trabalhadoras, até então sem direito a voto. Sob um governo que tinha o maior desprezo pelo princípio mesmo da representação popular, a primeira instituição que materializou esse princípio obscureceu

O original seria: "Si remarquables qu'aient été leurs activité et leur impact social, les soviets d'Ivanovo-Voznesensk et de Kostroma (...) n'eurent pendant la grève qu' une importance d'ordre local. A l' image du mouvement de grève qui depuis le mois de janvier se perdait dans une nuée d'actions locales et partielles, ces organismes ne pouvaient guère exercer d'influence directe hors d'un cadre territorial restreint. Seule la grève générale d'octobre 1905 engendra dans la capitale, son epicentre, un organe dont l'influence s'étendit à la Russie enteière, l'organe de direction propement dit de la révolution ouvrière: le Conseil des députés ouvriers de Saint Pétersboug".

moralmente a administração existente. O soviete tornou-se logo de início um fato revolucionário de primeira grandeza" (2005,p.167).

Trotsky, então presidente¹⁸ do conselho da capital, sobre essa autoridade assinala que "O soviete organizava as massas operárias, dirigia greves e manifestações, armava operários e protegia a população contra os progons" ¹⁹ (Trotsky, 1971,p.223).

Dentro do movimento de conselhos de 1905, outro soviete importante foi o de Moscou, erigido logo depois do de São Petersburgo, mais precisamente no mês de dezembro. Em seu apogeu chegou a possuir 180 deputados que representavam 80.000 trabalhadores moscovitas. (Anweiler,1974). O caráter tardio de seu surgimento não impede de desempenhar papel importante na insurreição de dezembro, conforme vimos linhas atrás. Neste sentido, como seu homólogo petersburguense exerceu uma autoridade substancial no âmbito de sua cidade de criação e mesmo para além dela.

A essa altura é necessário marcar novamente que não temos condições de pintar os sovietes do quadro de 1905 em todos os seus pormenores, portanto trabalhamos apenas com alguns exemplos. Nessa linha de exemplificação, vamos trazer para o nosso quadro expositivo os casos de Chita e Krasnoiarsk, na Sibéria, no objetivo de denotar mais substancialmente o poder da autoridade dos conselhos no âmbito das cidades onde eles se erigiram. Em termos diretos, nesses dois centros urbanos siberianos

"apoiados nos soldados do Exército da Manchúria, embebidos de uma febre de subversão, os dois sovietes destituíram as autoridades locais e criaram em seu seio uma seção encarregada de regulamentar as questões administrativas. Alem do mais, em Chita decreta-se a propriedade coletiva das ferrovias, dos P.T.T. e dos bens fundamentais do Estado.²⁰" (Anweiler,1974,p.76).

Em 1905 Trotsky tornou-se presidente do soviete de Petrogrado.

O original seria: "El soviet organizaba a las masas obreras, dirigía huelgas y manifestaciones, armaba a los obreros y protegía a la población contra los progromos" [e] "Gracias a la presión de la huelga, El soviet puso em práctica la libertad de prensa, organizo un servício regular de patrullas en las calles para la protección de los ciudadanos, se apoderó en mayor o menor medida de correos y telégrafos y de los ferrocarriles, e intervino con autoridad en los conflitos econômicos entre obreros y capitalistas..."

O original seria: "Prenant appui sur les soldats de l'armée de Mandchourie, saisi d'une fièvre de subversion, les deux soviets destituèrent les autorités locales et créèrent en leur sein une section chargée de régler les question administratives". En outre, à Tchita on décreéta proprieté collective les chemins de fer, les P.T.T. et les biens fonciers de l'Etat."

Após todo o exposto resgatemos que nossa intencionalidade na presente dissertação é enquadrar os sovietes a partir da ótica da territorialidade. Esta entendida como estratégias, ações de indivíduos, grupos, organizações para controlar pessoas, fenômenos, recursos no intuito de garantir "...o controle das ações e o exercício do poder sobre uma determinada área". (Nogueira 2008,p.11). O pouco do exposto até aqui sobre os conselhos denotam elementos de territorialidade nos termos da definição apresentada: controle ou poder sobre pessoas coisas no âmbito de determinado espaço. Em uma linha de exploração desses elementos, é necessário observar que os sovietes representavam um tipo muito particular territorialidade posto que elas rivalizam ou sobrepujam a territorialidade estatal. Oskar Anweiler (1974) expressa justamente essa idéia mesmo sem utilizar o conceito territorialidade em seu enunciado: "Foi a fraqueza e a desorganização parcial do aparelho do Estado que permitiram ao Soviete de Petersburgo e mesmo alguns de seus homólogos provinciais de usurpar certos poderes administrativos²¹"(Anweiler,1974,p.70). Mas é na citação de Adan B. Ulam (1975) que essa idéia fica marcada de forma mais contundente:

"[Em algumas cidade]...as autoridade locais tinham capitulado inteiramente para o lado dos sovietes. Pelo menos em um caso o governador forneceu armas às organizações revolucionárias, implorando-lhes que não promovessem a pilhagens e desordens. Funcionário do governo, para viajar, tinham de obter autorização dos comitês de greve dos ferroviários. Não poucas localidades tornaramse, para todos os efeitos, 'repúblicas' independentes com os sovietes inteiramente no poder e milícias de trabalhadores patrulhando as ruas, enquanto os governantes titulares e as tropas mantinham-se habilidosamente alheias a tudo" (1975,p.265).

No âmbito de nosso quadro investigativo temos necessariamente que pontuar também algumas diferenças das territorialidades dos sovietes no quadro de 1905. Em termos mais claros, alguns conselhos mais que outros tinham seus raios de ações (poder e influência) no território muito mais ampliado que outros. Os sovietes de São Petersburgo e Moscou são sintomáticos disso, posto que seu raio de influência, controle e ação iam para muito além do âmbito das cidades que o sediavam. Neste sentido, a

_

O original seria: "C'est la faiblesse et la désorganisation partielle de l'appareil d'Etat qui permirent au Soviet de Petersbourg et même à quelques-uns de ses homologues de province d'usurper certains pouvoir administratifs".

importância dessas duas cidades dentro do território russo projetaram a importância dos seus respectivos sovietes dentro da arena territorial de 1905. Afinal de contas não foi de São Petersburgo que partiu uma iniciativa de coordenação do movimento de conselhos?

Na introdução do presente trabalho definimos a cartografia como uma relevante dimensão de nosso discurso. Neste sentido, "... uma linguagem visual cujas propriedades espaciais não podem ser conseguidas por qualquer outra forma de comunicação humana (verbal, escrita,etc.)" (Matias,1996,p.102). Apesar do caráter extremamente reforçador do enunciado de Matias, vamos marcar ainda mais a intensidade da importância daquela componente de nosso discurso com uma assertiva de Fonseca:

"O papel do mapa ao longo da história da humanidade tem sido múltiplo. Trata-se de uma projeção intelectual que ocupa um espectro que vai das atividades mais funcionais, até papéis de significado político e mesmo simbólico. Certamente, os mapas amparam principalmente atividades humanas com forte componente espacial: a exploração, a guerra, o controle estatal e, também as decisões econômicas dos empreendimentos, assim como uma série de atividades dos indivíduos, como, por exemplo, as práticas turísticas" (Fonseca,2007,p.91).

Desta forma, ancorado na imensa possibilidade de uso da cartografia e sua adequação a nossa empreitada analítica da revolução vamos agora partir para uma empirização. Em outros termos, após essas considerações vamos trazer para o quadro de nossa exposição uma representação cartográfica — a primeira de nossa produção - que expressa a revolução russa em sua dimensão soviética no território. Nesta perspectiva, vamos ao mapa **Revolução de 1905: Territorialidades Sovietes.** Destaquemos como primeiro elemento de análise a distribuição do fenômeno conselhos no espaço russo e sua estreita ligação com o quadro viário, ou melhor, ferroviário do império. Neste ponto, é importante tecer um pequeno comentário que ratifica a importância da dimensão cartográfica de nosso trabalho no processo da pesquisa. Trata-se de algo relacionado a essa sobreposição ou ligação entre sovietes e ferrovias. Em termos diretos, na nossa pesquisa uma das principais fontes consultadas sobre a temática sovietes foi o livro do historiador alemão Oskar Anweiler *Les Sovietes en Russie 1905-1921*. Nessa obra — talvez o melhor livro no ocidente sobre conselhos russos — o autor esmiúça essas

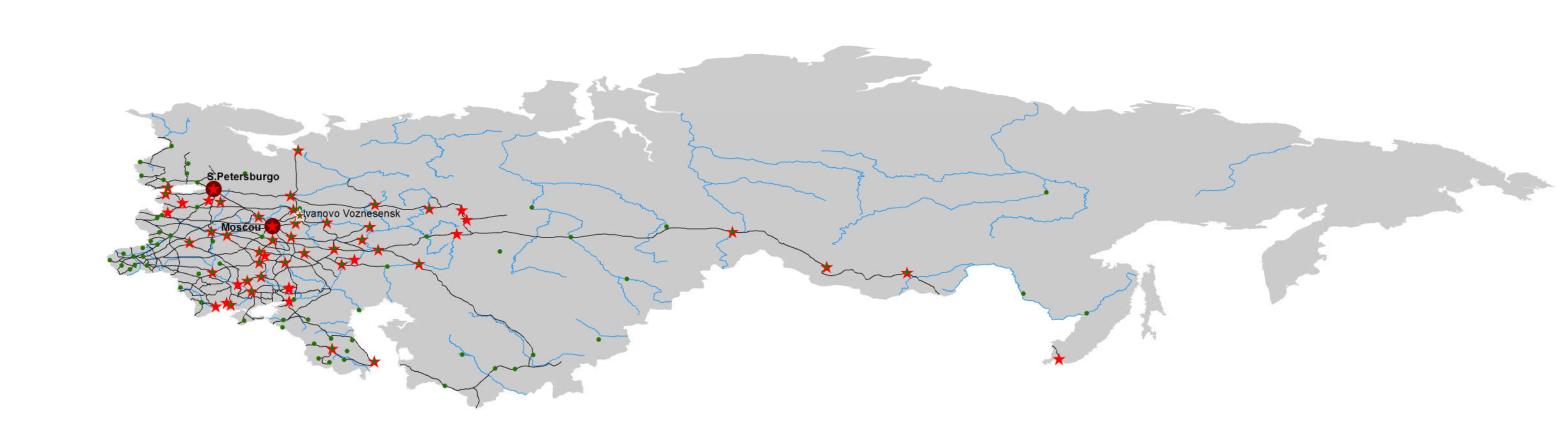
Revolução 1905: Territorialidades Sovietes



Ferrovias

Território Império Russo

Rios

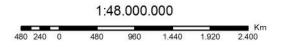


Legenda

- Capitais Imperial (Centros de maiores Concentrações Partido Bolchevique)
- Capitais Provinciais
 - 1º Soviete a Surgir na Revolução
 - Sovietes

Sistema de Projeção: GCS_WGS_1984 Datum: D_WGS_1984

> Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo; 2011.



instituições em várias de suas dimensões: composição política, hierarquia, forma de organização, etc. No entanto, apesar desse quadro de preocupações do autor, ele em nenhum momento de sua análise relaciona o fenômeno soviete com o quadro de circulação do império. Essa correlação somente nos foi revelada quando sobrepusemos no mapa apresentado os planos de informação: cidades, sovietes e ferrovias. Por conseguinte, a cartografia confirma o que havíamos afirmado antes: um importante elemento que serve tanto para localizar os fenômenos como também estabelecer ou revelar relações entre os mesmos. Mas deixemos essa digressão e passemos novamente a análise de nossa representação. Neste contexto de retorno, observemos que partes substanciais dos conselhos surgiram em capitais provinciais - importantes nós da geografia da autoridade czarista no território. Outro elemento de não menor destaque é que os sovietes mais proeminentes – algo já destacado em nossa narrativa – foram o de São Petersburgo e Moscou. Isso, por sua vez, nos lembra uma assertiva de Jeremy Black que diz: "A geografia (...) é mais do que um pano de fundo ou cenário para eventos e processos históricos" (2005,p.11). Em termos sintéticos: a importância de Moscou e São Petersburgo dentro da rede urbana e de forma mais geral dentro do território projetaram a relevância - independentemente da dinâmica do surgimento - dos conselhos das mencionadas cidades para o espaço de soberania czarista.

Essa foi nossa exposição e análise sobre a revolução de 1905. Há muitos mais pormenores sobre esse evento revolucionário, ou melhor, conjunto de eventos, a ser explorado, mas deixemos essa sondagem de elementos do "ensaio geral" para as próximas seções do trabalho dada a sua pertinência comparativa com o processo revolucionário de 1917.

1.2. Os Sovietes de 1905 e o Espectro Político Russo.

Nosso trabalho de uma forma ampla – conforme manifesto na introdução - ancora-se em um quadro de entendimento do geográfico como materialidade, discurso e ação. Nesta perspectiva, na seção passada narramos o aparecimento dos sovietes na arena territorial russa. Na presente seção, vamos deixar de lado a ação e nos concentrar nos discursos, ou melhor, nas linhas programáticas dos diferentes atores políticos do espectro político russo para as novas instituições criadas pela classe operária e demais grupos populares em seu impulso auto-organizativo. Nesta linha, nos deteremos mais pormenorizadamente nas organizações de esquerda do espectro político, mais exatamente naquelas de cunho socialista. Entretanto, antes de nos embrenharmos por essa empreitada, façamos ligeiras considerações de ordem geral sobre o espectro político russo.

Vamos começar pontuando que uma dada formação social compõe-se de um Estado e uma sociedade. Neste sentido, as relações entre o quadro societário e a instituição estatal podem ser de diferentes matizes no tocante ao poder de uma sobre a outra, porém nunca simétricos. Max Weber em sua obra *Ciência e Política: duas vocações* (2004) assinala algumas considerações sobre essas assimetrias. Em suas palavras:

Tal como todos os agrupamentos políticos que historicamente o precederam, o Estado consiste em uma relação de dominação do homem sobre o homem, fundada no instrumento legítimo da violência (isto é da violência considerada como legítima). "O Estado só pode existir, portanto, sob condição de que os homens dominados se submetam à autoridade continuamente reivindicada pelos dominadores" (2004,p.57).

A frase de Weber – apesar de não dar um caráter de classe a esta dominação – reforça sobremaneira, o antes afirmado, a natureza assimétrica das relações sociedade Estado. Diferentemente de Weber, Friderich, Engels (1989) vê a figura estatal pela ótica da dominação, porém permeada por um conteúdo classista. Nesse sentido, em sua obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* assina:

"O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta, do exterior, à sociedade (...) É um produto da sociedade numa certa fase de seu desenvolvimento. É a confissão de que essa sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, se dividiu em antagonismos inconciliáveis de que não pode desvencilhar-se. Mas, para que essas classes antagônicas, com interesses contrários, não se entredevorassem e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente acima da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da 'ordem'. Essa força, que sai da sociedade, ficando, porém, por cima dela e dela se afastando cada vez mais é o Estado". (1989,p.195).

No império russo as assimetrias sociedade Estado eram muito pronunciadas ou possuía contornos muito mais fortes devido às particularidades nacionais. Essas especificidades serão tratadas de forma mais pormenorizada no próximo capítulo. Por ora vamos pontuar que Gramsci (1978,p.75) sobre isso em seu *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno* assevera: "Na Rússia, o Estado era tudo, a sociedade civil era primitiva e gelatinosa".

Ilustrativo desse quadro traçado pelo pensador político italiano é que no império czarista imperava um contexto de plurissecular autocracia que tinha como conseqüência direta para o espectro político a ausência tanto de instituições do movimento operário como sindicatos, cooperativas, assim como também de partidos políticos de massas no estilo ocidental (Ferro,1980). Dentro desse contexto, até a concessão da Duma na revolução de 1905 - que apresentamos na seção passada- não havia na escala do território russo uma instituição representativa de ordem "nacional". Os zemstvos, um conjunto de instituições criadas no bojo das reformas liberalizantes da segunda metade do século XIX, deram algum grau de autonomia a algumas províncias, mas não se criou a partir deles nenhum corpo representativo de toda a população russa (Figes,1999).

Neste contexto, de ausência de instituições democráticas, todos os partidos do espectro político surgiram de forma clandestina e um tanto retardatária quando comparado com os principais países europeus. Sobre esse quadro partidário Ângelo Segrilho (2003) nos traz mais uma especificidade quando afirma que na Rússia "não apenas houve uma formação tardia da estrutura partidária, como as primeiras organizações que podem se afirmar realmente como partidos são exatamente organizações de esquerda radical" (2003,p.13). Desta forma, diferentemente das agremiações políticas de cunho socialista que surgiram anteriormente à primeira

revolução russa, as agremiações de matiz liberal como o Partido Constitucional Democrático, popularmente conhecido como Kadete; ou mesmo os mais à direita como o Partido União 17 de Outubro²² (Outubrista) que defendiam para a Rússia dentre outras coisas um quadro de monarquia constitucional "somente constituíram seus partidos a partir de 1905" (Segrillo,2003,p.13).

Mas independentemente da ordem de fundação das agremiações partidárias russas todas – e nesse conjunto principalmente os de esquerda - tiveram de se posicionar em 1905 no referente aos conselhos. Sobre esse quadro de necessidade as palavras de Oskar Anweiller (1974) são elucidativas:

> "O nascimento dos sovietes e as funções que eles exerceram durante a revolução de 1905 influenciaram profundamente sobre a tomada de posições e sobre as concepções políticas dos partidos socialistas. Estes últimos se viram obrigados a contar com esses organismos na qual eles não tinham podido criar, nem sabido prever a emergência e adotar a respeito deles uma atitude de princípio²³, (1974,p.56).

Nesse contexto, as diferenças no referente à atitude de princípio para com os sovietes divergiam conforme as diferentes agremiações partidárias caracterizaram os organismos de auto-organização da classe operária e popular. Acrescemos, neste ponto, que essas caracterizações de 1905 são praticamente – com exceção da dos bolcheviques - as mesmas projetadas para o ano de 1917, quando novamente os conselhos se farão presentes na arena territorial russa. Entretanto, desta vez de forma muito mais contundente. Feito esses primeiros delineamentos, vamos iniciar esse quadro de caracterizações, mas passemos antes por um rápido histórico dos caracterizadores.

No espectro político da esquerda russa, um importante partido foi o Socialista Revolucionário, mais popularmente conhecido como SR. Fundando no final de 1901 constituía-se uma agremiação partidária legatária do movimento narodniques ou populismo (Schapiro, 2007). Um heterogêneo movimento político do século XIX que

O Nome do partido é uma referência ao documento Manifesto de Outubro do imperador Nicolau II lançado no dia 17 de outubro de 1905 no qual este fazia algumas concessões ao movimento revolucionário. Rever a primeira seção do presente capítulo.

O original seria: "La naissance des soviets et les fonctions qu'ils exercèrent pendant la révolution de 1905 influèrent profondément sur les prises de position et sur les conceptions politiques dês partis socialistes. Ces dernier se virent obligés de compter avec ces organismes dont ils n'avaient ni pu prendre la création à leur compte, ni su prévoir l'emergence, et d'adopter à leur égard une atitude de príncipe".

lutou contra a ordem czarista – tanto por meio de conscientização do campesinato quanto por meio de ações terroristas às principais figuras do regime (Carmichael,1967). E que dentre outras coisas traçou diversas formulações teóricas sobre a formação social russa. Nesse leque de formulações destacam a possibilidade de a Rússia - dada as espeficidade nacionais - saltar diretamente ao socialismo, queimando assim a etapa capitalista de desenvolvimento.

Nessa perspectiva populista, o socialismo na Rússia não seria implantado a partir do embate capital trabalho, mas sim da luta dos camponeses contra a autocracia, sua burocracia e os latifundiários. Ainda nesse esquema teórico narodnique o *mir* ²⁴– uma instituição camponesa russa – seria fundamental para fazer o país queimar a etapa capitalista (Netto,1980).

Arão Reis Filho traça de forma mais clara e sintética os objetivos dos populistas:

"Fazer triunfar um socialismo rural na Rússia, baseado na nacionalização e distribuição equitativa da terra, segundo as possibilidades da cada área, do tipo de cultivo e do número de pessoas (bocas a alimentar, braços a trabalhar) em cada família. A tarefa caberia às comunas rurais, federadas e emancipadas da tutela dos senhores de terra, que seriam liquidados, e de um Estado revolucionário" (Filho,1997,p.29).

Essas formulações narodniques foram abaladas pelo desenvolvimento do capitalismo em solo russo a partir da segunda metade do século XIX com a implementação das grandes reformas pelo czar Alexandre II. No entanto, o corpo de idéias formuladas pelo movimento deu a tônica do pensamento social russo por um longo período, sendo desbancada somente no final do século citado pelo marxismo, ou mais precisamente pela socialdemocracia russa, mas sem antes deixar marcas profundas sobre este último movimento. Conforme, veremos à frente, muitas das formulações da agremiação política bolchevique (uma ala da social democracia russa), por exemplo, têm marcas relevantes do pensamento populista.

O Partido Socialista Revolucionário – como já mencionamos acima - é um herdeiro direto do conjunto de idéias formulado pelo movimento narodinique. Em seu programa aparece, por exemplo, diversos pontos programáticos em que a origem se

41

O mir era uma instituição camponesa que assumia coletivamente um conjunto de obrigações tanto perante a nobreza quanto perante o Estado.

encontra nos populistas. Um deles é a perspectiva de não ver a revolução por uma ótica dual — revolução burguesa como pré-requisito para a revolução socialista (Schapiro,2007). Perspectiva que também será defendida pela ala bolchevique do movimento social democrata, conforme veremos adiante.

Mas a filiação direta aos norodiniques não impede os SRs de em sua linha programática absorver pontos de vistas baseados no ideário de Marx e Engels. Em conseqüência disso no programa do **Partido socialista Revolucionário** se encontram "...concepções marxistas, no que concerne o desenvolvimento do capitalismo e o papel dirigente do proletariado urbano, ao lado pontos de vista antigos sobre a questão agrária e sobre o terrorismo²⁵" (Anweiler,1974,p.11). Nesta linha de mesclagem

"Sem contestar a importância e o vigor do jovem movimento operário russo os S.R. persistiam a considerar o campo como a base da revolução; o camponês russo lhe parecia o agente da realização privilegiada de um socialismo originário na qual a cooperativa agrícola era o grande meio²⁶" (Anweiler, 1974, p. 112).

É por conta desse quadro de consideração que na revolução de 1905 o partido em questão defendia que os camponeses e os operários deveriam:

"... tomar o poder e instaurar uma república democrática no quadro da qual a propriedade da terra passará a comuna camponesa, os cultivadores individuais sendo remunerados de acordo com o trabalho fornecido. Essa socialização do solo criará as condições prévias para o estabelecimento de um socialismo acabado, ao qual poderá em uma larga medida permitir a Rússia ignorar os aspectos negativos do período capitalista²⁷" (Anweiler, 1974, p. 112).

O original seria: "Sans contester l'importance et la viguer du jeune mouvement ouvrier russe, les S.R. persitaient à considérer le village comme la base même de la révolution; le paysan russe leur paraissait l'agent de réalisation privilegie d'un socialisme originaire dont la coopérative agricole était le grand moyen."

O original seria: "On trouve donc dans le programme du nouveau parti des conceptions marxistes, en ce qui concerne le développement du capitalisme et le rôle dirigeant du prolétariat urbain, aux côtés de vues plus anciennes sur la question agraire et sur le terrorisme".

O original seria: "... prendre le pouvoir et instaurer une republique démocratique, dans le quadre de lequelle la propriété de la terre reviendrait à la communauté villageoise, le cultivateur individuel étant rémunéré au prorata du travail fourni. Cette 'socialisation' du sol créerait les conditions préalables à l'établisement d'um socialisme achevé, lequel pourrait dans une large mesure permettre à la Russie d'ingnorer les aspects negatifs de la période capitaliste".

Desenhado um sucinto histórico, referencial teórico e linha programática do Partido Socialista Revolucionários vamos agora a sua concepção tática para as instituições soviéticas. Neste sentido, vamos começar, pontuando que a referida instituição partidária não tinha uma significativa penetração nas cidades, sua maior base de apoio ou sustento encontrava-se no campo (Schapiro, 2007). Em virtude disso, na revolução de 1905 quando a classe operária criou sovietes, os SRs não tiveram penetração significativa nessas instituições já que os conselhos foram sobretudo urbanos Neste contexto, nenhuma atenção substancial os herdeiros do movimento populista dirigiram para àqueles organismos soviéticos em seu programa. Sintomático disso é que no primeiro congresso do partido realizado no final de 1905 não houve nenhum debate no referente aos conselhos (Anweiler, 1974).

Nesse quadro de pouca consideração aos sovietes nenhum eixo estratégico foi delineado. No entanto, é necessário mencionar que os SRs a partir da diferenciação do processo revolucionário em duas fases distintas: uma de derrubada do czarismo e outras de reorganização da sociedade, eles conceberam taticamente os conselhos "... como órgãos insurrecionais e como conseqüência disso como o lugar de junção das forças revolucionárias²⁸" (Anweiler,1974,p.114). Uma posição que conforme veremos á frente se aproxima à da ala menchevique da social democracia russa.

Feito essa sucinta apresentação da tática do **Partido Socialista Revolucionário** para os sovietes vamos agora aos posicionamentos políticos de outra importante agremiação partidária do espectro político russo, a socialdemocrata. O surgimento dessa agremiação política em solo russo remonta ao ano 1898 quando um pequeno grupo de nove delegados de parte diferentes do império russo se reuniu em Minsk para fundar o **Partido Operário Social Democrata Russo** (Carr,1973). Essa reunião que passou para a história como primeiro congresso do partido redigiu um estatuto, um manifesto e elegeu um comitê central de três membros. No entanto,

"O fato de que o partido tenha sido fundado não significa que tenha tomado existência real: tanto o comitê central como os congressistas foram presos imediatamente. A denominação de partido subsiste como etiqueta comum a um conjunto de círculos e organizações de limites mais ou menos claros que praticamente

-

O original seria: "...comme des organes insurrectionnels et, par voie de conséquence comme le lieu de jonction des forces révolutionnaires"

Em vista dessa perseguição no terreno russo, resolveu-se localizar o centro do partido no exterior, mais precisamente na Europa ocidental para melhor poder coordenar as ações clandestinas contra o czarismo.

No segundo congresso realizado em 1903, se adota um programa afinado com a ortodoxia da II Internacional³⁰ em que se delineava para a Rússia uma revolução em duas etapas. Primeiro uma revolução de cunho democrático burguesa, que tinha por função aprofundar o desenvolvimento do capitalismo. Neste primeiro momento, delineava o programa, cabia aos socialistas e ao conjunto da classe trabalhadora ser apenas oposição e não governo, já que o sujeito dirigente e natural do processo revolucionário seria a burguesia. Somente após um razoável interregno, quando as premissas para o socialismo estivessem criadas (desenvolvimento das forças produtivas, criações de uma forte classe operária, etc) o operariado entraria em cena com seus líderes e faria uma revolução de cunho socialista (Filho,1997).

Em linhas anteriores, mostramos que os populistas evoluíram em estreita divergência com os marxistas russos. O Partido Operário Social Democrata Russo não demorou também a apresentar seus dissensos internos que acabaria por marcar a sua história. Uma dessas marcantes divergências se deu no congresso de 1903 no qual se gestou uma polêmica em torno de que organização partidária construir para a Rússia. Nesse campo de discussão apresentaram-se duas propostas: 1, a criação de um partido amplo, nos moldes do SPD alemão; 2, uma organização política mais restrita composta de "revolucionários profissionais". Os defensores desta última proposta historicamente

O original seria: "...El hecho que el partido haja sido fundado no indica que haja cobrado existência real: tanto el comitê central como los congresistas son detenidos casi imediatamente. La apelación de 'partido' subsiste como etiqueta comum a un conjunto de círculos y organizaciones de limites más o menos claros que práticamente permanecem independientes unos de otros"

A Segunda Internacional (1889-1914) foi uma organização que tinha como objetivos coordenar a luta do proletariado internacional contra o capital. Ela foi criada sob os auspícios do Partido Social Demmocrata alemão (SPD) e congregava em seu seio os diversos partidos operários então existentes. Diferentemente da I Internacional (1864-1876) a II tinha contornos ideológicos bem demarcados, posto que se declarava legatária das idéias de Marx e Engels. Esta organização, por certo, tempo deu a tônica tanto dos princípios organizativos partidários como a linha interpretativa das obras de Marx, assim como também a linha programática das organizações operárias. Essa hegemonia sobre o movimento socialista internacional somente foi rompida em 1914, no contexto da eclosão da primeira Guerra Mundial e a fundação da III Internacional, em 1919, sob influência direta dos bolcheviques, na conjuntura da revolução russa. Para um melhor histórico e caracterização sobre a II Internacional ver as obras: *História do Marxismo* (V1 e 2) de Eric Hobsbawm e *A Segunda Internacional pelos seus* | *Congressos (1889-1914)*, de Edgar Carone.

ficaram conhecidos como bolcheviques. Eles propugnavam que devido ao ambiente de perseguição perpetrado pela autocracia, o caráter da organização política a atuar em terreno russo teria necessariamente de ser "um partido ' revolucionários de profissionais' de efetivo limitado, mas manejável como um exército de campanha, e que o Estado-maior conduzira à insurreição assim que se reunissem condições de sucesso" (Ferro,1967,p.19). Os defensores da primeira proposição, historicamente ficaram conhecidos como mencheviques. Mais afinado com a ortodoxia da II Internacional advogavam que um partido marxista para a Rússia teria que ter um caráter amplo, de massa, portanto menos centralizado.

Mas as diferenças entre as duas alas da social democracia russa não ficaram restrita a essa divergência de natureza organizativa. No decorrer do tempo elas se evoluíram para outros campos e em 1912 ocasionaram a cisão completa do movimento marxista russo em duas instituições partidárias: a menchevique e a bolcheviques. Duas agremiações com posições e concepções extremamente distintas sobre o caráter da revolução, o sujeito social a encampá-la, as alianças a se realizar dentro do campo revolucionário etc (Filho,1997). Um dos marcos de processo de diferenciação do marxismo russo em duas alas diametralmente opostas é a revolução de 1905 que virou pelo avesso algumas definições já consagradas (Strada,1984).

Neste contexto, por exemplo, os bolcheviques rompendo com a ortodoxia, advogavam para o quadro russo uma revolução democrática burguesa feita pelo operariado em aliança com o campesinato. Na nova caracterização bolchevique a burguesia era demasiadamente fraca para realizar suas tarefas históricas. Portanto, nessa perspectiva, caberiam ao proletariado conjuntamente com os camponeses e demais setores oprimidos e explorados da sociedade formar um **governo operário-camponês** – no âmbito de edificação de uma república democrática - para resolver as principais problemáticas sociais que perpassavam a sociedade: a questão agrária, questão operária, questão das nacionalidades, etc (Ulam,1976). O quadro de inovação dos futuros comunistas no referente à ortodoxia marxista não para nesse ponto. Em 1917, rompendo com a idéia de revolução burguesa eles passam a defender uma revolução de cunho socialista para a Rússia em um esquema teórico que propugnava que a revolução socialista russa somente seria exitosa se ela funcionasse como prelúdio da revolução socialista internacional dado que o nível das forças produtivas locais era demasiadamente atrasado (Carr,1973).

Enquanto os bolcheviques faziam essas inflexões em suas estratégias, os

mencheviques, por sua vez, continuaram apegados aos cânones da II internacional. Portanto, defendendo a revolução em duas etapas, a burguesia como força motriz na derrubada do czarismo, a criação de um partido de massa e outras demais ortodoxias (Figes,1999). Feito a apresentação dessas duas alas do marxismo russo cabe agora tecer considerações sobre suas táticas para os sovietes. No contexto dessa explanação, vamos começar pela fração mais ortodoxa da social democracia russa.

Os mencheviques, ao que pese o fato de não termos conseguido chegar à grade de localização dessa ala da socialdemocracia no território russo, tiveram - conforme vimos na seção anterior - um papel importante no interior de alguns sovietes do processo revolucionário de 1905. Seu quadro de consideração tática para essas instituições está completamente ligado a sua linha programática para a revolução russa. Como vimos anteriormente, na ótica menchevique a ruptura social no país dos czares se daria em duas etapas: primeiramente uma revolução de cunho bu rguês e em um segundo momento uma revolução muito mais radical de cunho socialista. Neste sentido, o apego a este esquema teórico fazia com que o protagonismo na primeira etapa coubesse muito mais a burguesia que ao proletariado já que este somente estaria apto a ser direção quando a Rússia passasse por um robusto processo de desenvolvimento capitalista que criasse, por sua vez, as premissas para o socialismo: uma forte e consciente classe operária dotadas similarmente de fortes e conscientes instituições de classes como partidos, sindicatos, cooperativas, etc. Em função dessa perspectiva, a tarefa colocada aos revolucionários marxistas no "ensaio geral" era a formação de um sólido partido social democrata e a fundação de instituições sindicais até então inexistentes na Rússia.

O rebatimento desse quadro teórico sobre a tática para os sovietes - criado pela classe operária em 1905 - era que essas instituições seriam órgãos temporários da auto-administração revolucionária local e neste sentido serviriam tanto como elemento de extensão da insurreição como de desagregação da ordem czarista (Anweiler,1974,p.88). Nessa perspectiva ainda, em virtude da fraqueza do partido social democrata russo e da ausência de outras instituições operárias os conselhos seriam também "... organizações encarregadas de dirigir a luta das massas operárias as quais o partido não havia ainda conseguido tocar, mas com esses órgãos tinha a possibilidade de conquistar a direção ³¹" (Anweiler,1974,p.86). Não se desenhava – nesta linha esquemática - para os sovietes um quadro de permanência, já que a revolução a ser realizada seria burguesa. Sobre isso

O original seria:"..organizations chargées de diriger la lutte des masses ouvrière que le parti n'était pás encore arrivé à toucher et qu'il avait ainsi la possibilité de conquérir".

vejamos o que diz Oskar Amweiler (1974):

"... os menchevique não atribuíam aos conselhos funções permanentes, nem mesmo mais extensas. Tratava-se aos seus olhos, na melhor das hipóteses, de organismos destinados preencherem de forma provisória a ausência de um grande partido de massa ou a fraqueza dos sindicatos, mas desde que estes estivessem aptos a tomar a frente, os conselhos seriam secundarizados³², (Anweiler, 1974, p. 88).

Em suma, essas eram as concepções táticas dos mencheviques para os sovietes de 1905. Em 1917 – conforme veremos na próxima seção - as mesma instituições voltaram se impor no território russo só que desta vez de forma muito mais substancial. Novamente a referida ala da social democracia russa ocupará importantes posições dentro da rede de conselhos. No entanto, presa ao esquema teórico de conceber a revolução russa em duas etapas não traçará para os conselhos algo mais estratégico, em conseqüência disso perderá a preponderância dentro destes organismos.

Desenhado o quadro de consideração dos mencheviques para os conselhos de 1905 vamos agora a outra ala do Partido Operário Social Democrata Russo, a bolchevique. Esta dispensa apresentação, pois em linhas anteriores já traçamos uma sucinta exposição tanto sobre suas principais concepções teóricas referente à revolução quanto sobre seu histórico, portanto nesta altura vamos somente pontuar seu quadro de consideração para os conselhos.

Neste sentido, vamos começar afirmando que a agremiação política bolchevique era um tanto circunspecta à espontaneidade da classe operária e mais amplamente a das massas. A concepção de partido que Lênin defendera em sua obra *Que Fazer?* era de um ente político de elite ferreamente centralizado que tinha como missão - dentre outras coisas – levar a consciência à classe operária. A "consciência vem de fora" dizia um trecho da referida obra (2006). O efeito direto dessa concepção partidária sobre o norte orientativo da aludida fração da social democracia russa foi que

"O papel dirigente do partido era o *alfa* e o *ômega* (grifo do autor) do programa bolchevique.[e] A partir do momento onde a

_

O original seria: "Mais les mencheviks n'attribuaient pas aux conseils des fonctions permanentes, ni même plus étendues. Ils s'agissait à leur yuex d'un pis-aller, d'organismes destines à pallier l'absance d'un grand parti de masse ou la faiblesse des syndicats, mais dès qu'ils seraient en mesure de le faire, ces derniers – parti et syndicats – prendraient la relève".

revolução de 1905 abraça as massas, os bolcheviques se encontram confrontados sempre em desvantagem em relação ao problema de saber como conciliar esse papel dirigente incontestável, que eles reivindicavam, com o processo espontâneo do movimento operário³³, (Anweiler,1974,p.93).

Por conta dessa debilidade em diversos pontos da Rússia onde existiam sovietes e os bolcheviques estavam presentes eles exigiam que as instituições conselhistas se submetessem a disciplina do PSODR e conseqüentemente à direção do partido. Neste contexto de desconfiança em alguns centros urbanos os comitês locais partidários chegaram a se opor ferrenhamente a formação de conselhos. Sobre isso Oskar Anweiller (1974) pontua que a formação tardia de muitos sovietes de províncias se deve a esse caráter hostil dos bolcheviques àquelas instituições. O mesmo autor marca como casos concretos, os sovietes da cidade de Tula e Nijni-Novgorod, Saratov, etc. Fato emblemático também nesse quadro de desconfiança dos futuros comunistas em relação organismo soviéticos é a publicação de diversos artigos que defendiam essa linha de supremacia do partido em relação aos conselhos. O *Novaia Jizn*³⁴ (Nova Vida) - um jornal socialista criado pela fração bolchevique em outubro de 1905 é um exemplo cabal disso. O primeiro número da referida publicação, por exemplo, trazia um editorial em que delineava os sociais democratas como os dirigentes naturais dos sovietes (Ulam, 1976).

Com base nessa perspectiva de submissão, os bolcheviques de São Petersburgo elaboram uma moção publicada no já mencionado jornal em que se demandava que o conselho dessa cidade adotasse o programa e a direção do partido. Moção essa – diga-se de passagem - que foi rejeitada em peso pela instituição auto-organizativa dos trabalhadores. Vejamos um trecho do documento em questão:

"Todos os operários organizados em sindicatos devem se encontrar debaixo da bandeira do Partido social democrata da Rússia. É por isso que giramos para o soviete operário que se formou no curso da última greve política e considerando que o programa do partido

O original seria: "Le rôle dirigeant du Parti, tel était **l'alpha** et **oméga** du programme bolchevik. A partir du moment ou la révolutión de 1905 embrasa les masses, les bolcheviks se trouvèrent confronte tourjour davantage au problème de savoir comment concilier ce rôle de dirigeant incotesté, qu'ils revendiquaient, avec le processus spontané du movimento ouvrier"

O Novaia Jizn na conjuntura revolucionária de 1905 tornou o órgão central do partido social democrata da Rússia.

social democrata e o único aceitável para ele, lhe propusemos dirigir sua luta ulterior pela república democrática, pela jornada de trabalho de 8 horas e pelo socialismo nas fileiras deste partido³⁵" (MOÇÃO Apud, Cementri, 2005, p. 436).

Na mesma linha de submissão, o militante bolchevique Radin publica no mesmo periódico um artigo denominado *El soviete de diputado obrero o el partido* em que faz uma – como o próprio nome do artigo indica - contraposição do soviete ao partido. Nessa contraposição denota nitidamente a importância do último em relação ao primeiro. Vejamos um trecho do texto em questão:

"Diferente do Partido operário social democrata da Rússia, o soviete uniu em suas fileiras todo o proletariado de São Petersburgo, independentemente do grau de consciência de suas diversas camadas (...) Portanto não pode ser o dirigente político das massas operárias e somente pode dirigir tal ou qual manifestação precisa do proletariado, estar à cabeça de ações ativas (sic) precisas das massas (...) para ser uma direção política, é necessário ter um programa claramente expressado, objetivos definitivos precisamente (...) uma organização em ordem formada por indivíduos que aceitam este programa claramente e disposto a combater por estes objetivos³⁶, (RADIN, apud, Cementri,2005,p.437).

Mas um ponto de inflexão importante na concepção bolchevique de soviete vem justamente do autor do *O Que Fazer?* Vladimir Ilitch Lênin, então exilado na Suíça. Em um artigo datado de novembro de 1905 e intitulado *Nossas Tarefas Políticas e os Sovietes de Deputados Operários*³⁷ Ilitch, contrapõe-se a posição de Radin - o militante

O original seria: "Todos los obreros organizados en los sindicatos deben encontrarse bajo la bandera del Partido socialdemócrata de Rusia. Es por ello que giramos hacia el soviet obrero que se formó en el curso de la última huelga política y, considerando que el programa del Partido socialdemócrata es el único aceptable para el, les propusimos dirigir su lucha ulterior por la república democrática, por la jornada de trabajo de 8 horas y por el socialismo en las filas de este partido".

O original seria: "A diferencia del Partido obrero socialdemócrata de Rusia, el soviet unió en sus filas a todo el proletariado de Petersburgo, independientemente del grado de conciencia política de sus diversas capas (...) Por lo tanto no puede ser el dirigente político de las masas obreras y solo puede dirigir tal o cual manifestatición precisa del proletariado, estar a la cabeza de acciones activas (sic) precisas de las masas (...) para ser una dirección política, es necesario tener um programa claramente expresado, objetivos definitivos precisamente (...) uma organización en orden formada por indivíduos que acepten este programa claramente y dispuestos a combatir por estos objetivos"

Lênin escreve esse artigo a partir de seu exílio na Suíça e deixa a disposição da direção do partido na Rússia publicá-lo. O que não ocorre, portanto os militantes bolcheviques não tomaram conhecimento do referido texto.

que houvera escrito *El soviete de diputado obrero o el partido* – e defende uma postura não sectária em relação aos conselhos. Neste sentido ele assevera no referido artigo:

"Creio que o camarada Radin não tem razão quando (...) estabelece o problema do seguinte modo: Soviete de deputados operários ou partido? Eu penso que não é assim como se deve se estabelecer, que a resposta deve ser forçosamente: soviete de deputados operários ou partido. O problema – e de capital importância – é unicamente como distribuir e como coordenar as tarefas do soviete e as tarefas do Partido Operário Socialdemocrata da Rússia.

Ao meu parecer, não seria conveniente que o soviete adira de forma exclusiva a um só partido³⁸" (Lênin, 2005,p.442).

Vendo nos sovietes uma organização a se somar no quadro de luta contra o czarismo, Lênin ainda complementa: "Opino que para dirigir hoje a luta política são necessários indubitavelmente e por igual tanto o soviete (...) como o partido ³⁹"(Lênin,2005,p.444). E delineando uma perspectiva mais estratégica para os conselhos assevera: "Creio que o soviete deve proclamar-se o quanto antes **governo provisório revolucionário** de toda a Rússia ⁴⁰" (Lênin,2005,p.444). Nesta perspectiva leninista os sovietes seriam tanto órgão insurrecional quanto embrião de um governo provisório revolucionário.

As posições de Lênin sobre os sovietes de 1905 não tiveram na orientação de seu partido nenhum peso prático, posto que não chegaran a serem publicadas ⁴¹, no entanto serviram de ponto de partida para a estratégia bolchevique de 1917 quando os sovietes voltaram a se impor na arena política e foram utilizados tanto como elemento de afirmação do Estado e delineados elementos permanentes da estrutura estatal. Mas a história dessa evolução estratégica fica para as próximas seções.

Feito a apreciação dos bolcheviques vamos, por último, agora nessa seção tecer

O original seria: "Creo que el camarada Radin no tiene razón cuando (...) plantea el problema del seguiente modo: Soviete de diputados obreros o partido? Yo pienso que no es así como se deve plantearse, que la respuesta debe ser forzosamente: soviete de diputado obreros o partido. El problema – y de capital importancia – es únicamente cómo distribuir y cómo coordinar las tareas del soviet y las tareas del Partido Obrero Socialdomócrata de Rusia. A mi parecer, no sería conveniente que el soviet adhiera em forma exclusiva a um solo partido".

O original seria: "Opino que para dirigir hoy la lucha política son necesarios indudablemente y por igual **tanto** el soviet (...) **como** el partido"

O original seria: "Creo que el soviet deve proclamarse cuanto antes **gobierno provisional revolucionário** de toda Rusia o – lo que es lo mismo, pero dicho de outra manera –debe crear el gobierno provisional revolucionário

Rever nota de rodapé 37.

o quadro de consideração dos anarquistas para os sovietes. A presença dessa corrente socialista na vida política do país dos czares era de longa data. Sintomático disso é que duas importantes figuras do anarquismo internacional nasceram na Rússia, Kropotkim e Bakunin. Essa corrente política diferentemente dos Sociais democratas e Socialistas Revolucionários não eram - por razões de cunho ideológicos - um partido unificado. Apesar dessa ausência de unificação, "...formavam pequenos grupos em numerosas cidades e editavam toda uma literatura⁴²" (Anweiler,1974,p.116). Por conta desse caráter pulverizado os anarquistas, não tiveram uma presença massiva nas instituições soviéticas – com exceção do soviete da cidade de Bielostock onde eles tinham maioria.

Oskar Anweiler (1974) assevera que as informações sobre a posição dos anarquistas no referente aos sovietes são raras. Apesar dessa falta de informações, o referido autor pontua:

"Não se pode duvidar que os anarquistas tenham olhado os conselhos de deputados operários como formações muito vizinhas das livres confederações operárias a base de fábricas que lhes eram tão cara. Eles podiam aí se deleitar não somente com o princípio democrático da obchina independente, mas ainda com uma forma conveniente dessa gestão operária das fábricas que eles reclamavam ⁴³, (1974,p.117).

De nossa parte asseveramos que o caráter descentralizado dos sovietes casava-se com alguns pontos programáticos anarquistas: autonomia da ordem local, fraqueza do Estado, etc.

Essas foram as caracterizações das diferentes agremiações políticas russas para as instituições soviéticas no *ensaio geral de 1905*. Em 1917 os mesmos organismos – de forma muito mais contundente - ressurgiram na arena territorial. E novamente os partidos e movimentos do espectro político tiveram que se posicionar a seu respeito. A conseqüência disso para o quadro de nossa dissertação é que novamente teremos que trazer para o âmbito de nossa exposição os referidos posicionamentos, mas antes disso

O original seria: "...les anarchistes formaient de petits groupes dans le nobreuses villes et éditaient toute une littérature".

O original seria: "On ne saurait douter que les anarchistes aient regardé les conseils des députés ouvriers comme des formations très voisines des libres confédérations ouvrières à base d'entreprise qui leur tenaient tant à coeur. Ils pouvaient y délecer non seulement le principe démocratique de l'obscina indépendante, mais encore une forme convenant à cette gestion ouvrière des fabriques qu'ils réclamaient".

vamos ao processo revolucionário de 1917. Passemos, portanto a próxima seção.

1.3 A Revolução de 1917 e os Sovietes.

Os acontecimentos que deram início a revolução russa de 1917 teve início na capital do império, São Petersburgo, batizada depois do início da guerra de 1914 - por questões de nacionalismo - de **Petrogrado**. Manifestações operárias de natureza espontâneas no final do mês de fevereiro seguida da neutralidade e depois adesão das guarnições privaram o antigo regime de seus principais elementos de força. Como conseqüência disso, efetuou-se a queda da tricentenária dinastia dos Romanovs, personificada na figura do Czar Nicolau II⁴⁴.

Em tal conjuntura, e como expressão da luta de classe, o vazio de poder deixado pelo antigo regime nesse importante centro do império russo foi rapidamente "preenchido" por duas instituições de distintas origens sociais e políticas. Elementos políticos saído da dissolvida Duma formaram o **Governo Provisório** na tentativa de ocupar o espaço vacante. Na mesma linha, a experiência do soviete da **Revolução de 1905** foi ressuscitada.

As palavras de Oskar Anweiler corroboram o que dissemos acima:

"É apenas no momento onde a vitória da revolução na capital foi no essencial garantida que quase ao mesmo tempo, duas instituições se empenham em dar uma forma organizada ao movimento de origem espontânea: o comitê da Duma e o Soviete (...).

De fato, o Comitê da Duma composta de 'pessoas privadas', não gozavam de uma legitimidade superior àquela do Soviete que se instituiu simultaneamente ao comitê da Duma e cuja origem indiscutivelmente revolucionária lhe valeu imediatamente a maior popularidade e autoridade no seio das massas ⁴⁵ (Anweiler,1954,p.125).

A composição do **Governo Provisório** foi formada, sobretudo por elementos provenientes da agremiação partidária kadetes e outubristas. Exceção feita a Kerensky,

O original seria: "Ce n'est qu'au moment où la victoire de la révolution dans la capitale fut pour l'essentiel un fait acquis que, presque en même temps, deux centre s'employérent à donner un forme organisée au mouvement d'origine spontanée: le comité de la Douma e et le Soviet (...).

Os acontecimentos que precipitaram aquilo que passou para a história como Revolução de Fevereiro teve início no dia 23 de fevereiro de 1917 e durou até 2 de março com a abdicação do Czar Nicolau II.

En effet, le Comité de la Douma composé de 'personnes privés', ne jouissait pas d'une légitimité superieure à celle du Soviet qui s'etait institué simultanément à lui et donc l'origine indiscutablement révolutionaire lui valut d'emblée la plus grande popularité et autorité au sein des masses".

que era proveniente do campo socialista e que adentrou ao gabinete do mencionado governo na condição de ministro da justiça. No referente à linha programática, os homens que encabeçaram o Governo Provisório não planejavam reformas de corte tão profundo para o país. O objetivo era reestruturar a Rússia democraticamente e prosseguir a guerra até a vitória. Por sua vez, os líderes do Soviete de Petrogrado eram sobretudo social-democratas da ala mencheviques e socialistas revolucionários. Estas agremiações políticas concebiam a revolução russa, nos marcos de uma revolução democrático-burguesa (principalmente, os primeiros). Para esses partidos, o horizonte de uma revolução de cunho mais radical e socialista estava no futuro. Por conta, sobretudo dessas concepções, essa ala do socialismo russo optaram por não assumir o poder e nem participar do Governo Provisório, mesmo o Soviete, gozando de grande autoridade entre as massas da capital e dispor do poder real: autoridades sobre as tropas, controle sobre as ferrovias e telégrafos (Figes, 1999). Em vez disso, resolveram sustentar o governo saído da Duma na medida em que este se comprometesse a realizar as reformas democráticas a partir da convocação da Assembléia Constituinte. Rex A. Wade ilustra essa curiosa relação entre essas duas instituições. Neste sentido ele pontua: "O "governo tinha autoridade formal, mas limitado poder enquanto o Soviete tinha poder real, mas não responsabilidade formal de governo⁴⁶" (Wade,2005,p.57). Fato paradoxal a se destacar neste contexto ainda, é que enquanto a autoridade do Governo Provisório era duramente contestada, no plano externo ela era a única reconhecida pelos aliados de guerra do combalido czarismo: Império Britânico, França, Estados Unidos, etc. (Kochan, 1968).

Foi assim, que se edificou o regime que boa parte da historiografia sobre Revolução Russa consagrou como **Dualidades de Poderes.** Adiante problematizaremos a natureza dessa dualidade, mas antes disso, explanemos um pouco mais da narrativa dos acontecimentos. Entretanto, desta vez, nos centrando nos fatos ocorridos além do perímetro da cidade de Petrogrado. Em outros termos, nessa altura de nossa exposição, deslocaremos a narrativa dos acontecimentos revolucionários da capital e passaremos para o rebatimento da revolução no restante ou conjunto do país.

"...o Estado se suas instituições se abalam por assim

O original seria: The government had formal authority but limited power, while the Soviet had real power but no formal responsibility for government".

dizer subitamente, como impulsionadas pela queda do czarismo. Aqueles que mais se identificavam com o antigo regime desapareceram primeiro, os burocratas, os padres com conseqüência⁴⁷" (Ferro,1976,p.99).

Nesta conjuntura, *a revolução enquanto ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida* toma corpo pelo território. A dimensão soviética desse processo similarmente a 1905 não deixa de se manifestar. Oskar Anweiler (1974), capta de forma substancial essa dimensão do processo por intermédio do seguinte enunciado:

"A aparição de sovietes em toda a Rússia, após a Revolução de Fevereiro, constituiu-se mais ou menos um fenômeno de massas. Esse foi um movimento espontâneo no sentido em que os sovietes surgem em toda parte independentemente um dos outros e sem a menor preparação teórica, em função dos imperativos da hora 48° (1974,p.137).

Assim,

"Dentro de poucos dias não houve cidade de Minsk a Vladivostok, que não se atribuísse sua administração revolucionária. Soviet ou comitê: no dia 17 de março de 1917 quarenta e nove cidades já haviam organizado seu Soviets; a 22 de março havia setenta e sete Soviets de cidades, aos quais deve ser acrescentados os Soviets de camponeses ou de soldados, os comitês revolucionários de toda espécie" (Ferro,1974,p.39).

Neste contexto revolucionário, "Cobrindo todo o território russo, a rede de conselhos locais de deputados operários e soldados constituía uma espécie de espinha dorsal da revolução ⁴⁹" (Anweiler,1972,p.144). Como pudemos perceber, a revolução em sua dimensão soviética formara-se em Petrogrado, um dos mais se não o mais

O original seria: "... l'Etat et ses instituitions s'effondrèrent pour ainsi dire subitement, comme entreînés par la chute du tsarisme. Ceux qui s'identifiaint les plus à l'ancien régime disparurent les premiers, les bureaucrates et les prêtes par conséquent".

O original seria: "L'apparition de sovietes dans toute la Russie, après la révolution de Février, constitua au plus au point un phénomène de masse. Ce fut un mouvement spontané en ce sens que les soviets surgirent partout, indépendamment les un des autres et sans la moindre préparation théorique, en fonction des imperactives de l'heure".

O original seria: "Couvrant tout le territoir russe, le reseau des conseil locaux de députés ouvriers et soldats constituait em quelque sorte la charpante osseuse de la revolution".

importante núcleo urbano do Império⁵⁰. Entretanto, o que acontecera numa das principais nodosidades do território russo rapidamente se fez refletir para o conjunto do outrora espaço de domínio czarista. Em outros termos, a revolução que se engendrara em Petrogrado, expandira-se, territorializara-se ou se constituíra para o restante do país, varrendo toda a autoridade do antigo regime. Oskar Anweiler é o autor que, mais uma vez, nos mostra a dimensão da dinâmica de territorialização tanto espacial quanto temporal desse processo:

"O movimento toca em primeiro lugar as grandes cidades de província, os centros industriais de forte população operária e as numerosas cidades de guarnição. Os sovietes ai se instituem quase em todos os lugares no decorrer do mês de março. Eles somente surgiram mais tarde nas cidades de menor concentração operária ou militar, nos distritos e burgos rurais, nas regiões recuadas⁵¹" (Anweiler, 1974, p.140).

Desta forma, partindo, dos centros urbanos maiores para os menores a revolução em sua dimensão soviética espraia-se para o conjunto da rede urbana russa, fazendo dos conselhos uma importante instituição no cenário político já que eram nelas que o grosso da população do outrora império russo em sua dimensão operária, militar e mais tarde camponesa passou a se agregar. Neste contexto, os sovietes nas cidades passaram a ser a maior autoridade ao assumir funções - por meio de sua ação política - outrora realizada pelo Estado czarista: controle dos transportes, comunicação, vigilância, autoridade sobre as tropas, etc. abastecimento, etc. Mas é necessário dizer que em muitos núcleos citadinos, os conselhos tiveram sua autoridade fortemente rivalizada por outras instituições de origem pré-revolucionária como por exemplo: as Dumas Municipais, os zemstvos, etc. Além disso, a população urbana em sua dimensão operária e militar e, de forma mais geral, popular, seguindo o impulso auto-organizador aberto com a revolução criaram também várias instituições de caráter similar aos sovietes dentro do espaço intra-urbano porém de caráter mais restrito. Como registra Marc Ferro: "Havia todos os

Para termos uma idéia da centralidade de Petrogrado vamos a algumas cifras: a capital imperial russa concentrava em 1917 uma população operária de 400.000, o que por sua vez correspondia a 11% do operariado de todo o império. No referente ao contingente de tropas, este chegava a cifra de 466.800. Para maiores detalhes ver: Leonard Schapiro, 1987.

O original seria: Le mouvement toucha em premier lieu les grandes villes de province, les centres industriels à forte population ouvrière et les villes à garnison nombreuse. Des so viets s'y instituérent presque partout au cours du mois de mars. Ils ne firent que plus tard dans la ville de moindre concentration ouvrière ou militaire, dans le cercle e bourgs ruraux, dans le regions reculées".

tipos de sovietes ⁵²" (1976,p.293). Exemplos cabais disso são os **Comitês de Fábricas** ⁵³, os comitês de bairros, etc. Os primeiros, sediados nas fábricas cedo se organizaram e se tornaram um foco de tensão com os sovietes das cidades, dados que os comitês tendiam a ser mais radicais em suas reivindicações. Foi a partir desses organismos que os operários começaram reivindicar e realizar a autogestão das fábricas e criar as milícias operárias no decorrer da radicalização do processo revolucionário (Kochan,1968).

Apresentado os sovietes em sua dinâmica geral de surgimento no território, cabe agora dar conta de outros aspectos de sua natureza e formação. Neste sentido, como o movimento de conselhos é muito amplo e o nosso acesso as fontes é muito limitado, vamos nos centrar em alguns desses organismos que seja representativo desse universo de sovietes. Essa concentração analítica em apenas alguns conselhos, pode até ser bastante criticável, mas diante do quadro de fontes – como já frisamos – que trabalhamos torna-se uma operação metodológica perfeitamente válida e justificável.

Nessa perspectiva de abordagem, comecemos, portanto pelo Soviete de Petrogrado, o primeiro a surgir e um dos principais senão o principal da Rússia. E nesta linha de exame, principiemos pela estrutura organizativa. Esta não teve uma feição acabada de pronto (Kochan, 1968). Porém, em pouco tempo, mais exatamente "... em pouco menos de dois meses o Soviete de Petrogrado, em sua origem organismo provisório, se transformou em um aparelho administrativo muito arrumado. Várias centenas de empregados, secretários a maior parte do tempo dedicado a serviço do Soviete⁵⁴" (1974, p.133). Esse "aparelho administrativo" no referente à sua estrutura institucional era composto por um comitê executivo que se encarregava do trabalho prático e de uma assembléia geral de deputados provenientes das fábricas de Petrogrado e da guarnição local. Em termos de estrutura de poder, o comitê executivo tomava as principais decisões e depois submetia à aprovação da assembléia geral (Chamberlin,1967). Além desses organismos principais foram criadas diversas comissões - mais exatamente quinze - para dar conta de realizar as diferentes tarefas do

O original seria: "Il y avait toutes sorte des sovietes".

Os comitês de fábricas eram organizações – como já dissemos acima – de caráter mais proletário que os sovietes de cidades, posto que eles se formaram a partir do mundo da fábricas. De natureza totalmente antipatronal eles cedamente se tornaram base operativa dos bolcheviques. Aliás quando os futuros comunistas retiram a palavra de ordem "*Todo poder aos Sovietes*" em julho de 1917 – por motivos que veremos de forma mais pormenorizada à frente - eles cogitaram a possibilidade de tomar o poder apoiado quase unicamente nessas instituições.

O original seria: " ... en un peu moins de deux mois, le Soviete de Pétrograd, à l'origine organisme provisoire, s'était transforme en un appareil administratif bien rodé. Plusieurs centaines d'umployés, des secrétaire la plupart du temps, se activaient dans ses services".

soviete. Eis algumas: comissão de trabalho, defesa, finanças, jurídica, transporte, abastecimento, propaganda, agitação, informação, bairros, etc. (Ferro,1980). O comitê executivo órgão que na realidade concentrava o poder do conselho, no final do mês de março era composto por 42 membros. Todos em sua grande maioria provenientes dos partidos políticos da esquerda russa, princip almente Mencheviques e Socialistas Revolucionários. Os bolcheviques somente adquiriram preponderância nessa estrutura que concentrava o poder e, de forma geral, no conjunto dos soviete poucos meses antes da Revolução de Outubro. Tomavam assento na executiva do conselho também delegados dos comitês de bairros, representantes de sindicatos alguns deputados dos sovietes de cidades provinciais, etc. (Anweiler,1974). No referente ao número de deputados tanto de operário quanto de soldados que o conselho aglomera va Anweiler nos dá a cifra de 3000 (Anweiler,1974.)

Em Moscou, segunda cidade mais importante do império russo, o soviete foi constituído em 1º de março. Seu número de deputado alcançou a cifra de 700 em junho de 1917. Diferentemente de Petrogrado, o conselho moscovita era representativo apenas dos operários. Malgrado essa diferença, existiam algumas similaridades como a estrutura organizacional: comitê executivo, assembléia geral e comissões. E igualmente à capital o aparelho do soviete tornou-se rapidamente uma imponente máquina administrativa (Anweiler,1974).

Em realidade é necessário marcar que no referente ao quesito organizativo, "A organização do Soviete de Petrogrado se encontra, com variantes, na maior parte das cidades onde um soviete de deputado se constituiu⁵⁵"(Ferro,1980,p.41,42). Chamberlin (1967) confirma essa assertiva: "Desde o ponto de vista de seu caráter geral e de sua organização os sovietes provinciais seguiram bastante de perto o modelo oferecido pelo de Petrogrado, ainda que a estrutura dos sovietes locais variasse em conciliação com as circunstâncias ⁵⁶" (1967,p.149). Sintomático dessas variações é que em algumas cidades os conselhos se erigiram somente como sovietes de deputados operário e em outros núcleos urbanos como sovietes de deputados operário e soldados. Exemplos dos primeiros são os da cidade de Arkhangelsk, Baku, Minsk, Ekaterinburgo e a própria Petrogrado; do segundo, Viatka, Nikolaiev, Krasnoiarsk, Saratov, Cronstadt, Moscou,

O original seria: "L'organisation du Soviet de Petrograd se retrouve, avec des variantes, dans la plupart des villes où un soviet se de deputes s'est constitué"

variantes, dans la plupart des villes où un soviet se de deputes s'est constitué".

O original seria: "Desde el punto de vista de su carácter general y de su organización los soviets provinciales seguieron bastante de cerca el modelo ofrecido por el de Petrogrado, aunque las estructura de los soviets locales variaba con arreglo a las circunstancias".

etc. (Ferro, 1980).

A essa altura é importante resgatar a idéia de territorialidade apresentada nas seções precedente deste capítulo. Neste sentido, vamos novamente à assertiva de Nogueira que embasa nossa concepção de territorialidade:

"... estratégias utilizadas por indivíduos, grupos ou organizações para influenciar ou controlar fenômenos e recurso naturais, pessoas e relações sociais através de uma delimitação do espaço que garanta o controle das ações e o exercício do poder sobre uma determinada área" (Nogueira,2008,p.11).

Os sovietes com sua expressão de poder e controle sobre o âmbito das cidades por onde eles se constituíram não deixam de em sua prática política exprimir uma territorialidade nos termos colocado por Nogueira. Ilustrativo dessa territorialidade de ordem local dos conselhos é o que podemos inferir dessa longa citação de William H. Chamberlin(1967):

"Em várias cidades a autoridade do soviete local como único corpo governativo se afirmou nos primeiros meses da Revolução. Em Cronsdat, a fortificada perto de Petrogrado, onde nenhum oficial do antigo regime tinha segura a vida nem a liberdade, o Soviete era o baluarte extremista. O Soviete Cronsdat levantou uma tormenta de excitação e de protesto nacional quando declarou no dia 29 de maio: 'O único poder da cidade de Cronsdat é o Soviete de deputados operários e soldados o que em todos os assuntos de caráter estatal estabelece contato direto com o Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado'. Esta declaração de independência local suscitou severas reprimendas do Soviete de Petrogrado (...).

O Soviet de Krasnoiarsk, cidade siberiana que guardava ativa recordação da revolução de 1905, também levou muito longe sua pretensão de poder. Introduziu um sistema de racionamento não somente para alimento senão também para as mercadorias manufaturadas, concedeu licenças aos soldados (apesar dos protestos do comandante do distrito militar), interveio nas disputas locais de caráter operário, até o extremo de entregar ao sindicato certas serrarias e moinhos de farinha, porque os empregadores se negavam a satisfazer as exigências dos operários.

Tsaritsim, no Volga inferior, onde a guarnição local mostrava frente a seus oficiais uma atitude mais desafiante do que o habitual foi desde o princípio outro baluarte do poder soviético, aqui o Soviete obteve das classes acomodadas uma contribuição duvidosamente voluntária em benefício da guarnição, e confiscou e destruiu carregamentos de vinhos e licores com o argumento de que o alcoolismo era fonte de perigo público na cidade. Em algumas plantas

fabris do Ural e em cidades com predomínio muito acentuado de trabalhadores industriais, como por exemplo, o centro têxtil de Ivanovo-Vosnessensk, la autoridade del Soviete foi profunda e efetiva muito antes de que se falasse de regime soviético em escala nacional⁵⁷" (1967,p.154,155).

Como havíamos afirmado anteriormente, a presença de elementos de territorialidade nos conselhos ficam nitidamente evidenciados nas palavras de Chamberlin malgrado ele não operacionalizar esse conceito: controle, exercício do poder sobre pessoas e coisas, etc. Apesar dessas evidências, marquemos de forma mais contundente a territorialidade sovietes. Para tanto vamos recorrer às palavras do historiador Marc Ferro. Este autor, discorrendo sobre a ação política dos operários, pontua:

"Os trabalhadores das grandes cidades de província eram mais duros ainda. A capital os havia esquecidos. Sem esperar o menor mandato do Governo, os sovietes de província decretaram localmente as oito horas de trabalho: 16 das 29 cidades onde as oito horas foram introduzidas partiram de uma decisão unilateral, sem mesmo negociar com o patronato⁵⁸" (1976,p.300).

5

O original seria: "...en várias ciudades la autoridad del soviet local como único cuerpo gobernativo se afirmo en los primeros meses de la Revolución. En Kronstadt, la isla fortificada cerca de Petrogrado, donde ningún oficial del antiguo régimen tenia seguras la vida ni la libertad, el Soviet era un baluarte extremista. El Soviet de Kronstadt levantó una tormenta de excitación y de protesta nacional cuando declaró el dia 29 de mayo: 'El único poder de la ciudad de Kronstadt es el Soviet de diputados obreros y soldados el que en todo los asuntos de carácter estatal establece contacto con el Soviet de diputados obreros y soldados de Petrogrado'. Esta declaración de independencia local sucitó severas reprimendas del Soviet de Petrogrado (...).

El Soviet de Krasnoiarsk, ciudad siberiana que guardaba activos recuerdos de la revolución de 1905, también llevó muy lejos sus pretensiones de poder. Introdujo un sistema racionamiento, no solo para alimentos sino también para las mercancias manufacturadas, concedió licencias a los soldados (a pesar de las protestas del comandante del distrito militar), intervino en las disputas locales de caráter obrero, hasta el extremo de entregar al sindicato ciertos aserraderos y molinos harineros porque los empleadores se negaban a satisfacer las exigencias de los obreros.

Tsartsin, en el Volga inferior, donde la guarnición mostraba frente a sus oficiales una actitud más desafiante de lo habitual fue desde el principio outro baluarte del poder soviético; aqui el Soviet obtuvo de las clases acomodadas una contribución dudosamente voluntaria en beneficio de la guarnición, y confiscó y destruyó cargamentos de vinos y licores con el argumento de que el alcoholismo era fuente de peligro público en la ciudad. En algunos asientos fabriles del Ural y en ciudades con predominio muy acentuado de trabajadores industriales, como por ejemplo el centro textil de Ivanovo-Vosnessensk, la autoridad del Soviet fue profunda y efetiva muchos antes de que se hablara del régimen soviético en escala nacional "(1967,p.154,155).

O Original seria: "Les travailleurs des grande villes de province étaient plus amers encores: la capitale les oubliait. Sans attendre le moindre mandat du Gouvernement, des soviets de privince décrétent localment les huit heures: dans les 29 villes où les huit heures furent introduires, Ce fut dans 16 cas une décision unilatérale, sans même négocier avec le patronat".

Apresentado o caráter de territorialidade da ação política dos sovietes vamos agora explorar algumas de suas características, mais precisamente a sua articulação. Neste sentido, os conselhos pulverizados pelo território russo, cedo partiram para uma conexão em uma dinâmica formativa de agrupamentos territoriais (Kochan, 1968). Anweiler (1974) não deixa de trazer alguns elementos dessa junção que partia primordialmente da base: Neste sentido, ele assevera: "os sovietes das cidades vizinhas não tardaram a tecer entre elas ligações estreitas. As primeiras conferências de província e de região tiveram lugar em março e se transformaram frequentemente em congressos oficiais, dotados de um comitê executivo e de um escritório ⁵⁹" (1974,151,152). Marc Ferro (1976) complementa esse quadro de informe da articulação dos conselhos com alguns relevantes dados ao dizer que em junho de 1917 existiam 517 sovietes de deputados organizados em 13 instâncias regionais. Mas, o ponto alto dessa organização, integração e coordenação foi o I Congresso Pan Russo de Sovietes de Deputados Operários e Soldados que ocorreu, em julho de 1917, em Petrogrado, sede do conselho mais importante da Rússia. A referência para a eleição do corpo de deputados congressual foi fixada em 2 delegados para os sovietes das cidades que possuíam de 25.000 a 50.000 habitantes; 3,76 para as de 100.000; 4 para as de 100.000 a 150.000; 5 para as de 150.000 a 200.000 e 8 para os sovietes de cidades acima desse número habitantes. Nesse esquema eletivo foram escolhidos 1090 delegados que representavam, por sua vez, 305 conselhos locais de operários e soldados, 53 conselhos regionais, 21 organizações do exército (Anweiler, 1974).

A realização desse congresso partia do imperativo de se criar um corpo representativo de matiz soviético para todo o país já que o conselho de Petrogrado apesar de ser o mais importante e influente dentro do território não tivera essa sobrepujança referendada por um processo eleitoral. Neste sentido, é criado o **Comitê Executivo Central (C.E.C)**, instituição permanente e máxima da representação soviética que tinha como um dos seus principais objetivos aplicar as diretrizes aprovadas pelo Congresso Pan Russo (Anweiler, 1974). Essa organização era composta por mais de 250 membros, que por sua vez, expressavam a correlação de forças partidárias no momento do congresso: 104 mencheviques, 100 S.R., 35 bolcheviques e

O original seria:"...les sovietes des Villes voisine ne tardèrent pás à tisser entre eux des liens etroit. Les premières conférences de gouvernement et de região eurent lieu em mars et se transformèrent fréquemment en congrés offiels, dotes d'um comitê exécutif et d'un bureau".

18 socialistas de outras correntes (Kochan, 1968).

Nesse ponto é necessário traçar algumas considerações sobre a espinha dorsal da revolução. No quadro dessas considerações, vamos começar reforçando que os sovietes se organizavam em forma de rede - conforme mostramos linhas atrás. Entretanto, uma rede descentralizada. Uma rede com seus nós, mas sem a existência de uma hierarquia rígida. Ilustrativo dessa descentralização da espinha dorsal da revolução é que o soviete de Cronstadt em 14 de maio - por intermédio de seu comitê executivo - promulga-se como única instituição de poder local. Uma postura de independência que provoca a reprovação do Soviete de Petrogrado, o principal da Rússia, sem, no entanto este obter a reversão do quadro de autonomia da base naval (Anweiler, 1974). O que se passara em Cronsdadt era similar ao que ocorrera em muitas localidades da Rússia revolucionária. Para ilustrarmos esse processo de forma mais concreta vamos citar alguns nomes de cidades onde os sovietes se declararam a única autoridade local: Tsarsityn, Ekaterinodar, Krasnoyarsk, etc. (Kochan, 1967). Como forma de reforçar a descentralização e autonomia dos sovietes, recomendamos a releitura das citações de Chamberlin e Marc Ferro apresentadas linhas atrás. É necessário dizer que a independização das localidades em relação ao poder central era uma importante característica da revolução em curso e que ia para muito além da dimensão conselhista. Tal independência, toca profundamente os pilares daquela idéia de dualidade de poderes. Mas, deixemos essa problematização para outro momento. Por enquanto, coloquemos outras dimensões do processo revolucionário no centro de nosso quadro expositivo.

Neste sentido, a revolução enquanto ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida envolveu atores que estavam para além do âmbito de atuação dos sovietes. É que os problemas de ordem estrutural acumulados no decorrer da história na sociedade, portanto no território russo funcionaram como elementos de mobilização de vários agentes. Sintomático disso, é a ação das nacionalidades que compunham o império, demandando autonomia (caso dos muçulmanos, judeus, etc.) ou mesmo independência (caso da Finlândia, Polônia, etc.). As palavras de Marc Ferro (1980) substantivam sobremaneira a componente nacional da ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida: "Em fevereiro, paralelamente às instituições fundadas em nome da luta de classe, outras organizações participaram no combate

contra o Estado czarista: em primeiro lugar as organizações nacionais ⁶⁰, (1980,p.101). Outro componente da revolução de não menor destaque foi ação dos camponeses em sua atitude reivindicativa e contestatória pela posse da terra. É justamente ancorado no quadro de importância da ação do campesinato que Trotsky assina: "As bases profundas da revolução encontram-se na questão agrária" (1967,p.329). No referente especificamente ao quadro de eventos de 1917 no mundo rural, faz-se necessário registrar que nos primeiro meses da revolução, os camponeses permaneceram tranquilos, mas à medida que o processo revolucionário se adensou os homens do campo entraram em atividades sem esperar a sanção do governo. Mais precisamente em ações substantivadas em jornadas expropriadoras de terras que as "autoridades centrais" apesar dos esforços não conseguiram conter. É por conta deste contexto que Leonard Schapiro afirma: "A questão agrária foi resolvida praticamente pelas iniciativas autônoma dos camponeses ⁶¹, (,1987,p.119). É necessário destacar, neste ponto, que a questão agrária foi um fator que contribuiu en ormemente para o comprometimento da disciplina do exército no front já que muitos dos mobilizados – como diz Lênin - eram "camponeses vestidos com a farda de soldado". Muitos destes, querendo participar da empreitada expropriatória de terras desertaram da frente de batalha e rumaram de volta a suas aldeias. William H. Chamberlin confirma a ligação entre questão agrária e disciplina militar ou a conexão entre o mundo rural e o contingente de soldados:

"A inquietante maioria dos soldados rasos eram camponeses. Se sentiam tão ansiosos de apoderar-se dos fundos privados como os aldeões que haviam ficado na retaguarda. O fluxo que desde o front revertia sobre os distritos camponeses — ao princípio uma pequena corrente que progressivamente se alargava de desertores, e finalmente uma massa de milhões de soldados, a maioria 'desmobilizados' por própria decisão — constituiu um poderoso estímulo da revolução agrária e contribuiu para agitar as águas profundas estancadas da vida russa que, em geral, pouco sabiam e menos ainda se preocupava sobre os tormentosos acontecimentos de que se desenvolviam em Petrogrado⁶²" (1967,p.290).

-

O original seria: "En février, parallèlement aux institutions fondées au nom de la lutte des classes, d'autre organisations participèrent au combat contre L'Etat tsariste: en premier lieu les organisations nationales"

O original seria: "La question agraire fut résolue pratiquement par les iniciatives autonomes ds paysans".

O original seria: "La abrumadora mayoria de los soldados rasos eran campesinos. Se sentian tan asiosos de apoderarse de los fundo privados como los aldeanos que habían quedado en la retaguardia. El flujo que desde el frente revertía sobre los distritos campesinos — al principio una pequeña corriente que progresivamente se ensachaba, de desertores, y finalmente una masa

Sobre essas dimensões da revolução, o capítulo subsequente, em sua componente discursiva textual tanto escrita quanto cartográfica, tratará de precisar suas localizações dentro do território russo, assim como suas relações com a dimensão soviética do processo revolucionário.

Depois do exposto vamos retomar sucintamente alguns elementos de crônica do processo revolucionário de 1917. Sem, no entanto explorar todo o caleidoscópio de acontecimentos. Neste sentido, vamos pontuar a extrema debilidade do Governo Provisório e em certo sentido do Soviete de Petrogrado. Acentuada - dentre outras coisas - pelo prolongamento do atendimento das demandas popu lares. Neste contexto de insatisfação diversas crises foram engendradas: uma em abril, outra em maio, outra em junho e uma última em setembro que desacreditou completamente tanto o Governo Provisório quanto os homens do Soviete de Petrogrado (Carmichael,1967). Nessas sucessivas, crises os socialistas adentraram em peso ao governo, passando de "apoiadores críticos" deste a dirigente. Kerensky que entrara no início da revolução como ministros da justiça e em maio ascendera posição de ministro da guerra; em julho, se tornara primeiro ministro. Porém, a participação dos socialistas em peso no Governo Provisório de nada adiantou na resolução das grandes questões sociais que abalavam o país. Neste sentido, Willian H. Chamberlim pontua:

"Não se havia conseguido nenhum progresso real no sentido de uma solução concreta das principais problemas colocados ao país pela Revolução: a guerra e paz, o problema da terra, as aspirações das nacionalidades não russas, a criação de uma autoridade estatal geralmente respeitada ⁶³," (1967,p.210).

Desse conjunto de problemas não resolvidos, a questão da guerra era um dos que

de millones de soldados, la mayoría 'desmobilizados' por propria decisión — constituyó un poderoso estímulo de la revolución agraria y constribuyó a agitar las aguas estancadas de la vida rusa, que en general poco sabía y menos aún se preocupaba de los tormentosos acontecimientos que se desarrollaban em Petrogrado"

64

O original seria: "No se había logrado ningún progresso real en el sentido de una solución concreta de los principales problemas planteados al país por la Revolución: la guerra y la paz, el problema de la tierra, las aspiraciones de las nacionalidades no rusas, la creación de una autoridad estatal generalmente respectada"

mais importunava. Neste contexto de não resolução, por seus compromissos com os aliados, a Rússia foi pressionada a realizar uma ofensiva em julho sobre os impérios centrais. Pressão que o Governo Provisório cedeu, mas que serviu somente para desacreditá-lo ainda mais dado o fracasso da ofensiva. A esse respeito Figes (1999) nos diz: "O malogro do ataque foi um golpe fatal para o Governo Provisório e para a autoridade pessoal de seus líderes. Centenas de milhares de soldados haviam perdido a vida. Milhões de quilômetros quadrados de território tinham sido perdidos (1999,p.525). Umas das razões dessa crise de governo é que as massas e a esquerda mais radical viam na continuação da guerra uma tentativa de acabar com a revolução.

Feito essa narrativa dos fatos, vamos agora marcar de forma mais contundente algumas questões que ficaram subtendidas no decorrer da exposição. Neste sentido, comecemos, afirmando que todo Estado é uma instituição social que tem necessariamente uma dimensão territorial. Nas palavras de Moraes (2009,p.30) tal instituição"...manifesta o controle (as vezes imperfeito) de um poder central sobre populações e recursos circunscritos em âmbitos espaciais delimitados: a área de um domínio estatal em cada conjuntura histórica". A crise revolucionária, por sua vez, conforme já salientado, dentre outras coisas, representa o combalimento da territorialidade estatal czarista. Neste âmbito, na revolução 1905 o czarismo perdera a capacidade de intervenção em sua arena territorial, no entanto, no decorrer do processo conseguira se reafirmar. Em 1917, diferentemente, o poder do antigo regime russo rapidamente desaparecera e não conseguira mais ganhar terreno. Diante desse quadro de vazio da autoridade czarista, a sociedade criou outras territorialidades em seu impulso auto-organizador. Engendrando, portanto uma conjuntura de múltiplas territorialidades no vazio da territorialidade estatal.

Neste contexto, a debilidade da figura estatal e sua autoridade era um dos traços marcantes do cenário político aberto em 1917. E neste contexto de ausência de estrutura estatal centralizada no outrora espaço de soberania czarista, a **Revolução de Fevereiro** figurou mais como uma descentralização do poder em múltiplos centros do que a existência de um poder dual ou centrado em dois pólos. Neste ponto, estamos adentrando no campo da prometida problematização da dualidade de poderes. Mas apesar dessa penetração vamos nos reter de discuti-la de imediato para marcar primeira e substancialmente a fragilidade do Estado.

Nesta dinâmica assinalamento, emblemático daquela fraqueza é o fato de o Governo Provisório, apesar de tentar se erigir como nova autoridade para o conjunto

do país até a realização da Assembléia Constituinte não conseguiu ter êxito dado a pouca capacidade de penetração de sua autoridade no território ⁶⁴. Alexandre Kerensky - uma figura central dentro do processo revolucionário e proeminente elemento do Governo Provisório - em seu livro *La Russie au Tournant de la Histoire*,(1967,p.294) não deixa de perceber esse fenômeno ao asseverar:

"A queda da monarquia, se produziu de uma maneira inteiramente inesperada para a população do país. (...) essa queda foi acompanhada de um desabamento também inesperado do organismo administrativo (...).

Durante os primeiros dias de sua existência, o governo provisório foi submergido sob uma torrente de mensagens de triunfo e de simpatia que provinha de todos os cantos da Rússia, do front, das grandes cidades e das aldeias distantes. Mas ao mesmo tempo, anunciava-se por telegrama a paralisia geral das autoridades locais, o desabamento total das forças da administração e da polícia. Tinha- se a impressão que a Rússia corria o risco de ser colocada em pedaços pelos motins, pelas pilhagens, pelos atos de violência incontroláveis⁶⁵ (Kerenski,1967,p.294).

Rex A. Wade, apesar de não ser um partícipe dos acontecimentos revolucionários é um autor que em seu livro *The Russian Revolution 1917* marca de forma clara essa fraqueza da autoridade estatal. Neste sentido, ele pontua:

"O problema do Governo Provisório em governar foi acentuado pelo fato de que apesar dele adquirir a burocracia central razoavelmente intacta, ele foi insignificante em recursos para fazer cumprir suas decisões para além das exortações verbais. Em ambos, Petrogrado e províncias, a velha força policial foi anulada, substituída por um débil sistema de "milícia" sob o controle - freqüentemente nominal – do governo das cidades. Os soldados das guarnições foram incapazes em fazer cumprir os decretos do governo. Deste modo,

O original seria: "La chute de la monarchie, s'était produite d'une façon tout à fait inattendue pour la population du pays (...) cette chute s'était accompagnée d'un effondrement, tout aussi inattendu, de l'órganisme administratif (...).

Com a falência do *regime czarista*, o Governo Provisório nomeia vários comissários para as províncias na tentativa de afirmar sua autoridade para além de Petrogrado.

Pendant les premiers jours de son existence, le gouvernement provisoire fut submerge sous un torrent de messages de triomphe et de sympathie, qui lui parvenaint de tous les coins de la Russie, du front, des grandes Villes et des villages lointains. Mais, en même temps, on annonçait par télégramme la paralysie générale des autorités loc ales, l'enffondrement total des forces de l'administration et de la police . On avait l'impression que la Russie risquait d'être mise em pièces par les soulèvements, par des pillages, par des actes de violence incontrôlables"

quando o Governo Provisório ordenou mudanças que iam de encontro às aspirações da maior parte dos seguimentos da população, tal como legalização dos sindicatos ou o uso das terras inativas pelos camponeses a lei efetuou-se. Entretanto, quando o Governo Provisório atuou, por assim dizer, de tal maneira, em desacordo com as ambições e interesses de alguns importantes grupos, eles ignoravam essas leis. Nas províncias, os comissários nomeados pelo Governo Provisório para chefiar o governo local exerceram um poder real mais fraco do que o governo da cidade (Comitê Público), o soviete, ou em alguns lugares, organizações de base neo- nacionalistas" 66

No âmbito ainda da fraqueza estatal, o Soviete de Petrogrado apesar de ganhar uma proeminência sobre seus congêneres provinciais e destarte ser uma "contraposição" a instituição governamental provisória não exercia uma autoridade suprema ou incontestável sobre a rede de conselhos presente no espaço do combalido império. Sintomático disso é que em muitas cidades, os conselhos aprovavam diretivas totalmente contrárias as aprovadas ou defendidas pelo Soviete de Petrogrado, o mais importante da Rússia. O C.E.C. teoricamente a maior autoridade das organizações de conselhos no quadro da Rússia era demasiadamente fraco para impor sua autoridade até mesmo ao soviete de Petrogrado, o mais próximo (Anweiler,1974). Neste sentido, os sovietes apesar de formarem uma rede no território, com seus pontos de hierarquias bem marcados, não eram rigidamente centralizados dado que "a realidade do poder não emanava mais do governo central, mas das instâncias locais dos sovietes. Esses já se constituíam em elementos de um contra-poder popular que agia independente do Estado⁶⁷" (Ferro, 1976, p. 102). Sobre isso Orlando Figes (1999) nos informa:

Certamente, o Soviete tinha muito mais poder do que qualquer outro órgão, pois detinha o monopólio virtual dos meios capazes de

__

O original seria: "The Provisional Government's problems in governing were accentuated by the fact that although it accquired the central bureaucracies reasonably intact, it had little means of enforcing its decisions beyond verbal exhortation. In both Petrograd and the provinces the old police forces wa goge, replaced by a weak and decentralized *'militia'* system under the contol – often nominal – of citys governments. The garrison soldier were unreliable enforcers of the government decrees. Thus, when the Provisional Government ordered changes the met the aspirations of major segments of the population, such as legalizing trade union or peasant use of idle land, such law carried out. However, whenever it acted in a manner that was at odds with the ambitions or interest of any important groups, they ignored its laws. In the province commissars appointed by the Provisorial Government to head local government exercised less real poweer than either the reformed local city government (Public Committee), the local soviet or, in some place, new nationalist- based organizations" (2005,p.56).

O original seria: "la réalité du pouvoir n'émanait plus du gouvernement central mais des instances locales des sovietes. Ceux-ci constituait déjà les éléments d'un contre-pouvoir populaire qui agissait indépendamment de l'État".

promover a violência organizada, visto que a massa de trabalhadores e soldados o tinha na conta de única autoridade legítima em todo o país. (...) E apesar dessa circunstância, o Soviete de Petrogrado tinha um controle muito limitado sobre a revolução nas províncias. Houve um colapso de todo o poder central: cidades e regiões declaravam a própria 'independência', libertando-se da capital; aldeias afirmavam-se 'repúblicas autônomas'; nacionalidades e grupos étnicos assumiam o controle de territórios e se diziam 'Estados independentes" (1999,p.456).

As considerações desenhadas acima já sedimentam de forma substancial o fenômeno da debilidade do Estado e ao mesmo tempo nos colocam diretamente no campo da problematização da dualidade de poderes no processo revolucionário de 1917. Vamos, portanto, sem mais delongas, aproveitar, essa deixa para discorrer mais profundamente sobre essa famosa dualidade. Nesta perspectiva, de forma direta e clara assinamos que de nossa parte pensamos ser de uma extrema simplificação vê o processo revolucionário russo a partir desse viés dualista. É certo que Lênin, o líder do partido bolchevique, o viu dessa forma. O mesmo pode ser dito de Trotsky. Mas o fato de que essas imponentes figuras tenham visto as coisas por esse ponto de vista não significa necessariamente que tal ótica corresponda à dinâmica dos fatos históricos. É certo que existe toda uma historiografia que corrobora a perspectiva dual, mas no mesmo sentido é certo também que existe toda uma nova historiografia que diz o contrário. Sobre isso vejamos mais uma vez o que diz Orlando Figes:

"A política de 1917, portanto, não deve ser entendida como um conflito de 'poder dual' (dvoevlastie) — a divisão de todo o controle entre o governo e o Soviete, que tanto preocupou historiadores. É necessário enxergar tal política como um problema mais profundo, constituído como uma proliferação de uma pletora de poderes locais' (mnogovlastie). Nas cidades, nas províncias não existia nenhum 'poder dual'. A intelligentsia liberal e a intelligentsia socialista, que na capital ter-se-iam divido entre o governo, trabalhavam lado a lado, nos comitês cívicos e democráticos, durante o período de fevereiro a outubro (e em muitos lugares mesmo depois disto). Em suma, a Rússia estava sendo balcanizada" (1999, p.457).

Para não ficarmos preso a somente um autor vamos trazer para o quadro de nossa exposição e análise outro expoente dos estudos sobre revolução russa, Marc Ferro. Este historiador francês apesar de trabalhar na perspectiva de uma ótica dual não

deixa de expressar seus tensionamentos para com esta concepção. Isso é o que fica evidenciado quando o referido investigador pontua:

"Assim, em Petrogrado, foco mesmo do Duplo Poder, a população não se sentia inteiramente responsável perante o Soviete ou a Duma; e menos ainda longe da capital onde organizações nacionais e projetos políticos se cruzavam em um conjunto inextricável⁶⁸, (Ferro, 1980, p. 101).

Arão Reis Filhos, por sua vez, em seu Uma Revolução Perdida, assina:

"...a Rússia não viveria, ao longo do ano revolucionário de 1917, como contou mais tarde a história **oficial**, um processo de **duplo poder**, mas de **múltiplos poderes** (grifo nosso), entrecruzando-se, em curto-circuito, uma cacofonia, numa indisciplina e indisciplinável Babel. O poder, decididamente, saíra dos palácios e dos solenes edifícios públicos, fragmentara-se. Estava em toda parte e não se centralizava mais em nenhum lugar. Nos quartéis, nas fábricas, nos comitês, nos conselhos, nos sindicatos, em todas as organizações que germinavam incessantemente. Caíra na rua" (1997,p.63,grifo nosso).

O quadro expositivo já deixou explícito a presença de múltiplos poderes, apesar disso vamos marcar de forma mais direta que nossa concepção de revolução russa está muito mais próxima das dos autores recém mencionados, do que das posições de autores como Lênin, Trotsky e Stalin. Neste sentido, assinamos que um dos problemas dessa concepção dual do processo revolucionário em questão é que, no geral, os livros que defendem essa posição – como é o caso de Trotsky em sua *História da Revolução Russa* - concentram geograficamente a narrativa política dos fatos em Petrogrado – onde tanto o poder do Governo Provisório como o do Soviete da cidade eram muito pronunciado - e projetam a realidade petrogradense para o restante do território russo. Neste ponto, é interessante pontuar que o próprio Lênin apesar de conceber o processo revolucionário de 1917 a partir de uma perspectiva dual, ele não deixa de mostrar seus

69

O original seria: "Ainsi, à Petrograd, foyer même du Double Pouvoir, la population ne se sentait pás tout entière responsable devant le Soviet ou la Douma; et moins encore loin de de la capital où organisations nationales et projets politiques se croisaient en un ensemble souvent inextricable".

pontos de tensionamento com essa caracterização dualista. A apreciação crítica - na próxima seção desse capítulo - do artigo *Sobre a Dualidade de Poderes* mostrará justamente esses elementos de contradição. Mas deixemos a análise meticulosa das tensões do autor de *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* para a próxima seção e nos voltemos para outros pormenores da ruptura social russa.

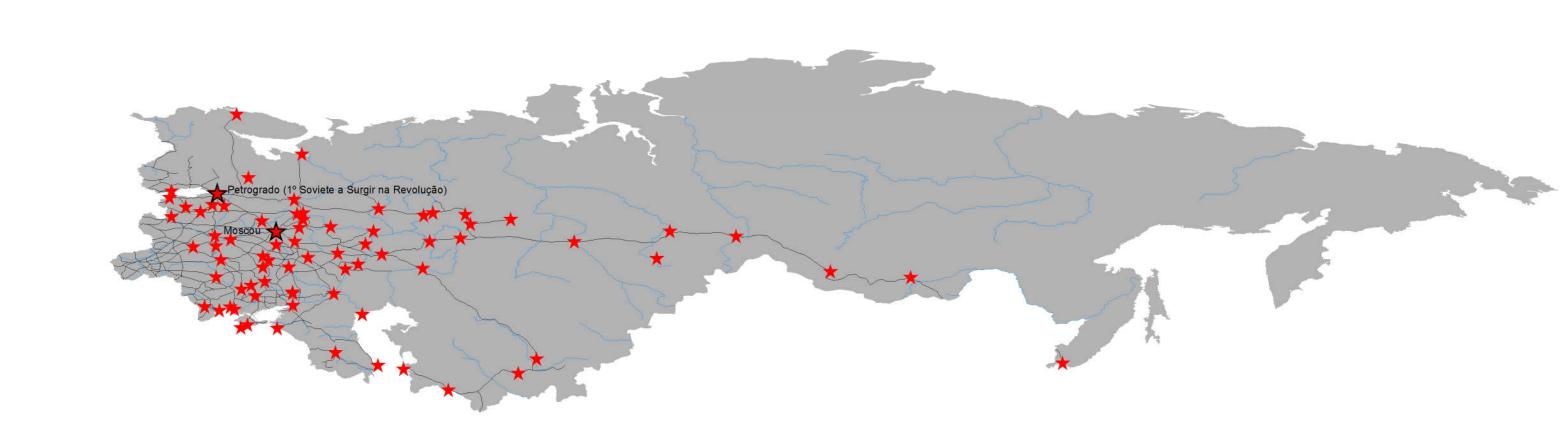
Depois de nossa narrativa ou exposição dos fatos revolucionários e das considerações recém traçadas, vamos trazer para o quadro de nossa exposição e análise uma representação cartográfica que dá conta de demonstrar a localização dos conselhos nos território russo, pois como assinala Paul Claval (2011,p.77): "O mapa torna mais legível os conhecimentos consignados por escrito". Mas adiantemos que nesse primeiro momento vamos nos furtar de explorar todos os matizes que nossa representação contém sobre fenômeno dos conselhos. Dadas essas notas explicativas, vamos então ao mapa **Revolução de Fevereiro: Territorialidade Sovietes.** Nessa análise cartográfica, observemos primeiramente a disposição da *espinha dorsal da revolução* assim como a extensão dessa *coluna vertebral* no outrora espaço de soberania czarista. No âmbito dessa disposição e extensão, notemos que os principais nós da rede de conselho, se assenta, sobre Petrogrado e Moscou.

Neste ponto, é importante ou interessante ter em mente os limites de nosso discurso cartográfico. J.B. Harley (2005) sobre esse quadro de limitações em seu *La Nueva Naturaleza de los Mapas* ressalta que todo mapa seleciona, omite, simplifica. O historiador americano - na mesma obra - ainda salienta que "...a liberdade de manobra retórica do cartógrafo é considerável; aquele que traça um mapa simplesmente omite os aspectos do mundo que se encontra fora dos propósitos do discurso imediato⁶⁹" (Harley,2005,p.202). No tocante a nossa produção e mais especificamente a nossa última representação, necessariamente temos que admitir que a dimensionalidade do fenômeno sovietes no território russo em 1917 é muito mais rica do que demonstra o nosso mapa. Ilustrativo dessa riqueza são alguns números - apresentados por Anweiler (1974) em sua obra *Les Sovietes en Russie 1905-1921* - que nos sugerem a dimensão ou a proporção do fenômeno: 400, em abril; 600, em agosto e 900, em outubro. Sobre nossa produção cartográfica é necessário ainda frisar que a extensão, ou melhor, os limites de nosso percurso cartográfico foram conformados pela dificuldade de acesso as

O original seria:"...la libertad de la maniobra retórica del cartógrafo es considerable; aquel que traza un mapa simplesmente omite los aspectos del mundo que se encuentran fuera de los propósitos del discurso inmediato".

Revolução de Fevereiro: Territorialidades Sovietes





Sistema de Projeção: GCS_WGS_1984 Datum: D_WGS_1984

Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo, 2011.



Legenda

★ Principais Sovietes da Rede de Conselhos — Ferrovias
 ★ Sovietes Território russo
 Rios

fontes. Somente pudemos ir até onde as fontes puderam nos levar. Mas apesar da indigência de conselhos apresentados em nosso mapa, eles são substantivos ou suficientes para nos dar a grandeza do fenômeno no território. Mas larguemos a nossa representação cartográfica e vamos nos centrarem outros aspectos do processo revolucionário.

A revolução em nossa definição é uma ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida circunscrita no âmbito de uma formação territorial. Neste sentido, aquela ação enquanto processo social de dimensão tanto espacial quanto temporal guarda uma gênese, desenvolvimento e término. Como em nossa abordagem uma das principais categorias de análise mobilizadas para analisar o processo revolucionário russo é o território e a revolução em nossa perspectiva não é extraterritorial, podemos conformar ou trabalhar a idéia de formação territorial da revolução, já que os processos revolucionários — em nossa ótica - são formadores de território. Mas apenas lançar essa idéia de formação territorial da revolução sem ao menos tecer alguns comentários sobre o que seria mais exatamente essa "noção" ou "idéia" seria muito leviano de nossa parte. Portanto, vamos discorrer mais precisamente o que seria esse "conceito".

Neste sentido, sendo sucinto e direto: por *formação territorial da revolução* entendemos tanto o epicentro a partir de onde o processo revolucionário principia dentro da *formação territorial* quanto à conformação desse processo para além daquele centro iniciador. Sua territorialização no âmbito da *formação territorial*.

Dados essa definição da noção proposta, podemos agora partir para uma empirização do mesmo a partir de nosso objeto de estudo. Neste sentido, a narrativa política dos fatos nos demonstrou implícita e explicitamente o entendimento de que o epicentro *da formação territorial da revolução* em sua dimensão soviética foi São Petersburgo, um dos mais importante senão o mais importante núcleo urbano do Império. O barão Boris Nolte (1935,p110) evidencia justamente isso - mesmo sem ter em mente essa noção de **formação territorial da revolução** – ao dizer:

"A revolução russa tem sua origem geográfica em um movimento limitado à capital do Império e cuja responsabilidade cabe inteiramente aos elementos múltiplos que constituem então sua população. O país fora de Petrogrado estava absolutamente calmo as vésperas da revolução e não deixava prever nenhuma comoção grave, apesar do mal estar geral proveniente da guerra e das extravagâncias

do regime pessoal. O Império continuava a viver na legalidade, se limitando a protestar pelo órgão das diferentes organizações contra o mau governo e a reclamar um melhor⁷⁰...

Oskar Anweiler, por sua vez, em uma passagem já apresentada, mas de retorno completamente pertinente, assina, referindo-se à conformação da revolução em sua dimensão soviética para o outrora espaço de soberania czarista:

O movimento toca em primeiro lugar as grandes cidades de províncias, os centros indústrias de forte população operária e as cidades de guarnições numerosas. Os sovietes ai se instituem quase por todo lugar ao curso do mês de março. Eles se formaram apenas mais tarde nas cidades de menos concentração operária ou militar, no círculo e burgo rural, nas regiões recuadas⁷¹" (1974,p.140).

Trotsky é outro autor que – diferente de Anweiler e igualmente a Nolde - nos mostra a dimensão da *formação territorial da revolução* no relativo ao epicentro. Isso é o que fica patente na seguinte passagem de sua obra *História da Revolução Russa*:

"A mudança de regime em Moscou não foi senão um eco da insurreição em Petrogrado. (...) Em várias outras cidades da província o movimento desencadeou-se apenas a 1º de março, depois que a Revolução também triunfara em Moscou. (...). Nos campos, a notícia da Revolução chegava das cidades vizinhas, algumas vezes transmitidas pelas próprias autoridades e outras principalmente, por intermédio dos mercadores, dos operários e dos soldados em licença. (...) As aldeias acolheram o acontecimento com uma reação mais lenta e menos entusiasta do que as cidades, porém não menos profunda (...). Não é exagero dizer que Petrogrado realizou sozinha a revolução de Fevereiro" (1967,p.131,132).

O original seria: "La révolution russe a son origine géographique dans un mouvement limité à la capitale de l'Émpire et dont la responsabilité incombe entièrement aux éléments múltiples qui constituaient alor sa population. Le pay hors de Petrograd était absolument paisible la veille de la révolution et ne laissait prévoir aucune commotion grave, malgré la malaise general provenant de la guerre et des extravagances du régime personnel. L'Émpire continuait à vivre dans la légalité, se bornant à protester par l'organe des différentes organizations contre le mauvais gouvernement et à en réclamer un meilleur".

O original seria: "Le mouvement toucha em premier lieu les grandes villes de province, les centres industriels à forte population ouvrière et les villes à garnison nombreuse. Des soviets s'y instituérent presque partout au cours du mois de mars. Ils ne firent que plus tard dans les villes de moindre concentration ouvrière ou militaire, dans le cercle e bourgs ruraux, dans les regions reculées"

Nesta linha de empirização da noção de **formação territorial da revolução** é interessante trazer outra citação do autor de *Literatura e Revolução* que elucida aspectos dessa conformação da ruptura social no espaço a partir de elementos importantes do território. Neste contexto, mesmo que a proposição do autor em questão refira-se a o "*Ensaio Geral*" de 1905 ela não deixa de ter pertinência para o processo revolucionário de 1917 posto que o território é sempre um elemento de permanência ou um referente para a ruptura social. Depois do exposto, já podemos trazer a asseveração do criador do Exército Vermelho:

"As ferrovias e os telégrafos descentralizaram a revolução, apesar do caráter centralizado do Estado, e, no entanto, os mesmo meios de comunicação davam uma unidade a todas as manifestações locais de força revolucionária. Se, ao final das contas, pode-se admitir que a voz de São Petersburgo tenha tido influencia preponderante, isto não quer dizer que toda a revolução estivesse concentrada na Perspectiva Nevski⁷² ou diante do Palácio de Inverno; significa simplesmente que a consignas e os métodos de luta que preconizava Petersburgo encontraram poderoso eco revolucionário em todo país ⁷³" (1971,p.103)

A afirmativa de Trotsky, assim como as dos demais autores supracitados se coaduna com nossa última representação cartográfica apresentada, mapa **Revolução** de **Fevereiro: Territorialidades Sovietes.** Sintomático disso, é que a *espinha dorsal da revolução* se assenta justamente sobre a rede ferroviária construída pelo governo czarista. De modo similar, os sovietes mais proeminentes se sobrepõem aos centros urbanos mais importantes da Rússia, Petrogrado e Moscou.

Deixemos, porém as considerações mais pormenorizadas entre geografia enquanto permanência e revolução para o próximo capítulo. Por ora, vamos à próxima seção. No entanto, antes disso marquemos que na presente parte da dissertação apresentamos os conselhos e sua constituição no território entremeada de importantes

O Original seria: "El ferrocarril y el telégrafo descentralizaban la revolución, a pesar del carácter centralizado del Estado, sin embargo, los mismo medios de comunicación daban unidad a todas las manifestaciones locales de fuerza revolucionarias. Si, a fin de cuentas, puede admitirse que la voz de Petersburgo haya tenido una influencia preponderante, esto no quiere decir que toda la revolución estuviera concentrada en la Perspectiva Nevski o delante del Palacio de Invierno; significa simplesmente que las consignas y los métodos de lucha que preconizaba Petersburgo encontraron um poderoso eco revolucionário en todo el país".

Principal avenida de São Petersburgo na época da revolução.

elementos da crônica política de 1917. E para marcar de forma contundente o teor qualitativo da territorialidades sovietes no âmbito da revolução, sintetizemos que as principais características das territorialidades em questão eram a autonomia local, a descentralização, a não amarra por uma hierarquia rígida, dado a pulverização da soberania em em múltiplos centros de poder.

Apresentada essa síntese, vamos à próxima seção explorar a dimensão estratégica ou tática dos principais forças partidária da ala socialista russa para a rede conselhos.

1.4. Os Sovietes de 1917 e o espectro Político

Na introdução deste trabalho esboçamos um delineamento teórico que concebe o geográfico como materialidade discurso e ação. Essa tríplice consideração deu ensejo para na seção precedente abordamos ação revolucionária – em sua dimensão soviética dos atores na arena territorial. Nesta perspectiva, mostramos como a auto-organização operária e popular criou em 1917 no território russo uma rede de conselhos que se impôs no cenário político devido ao fato de que era nessas organizações que se congregavam a maioria da população. Na presente seção, tendo aquela tríplice concepção do geográfico como norte, vamos deixar por um momento a ação da classe operária e popular de lado e nos concentrar nos discursos dos partidos políticos que subsidiaram a sua ação. Em outros termos, vamos analisar, em linhas gerais, o programa dos atores partidários do espectro russo para os conselhos. Frisemos desde já que diferentemente do tópico Os Sovietes de 1905 e o Espectro Político Russo, nos concentraremos desta vez, sobretudo nos bolcheviques. Deixemos claro também que as razões dessa atenção não são necessariamente por simpatia política, mas devido ao fato das fontes sobre os comunistas serem mais acessíveis. Esboçado essas considerações, vamos à análise marcar o quadro programático desses agentes partidários para os conselhos.

Sobre as agremiações políticas ditas burguesas - Partido Outubrista e Kadetes – podemos asseverar que o programa político dessas instituições partidárias para os sovietes era praticamente nulo ou nada positivo. Elas não tinham – salvo algumas exceções⁷⁴ – nenhuma penetração na rede de conselhos. Embora possuíssem um formidável efetivo de militantes. Figes (1999) nos diz que os kadetes tinham um efetivo de 100.000. No referente ao programas político para a Rússia, esses partidos ditos burgueses, vislumbravam apenas algumas reformas. Dentre esta destacamos: implantação de uma república ou uma monarquia parlamentar, elaboração de uma constituição, uma reforma agrária de cunho não tão radical, etc. Neste quadro programático, os sovietes não eram organizações a serem conservadas, mas sim dissolvidas para que aquele quadro de reformas fosse implantado. Passando da ala liberal do espectro político russo para o campo do socialismo, os SRs e Mencheviques, diferentemente dos Kadetes e Outubristas tinham uma grande presença nos sovietes. Por

Anweiler (1970) pontua, por exemplo, que em Riga - uma cidade do oeste do império russo, mais precisamente na província báltica da Letônia - o partido Kadete tinha representantes no Soviete desse centro urbano.

boa parte do ano de 1917 eles guardaram uma substancial hegemonia nessas instituições (Ferro,1976). Neste contexto, essas duas agremiações políticas apesar de defender um quadro de reformas mais radical que as agremiações liberais, elas não vislumbravam nos conselhos algo permanente para o cenário político. Os mencheviques, por exemplo, apegados a ortodoxia marxista defendiam que a revolução em curso era burguesa, portanto caberia a burguesia o papel dirigente no processo (Figes,1999). Daí a explicativa para sucessivas coalizões no Governo Provisório entre esse partido e os Kadetes. Neste esquema, os conselhos para essa ala da social democracia russa eram no máximo órgão de vigília das ações da burguesia.

Os anarquistas, por outro lado, "...constituíam mais uma tendência que um verdadeiro partido (..) [já que] Os agrupamentos heterogêneos que se autodenominavam organização iamais procuraram formar uma nome (Schapiro, 2007, p. 225). Essa tendência política, em sua concepção clássica fazia uma diferenciação entre sociedade e Estado e no seio dessa diferenciação identificava no Estado o campo da opressão e a sociedade o campo da liberdade. Nesta linha esquemática, o programa anarquista para a revolução social comportava a abolição, supressão definitiva da figura do Estado na arena política. Isso, por sua vez, fazia com que os anarquistas, no campo da política prática, vissem nos conselhos que eclodiram no processo revolucionário de 1917 a partir da auto-organização operária e popular"... a superação prática da idéia de Estado e de poder político sob qualquer forma que seja" (Rocker, 2007, p.89). Portanto, a tarefa imediata da agenda política era a criação de uma federação de sovietes.

Apresentado os atores e seus programas políticos para os conselhos, vamos agora aos bolcheviques. Mas antes disso, façamos algumas importantes colocações que nos permitam no decorrer da análise de sua linha programática para os sovietes captar melhor a dimensão espacial de sua estratégia para o poder e para a revolução. Nas linhas precedentes definimos a revolução como *uma ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida que se tece no território*. Essa ação social debilita a autoridade, ou mais precisamente a territorialidade, do Estado e nesse enfraquecer surgem outras territorialidades criadas pela sociedade em movimentação. A Revolução de Fevereiro nesse esquema é considerada como o enfraquecimento da territorialidade

O original em francês seria: "...constituaient une tendence politique plutôt qu"un véritable parti. Les groupaments hétérogènes qui se réclamaient de ce nom n'ont jamais cherché à former une organization unique".

estatal e os sovietes outras territorialidades de caráter substancialmente descentralizado criadas pela sociedade em seu impulso auto-organizador.

Remarcado esses delineamentos, somente frisemos rapidamente que assim como o programa político para os sovietes dos atores partidários apresentado acima foi manifesto de forma um tanto esquemática, da mesma forma procederemos com o bolchevismo ao que pese o fato de que sobre este nos centrarmos de forma mais pormenorizada. Cabe ainda marcar que parte da análise será feita a partir do exame crítico de alguns textos produzidos – a geografia enquanto discurso - ao longo do ano de 1917 e 1918 por um dos principais líderes do partido em questão, Vla dimir Ilitch Lênin.

O movimento socialdemocrata internacional diferentemente do movimento anarquista era partidário da figura estatal. A teoria política marxista delineava que toda instituição estatal tem um conteúdo de classe e nessa perspectiva a revolução social passaria pela conquista ou domínio dessa instituição pela classe proletária (Kaustky, 1980). A ortodoxia marxista imperante na época também defendia que a revolução socialista necessitava de alguns pressupostos para sua realização: o desenvolvimento substancial do modo burguês de produção. Nesta perspectiva, a revolução socialista somente estava na agenda política nas formações sociais de cunho mais desenvolvido em termos capitalistas. Nos países de desenvolvimento mais retardatário, como o caso russo, a tarefa imediata era lutar por uma revolução burguesa que desenvolvesse o país, por determinado período e o preparasse para aquela revolução de cunho mais radical.

A social democracia russa, e por tabela mencheviques e bolcheviques também eram partidários ou defensores da idéia da instituição estatal. No entanto, divergiam profundamente sobre o caráter da revolução em curso na Rússia. Para os primeiros, - conforme já salientamos acima - o processo em operação era uma revolução de caráter burguês; para os segundos, com a queda do czarismo estava dada a tarefa de construção de uma ordem socialista na escala da Rússia. Baseado nessa última concepção que Vladimir Ilitch Lênin tão logo chegou a Petrogrado⁷⁶ lançou no dia 7 de abril de 1917 suas famosas *Teses de Abril*. Um documento cujo verdadeiro nome era *Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução* e cujo objetivo era procurar reorientar seu

Lênin encontrava-se no exílio, mais precisamente na Suíça, quando da eclosão da revolução de 1917. Sua volta à Rússia, mais precisamente a Petrogrado se deu praticamente um mês depois da queda do czarismo, em termos mais exato no dia 3 de abril. Esse retorno ao seu país foi viabilizadado a partir de complexas negociações com o governo alemão que permitiu com que o líder bolchevique e um punhado de exilados russos retornassem à Rússia através do território controlado pelos germânicos.

partido na revolução em curso pelo delineamento de uma série de diretivas.

Entre esse conjunto de diretivas para reorientação política de seu partido presente no referido documento destacam-se:1, posicionamento sobre a guerra a qual a Rússia participava de forma tão catastrófica; 2, posição de não apoio ao **Governo Provisório**; 3, medidas de nacionalização das terras e dos bancos. No âmbito ainda desse documento, Lênin faz uma caracterização da conjuntura ao qual seu país vivia. Vejamos elementos dessa caracterização:

"A peculiaridade do momento actual na Rússia consiste *na transição* da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e organização, *para* a sua *segunda* etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato" (1980,p.14).

Depreendemos do enunciado de Lênin que na *formação territorial* em questão a etapa da revolução burguesa estava superada e a conquista do poder pelo operariado estava colocada na ordem do dia. Porém, o importante para nossa análise da presente seção é que o autor das *Teses de Abril* não somente compreende o momento particular que seu país passava, mas também a relevância daquela *espinha dorsal da revolução*, ou seja, a rede de conselhos que tinha se imposto na escala do território do outrora império czarista - para a questão do poder. Observemos as palavras de Lênin sobre esses delineamentos estratégicos:

"...os SDO⁷⁷ são a única forma possível de governo revolucionário ..." [não se pode retornar a]... uma república parlamentar — regressar dos SDO a ela seria um passo atrás, mas uma república dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas e camponeses em todo o país, desde baixo até acima" (Lênin,1980,p.14).

Nessa passagem, percebemos nitidamente que a questão do poder passa pela rede de conselhos, dado que estes na estratégia de Lênin eram a base ou plataforma de edificação de algo novo na escala do território russo: a edificação de uma **república de sovietes**. Cabe frisar que na teoria política do autor do *Que Fazer?* – conforme

Sovietes de Deputados Operários.

veremos mais detalhadamente no próximo capítulo – o partido ou o Príncipe para usar um termo de Gramsci ancorado em Maquiavel - era o Estado Maior da classe operária, ou o setor mais consciente do operariado, portanto a vanguarda que iria dirigir os processos de lutas. Ancorado nesse quadro de consideração, Lênin além de ver os sovietes como uma centralidade ímpar na arena revolucionária e um caminho para o poder, percebe o deslocamento de seu partido em relação à rede de conselhos. E nessa perspectiva pontua em suas *Teses de Abril:* "Reconhecer o facto de que, na maior parte dos Sovietes de deputados operários, o nosso partido está em minoria, e, de momento, numa minoria reduzida, diante do *bloco de todos* os elementos oportunistas pequenoburgueses ...". Após reconhecer a pouca penetração de seu partido na rede de conselhos, o autor de *Sobre o Direito das Nações a Autodeterminação* conclama sua agremiação política a adentrar aos sovietes e produzir uma hegemonia a partir do convencimento. Vejamos de forma mais direta parte dessa diretiva:

"Explicar às massas que os SDO são *a única* forma *possível* de governo revolucionário e que, por isso, enquanto *este* governo se deixar influenciar pela burguesia, a nossa tarefa só pode consistir em *explicar* os erros da sua táctica de modo paciente, sistemático, tenaz, e adaptado especialmente às necessidades práticas das massas" (Lênin,1980,p.14).

Mas essa nitidez ficará mais contundente quando trazermos para o quadro de nossa análise a presença de outro documento produzido pelo mesmo autor: *Sobre a Dualidade de Poderes*. Este é um texto publicado no Pravda - então jornal oficial do partido – no dia 9 de abril de 1917, portanto dois dias depois das famosas *Teses de Abril*. Neste novo escrito, Lênin pontua de forma mais incisiva elementos de sua estratégia para o poder. Observemos literalmente tais elementos em seu discurso:

A questão fundamental de toda a revolução é a questão do poder de Estado. Sem esclarecer esta questão nem sequer se pode falar em participar de modo consciente na revolução, para já não falar em dirigi-la.

Uma particularidade extremamente notável da nossa revolução consiste em que ela gerou uma *dualidade de poderes*. É preciso, antes de mais nada, compreender este facto; sem isso será impossível ir avante.

(...) Em que consiste a dualidade de poderes? Em que ao lado do Governo Provisório, o governo da *burguesia*, se formou *outro*

governo, ainda fraco, embrionário, mas indubitavelmente existente de facto e em desenvolvimento: os Sovietes de deputados operários e soldados.

Qual é a composição de classe deste outro governo? O proletariado e os camponeses (vestidos com a farda de soldado). Qual o carácter político deste governo? É uma ditadura revolucionária, isto é, um poder que se apóia directamente na conquista revolucionária, na iniciativa imediata das massas populares vinda de baixo, e não na lei promulgada por um poder de Estado centralizado (grifo nosso). É um poder de um gênero completamente diferente do poder que geralmente existe nas repúblicas parlamentares democrático-burguesas do tipo habitual imperante até agora nos países avançados da Europa e da América.

- (...) *Este* poder é um poder do *mesmo tipo* que a Comuna de Paris 1871. Os traços fundamentais deste tipo são:
- 1. a fonte do poder não está numa lei previamente discutida e aprovada pelo parlamento, mas na iniciativa directa das massas populares partindo de baixo e à escala local, na «conquista» directa, para empregar uma expressão corrente;
- 2. a substituição da polícia e do exército, como instituições separadas do povo e opostas ao povo, pelo armamento directo de todo o povo; com este poder a ordem pública é mantida pelos *próprios* operários e camponeses armados, pelo *próprio* povo armado:
- 3. o funcionalismo, a burocracia ou são substituídos também pelo poder imediato do próprio povo ou, pelo menos, colocados sob um controlo especial, transformam-se em pessoas não só elegíveis, mas *exoneráveis* à primeira exigência do povo, reduzem-se à situação de simples representantes; transformam-se de camada privilegiada, com «lugarzinhos» de remuneração elevada, burguesa, em operários de uma «arma» especial, cuja remuneração *não exceda* o salário normal de um bom operário.
- (...) Daqui deveria já ficar claro porque é que também os nossos camaradas cometem tantos erros ao formular «simplesmente» esta pergunta: deve-se derrubar imediatamente o Governo Provisório?

Respondo:

- 1. deve-se derrubá-lo, pois é oligárquico, burguês, e não de todo o povo, ele *não pode* dar nem paz, nem pão, nem plena liberdade;
- 2. não se pode derrubá-lo agora, pois sustenta-se graças a um *acordo* directo e indirecto, formal e de facto, com os Sovietes de deputados operários e, em primeiro lugar, com o principal Soviete, o de Petrogrado;
- 3. de uma forma geral não se pode «derrubá-lo» pelo meio habitual, pois assenta no *«apoio»* que presta à burguesia o *segundo* governo, o Soviete de deputados operários, e este governo é o único governo revolucionário possível, que expressa directamente a consciência e a vontade da maioria dos operários e camponeses. A humanidade não criou e nós não conhecemos ate hoje um tipo de governo superior nem melhor que os Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas, camponeses e soldados" (Lênin,1980,p.17,18,grifo nosso);

para nossa análise. Primeiramente, vamos começar problematizando com Lênin. Ele vê o contexto revolucionário russo a partir de uma dualidade: Governo Provisório x Sovietes. Dois sistemas de autoridades que não poderiam conviver por muito tempo já que um afogaria o outro. De nossa parte, pensamos que essa caracterização dualista é uma extrema simplificação. Como reforço a nossa posição lembremos que toda a exposição anterior sobre os conselhos demonstraram que uma característica mais fundamental do movimento de sovietes de 1917 é seu caráter descentralizado. Obviamente que em meio a essa descentralização existia uma mínima articulação conforme demonstramos na seção precedente - com elementos de centralização: uma rede com seus nós e pontos de hierarquias, mas sem o peso de uma rigidez de um controle exercido a partir de um centro. Mas, no plano de nossa análise, não sejamos tão injustos com o líder bolcheviques, ignorando os pontos de tensão de sua caracterização. O próprio Lênin, apesar de está vendo as coisas a partir de uma perspectiva dual reconhece que o pólo soviético dessa dualidade não é regido por uma centralização. Isso é o que fica patente quando ele assevera em dois pontos diferentes de sua extensa citação reproduzida acima. Primeiramente quando pontua que o caráter do governo dos sovietes é "... um poder que se apóia directamente na conquista revolucionária, na iniciativa imediata das massas populares vinda de baixo, e não na lei (grifo nosso) promulgada por um poder de Estado centralizado" (Lênin,1980,17). Secundariamente, quando retoma a mesma idéia com outras palavras: "... a fonte do poder [dos sovietes] não está numa lei previamente discutida e aprovada pelo parlamento, mas na iniciativa directa das massas populares partindo de baixo e à escala local (Lênin,1980,17). Como pudemos constatar, o líder bolchevique reconhece categoricamente que os sovietes não são controlados por "um poder de Estado centralizado". Neste ponto, para explorar melhor o quadro de tensões vamos trazer para o âmbito de nossa análise outro artigo da figura em questão em que ela demonstra que a ausência de um ente político centralizado requer como contrapartida a presença de um Estado centralizado. O texto ao qual nos referimos é A Catástrofe que nos Ameaça e como Combatê-la, confeccionado em setembro de 1917 e publicado no final de outubro do mesmo ano. Neste escrito o autor defende via figura estatal vária medidas de controle e centralização para gerir as dificuldades pelo qual seu país passava. Dentre estas se destacam: medidas de controle sobre as finanças, produção, circulação, etc. O cerne dessas propostas centralistas – e segundo seu autor de cunho socialista - é bem sintetizado na seguinte passagem:

"... o socialismo nada mais é do que o passo seguinte ao monopólio capitalista de Estado. Ou em outros termos, o socialismo nada mais é do que o monopólio capitalista de Estado posto a serviço de todo o povo e que, por isso, deixou de ser monopólio capitalista" (Lênin,1988,p.44)

Mas a idéia de centralismo e centralização fica mais explícita no fragmento de outro artigo cujo título apresentaremos mais à frente. Neste escrito, rebatendo as colocações de um militante do partido Kadete que declarara a impossibilidade de os bolcheviques chegarem e manterem o poder vias sovietes devido ao caráter descentralizado destes organismos, Lênin assina:

"Relacionado ao problema do aparelho do Estado, encontra-se também o problema do centralismo, colocado com inusitada veemência e incapacidade pelo camarada Bazarov em *Novaia Zhizn*, nº 138, de 27 de setembro, num artigo intitulado 'Os bolcheviques e o problema do poder'(...)

Procurar mostrar aos bolcheviques, centralistas por convicção, de acordo com seu programa e como toda a tática de seu partido, a necessidade do centralismo, é o mesmo que querer abrir a uma porta aberta (...)

O Estado, estimados senhores, é um conceito de classe. O Estado é um órgão ou instrumento de violência exercida por uma classe sobre outra. E enquanto for um instrumento de violência exercida pela burguesia contra o proletariado, o proletariado não pode ter mais que uma palavra de ordem: destruição deste Estado. Mas quando o Estado for um Estado proletário, quando for um instrumento de violência exercida pelo proletariado contra a burguesia, seremos partidários, inteira e incondicionalmente, de um poder firme e centralizado.(...)

Nenhum de nossos órgão centrais, nenhum bolchevique jamais se pronunciou contra a centralização dos sovietes, contra as unificação. Nenhum de nós objeta a organização de comitês de fábricas em cada ramo de produção ou a sua centralização" (1988,p.85,86, grifo nosso).

Lênin, como pudemos constatar, vê a figura estatal pelo viés de classe e nesse sentido advoga medidas de controle por parte do novo Estado, que ele chama de proletário, contras as classes favorecidas. No entanto, sem, deixar de defender medidas de centralização para com a base dessa nova instituição estatal, os sovietes.

Porém, independentemente de nossas problematizações sobre o caráter descentralizado da rede de conselho e a caracterização simplista permeada de tensões do

Líder bolchevique, este via nos sovietes um referente geopolítico de sua estratégia política para o poder. Esse referente geopolítico será sempre uma constante na perspectiva estratégica de Lênin ao que pese o fato de que após as jornadas de julho ele tenha temporariamente retirado o apóio aos sovietes e se voltado para os comitês de fábricas em virtude de aqueles terem adotado uma política anti-bolchevique. A pertinência de nossa afirmativa fica mais evidente quando trazemos para o quadro de nossa análise mais um texto do autor de Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo produzido no calor da conjuntura revolucionária de 1917, mais precisamente em outubro de 1917. O documento ao qual no referimos é Poderão os Bolcheviques Manter o Poder? Um artigo chave para o quadro de nossa análise, porque sintetiza a geopolítica de Lênin para a revolução. Este texto foi publicado na revista **Proveschenie** em resposta às argumentações das agremiações políticas rivais aos bolcheviques como Kadetes, Socialistas Revolucionários e Mencheviques que alegavam que a tomada do poder pelos futuros comunistas era uma inviabilidade dado o isolamento tanto do partido quanto do proletariado em relações as demais forças políticas e sociais da arena política russa.

Neste extenso texto, Lênin rebate as objeções de seus rivais políticos sobre aquela inviabilidade e desenha sua estratégia de construção de uma hegemonia bolchevique e segundo Ilitch proletária na escala do território russo que evitasse tanto o isolamento de seu partido quanto do operariado em relação às demais classes e grupos sociais. Nesta perspectiva, o líder bolchevique, vendo a população como um dado político, delineia que a produção dessa hegemonia passava pelo angariamento do apóio da maioria da população da arena política, a partir da resolução das questões sociais que perpassavam a sociedade russa assim que os comunistas e operários alçassem a posição de governo. Nesta linha ele pontua:

"O problema nacional e o agrário são, atualmente, os problemas centrais (...) da população da Rússia. Isto é indiscutível. E em ambos os problemas o proletariado 'não está isolado', muito longe disto. Tem com ele a maioria do povo. Somente ele é capaz de seguir, com respeito a ambos os problemas, uma política tão decidida, tão verdadeiramente 'democrática e revolucionária', que garantirá imediatamente ao poder do Estado, não só o apóio da maioria da população, mas uma verdadeira explosão de entusiasmo revolucionário do povo" (Lênin, 1988.p.69).

A referência, por parte do líder bolchevique, da questão agrária e nacional nos obriga nesta altura tecer rapidamente algumas considerações sobre a estratégia de cunho mais global do bolchevismo para a revolução russa. Esse quadro de explicação, por sua vez, tornará mais clara a dimensão espacial da mesma. Neste sentido, marquemos que Toda revolução é perpassada por questões sociais (Arendt,1988). Lênin, como salientamos acima, via as camadas oprimidas e exploradas da população como referentes políticos para a revolução russa. Em outros termos, tanto elementos de desagregação da ordem estabelecida como suporte ou apoio a edificação de uma nova Sintomático do que afirmamos, é que o futuro líder do Estado soviético se embrenhara desde o final do século XIX em um esforço de inventariar as principais problemáticas sociais ou questões sociais que perpassavam a sociedade de seu país.

O inventário ao qual nos referimos pode ser captado facilmente através dos diferentes escritos da figura em questão. Por exemplo, em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* e em *O Programa Agrário da Social Democracia Russa*, escritos respectivamente em 1895 e 1905, ela discute a questão agrária. Por sua vez, em *Sobre o Direito das Nações a Autodeterminação*, escrito em 1908, é a problemática das nacionalidades que é colocada em foco. Nesses dois casos, o líder bolchevique não se limita a somente por as referidas questões na agenda de discussão, mas também localizá-las precisamente no território russo. Neste sentido, ele identifica que a problemática das nações oprimidas estava assentada, sobretudo na periferia do império e a agrária colocada de forma mais contundente no centro do território. Além de pontuar que a questão operária, principal base operativa dos bolcheviques, estava posta nos centros urbanos. Nessa linha esquemática, Lênin vê o desenho da revolução no território a partir de três grandes eixos ou três referentes geopolíticos: a questão operária, a questão da terra e a questão das nacionalidades.

Essa dimensão espacial da estratégia leninista denota levemente os contornos do império czarista como um horizonte de conservação dentro da estratégia bolchevique de ruptura social ou o território como um elemento de continuidade da revolução. Adiante exploraremos, de forma mais pormenorizada, essa dimensão da geopolítica comunista para a área de soberania do império. Por ora, vamos marcar que pelo exposto salienta-se que a grande preocupação do líder bolchevique era criar um mecanismo de hegemonia em que seu diminuto partido localizado em alguns pontos estratégicos do território conseguisse construir através do angariamento do apoio popular um novo domínio ou

um novo quadro de autoridade para o mesmo. É nesta direção que podemos ler o seguinte trecho de *Poderão os Bolcheviques Manter o Poder?*

"Desde a revolução de 1905, a Rússia tem sido governada por 130.000 latifundiários, que cometeram um sem-número de violências contra cinquenta milhões de pessoas, que lançaram sobre elas ultrajes sem limites e condenaram, a imensa maioria, a trabalhos desumanos e à fome.

E agora nos dizem que os 240.000 membros do partido bolchevique, não poderão governar a Rússia, governá-la no interesse dos pobres contra os ricos" (Lênin, 1988,p.81).

Mas deixemos a estratégia global dos bolcheviques de lado e voltemos novamente aos sovietes. Sobre estes, Lênin volta novamente a frisar sua importância. Sintomático disso é a seguinte passagem:

"Se a iniciativa popular criadora das classes revolucionárias não tivesse criado os sovietes, a revolução proletária na Rússia não teria esperança, pois o proletariado não poderia, indubitavelmente, reter o poder com o antigo aparelho de Estado, e é impossível criar de repente um novo aparelho" (Lênin,1988,p.74).

O que podemos depreender da análise de todo esses textos do Líder do Bolchevismo? Que as instituições soviéticas foram algo que se erigiram na escala do território russo e que qualquer postulante ao poder nessa arena territorial que quisesse ter êxito necessariamente tinha que colocá-las em seu quadro de consideração já que era nelas que estava agregada a maioria da população. Neste sentido, observemos que os sovietes não foram criações bolcheviques, conforme mostramos na seção precedente e como o próprio Lênin ao longo das passagens reproduzidas acima ressaltou, mas instituições criadas a partir da iniciativa operaria e popular na conjuntura revolucionaria de 1917 e que cuja existência, o líder bolcheviques com seu realismo político no calor do processo revolucionário viu como uma grande oportunidade de ascensão ao poder. Sintomático disso, é que os sovietes apesar de terem surgido em 1905 não despertaram de forma substancial a atenção dos bolcheviques como algo mais estratégico para a revolução.

Como forma de puxar essa discussão para um matiz mais geográfico, vamos colocar em nosso quadro expositivo a assertiva de Moraes (2005,p.51) de que Estado e território são "...dois conceitos profundamente entrelaçados no mundo moderno, em que o Estado é de imediato definido como um Estado dotado de um território". Baseado na afirmativa desse autor de nossa parte assinalamos: quem quer Estado quer território. Lênin queria a figura do Estado - o seu livro *O Estado e a Revolução* escrito no calor do processo revolucionário de 1917 é uma justificativa dessa instituição – conseqüentemente uma reivindicação do território do império russo. Nesta perspectiva podemos asseverar que a palavra de ordem bolchevique "*Todo Poder aos Sovietes*" dentre outras coisas pode ser entendida como uma estratégia de penetração no território, ou melhor, um eixo privilegiado de afirmação do estado no território russo.

Nosso trabalho – como já explicitado - ancora-se em um quadro de consideração do geográfico como materialidade, discurso e ação. Baseado nessa concepção, na seção precedente mostramos ação revolucionária em sua dimensão soviética. Na presente seção, nos concentramos nos discursos, traçando, em linhas gerais, os delineamentos estratégicos dos diferentes atores político da arena revolucionária russa de 1917 para a rede de conselhos, dando enfoque mais substancial aos bolcheviques. Vamos agora para a próxima seção retomar a ação. Nesta perspectiva, vamos tanto seguir com a análise da revolução russa quanto no exame da implementação e desfecho daquela estratégia, desenhada por Vladimir Ilítch Lênin, para a espinha dorsal da revolução

1.5. O Território do Império Russo e a Afirmação do Estado Soviético.

"O papel que eram chamados os conselhos a desempenhar no plano revolucionário de Lênin dependia do grau de amadurecimento do movimento⁷⁸" (Anweiler, 1974, p. 206). Essa maturação chega justamente na crise de agosto quando um golpe do general Kornilov tenta fazer sobre o Governo Provisório e sobre a própria instituição soviética de Petrogrado. Kerensky então primeiro ministro do Governo convoca todos os contrários à investida do general a combater pela revolução. Neste combate, os bolcheviques até então colocados na clandestinidade pelo Governo Provisório com a complacência do Soviete é invocado a participar. O episódio em questão que terminou com o debelamento da tentativa de golpe militar teve o efeito de mostrar a fraqueza do Governo Provisório e nesse bojo abrir espaço para o crescimento da agremiação bolcheviques (Nolde, 1933). Como consequências disso, os futuros comunistas experimentaram um vertiginoso crescimento nas instituições soviéticas. Martin McCauley (1975) registra o que afirmamos nos seguintes termos: "A revolta de Kornilov acelerou o ritmo dos acontecimentos em Petrogrado. Os bolchevistas conquistaram apoio crescente e, em Setembro, constituíam o partido maioritário nos sovietes daquela cidade e de Moscovo" (1975,p.157).

Como ficou implícito acima os demais sovietes não ficaram impermeáveis as tendências dos dois principais conselhos e sofreram um processo de radicalização com a adesão a muitas palavras de ordem dos bolcheviques. Vamos a alguns dados desse processo de bolchevização dos conselhos. Neste sentido, Lionel Kochan (1968) assinala, em termos genéricos, que: "um mapa geral das forças em todo o império mostraria ênfase bolchevique nas áreas-chaves dos centros industriais e praças de guerra – Petrogrado, na Frota, nos exércitos do Norte, na área industrial de Moscou e nos Urais" (1968,p.290). Anweiler, por sua vez, balanceia essa bolchevização apontando que em inúmeros grandes centros urbanos os socialistas revolucionários e os mencheviques "...conservaram de fato a maioria dos sovietes, notadamente nos conselhos operários de Kiev, no conselho operário e soldados de Tiflis, Rostov sobre o Don, Vitebsk, Novgorod, Nigni-Novgorod, Vologda, Viatka, Voroneje, Orel, Penza, Tula, Tambov, Perm, Simbisk, Ekaterinoslav e Arkangelsk 79, (1974,p.230). Neste ponto

O original seria: "Le rôle que étaient appelés les conseils à jouer dans le plan révolutionnaire de Lenine dépendait du degré de maturation du mouvement.

O original seria: "Dans nombre de grandes villes, les socialiste moderé

é interessante trazer para o quadro de nossa exposição alguns elementos de problematização sobre a bolchevização dos conselhos, posto que se essa palavra não for acompanhada de algumas explicações pode induzir sérios equívocos como os que propositadamente defende certas linha historiográficas demasiadamente pró bolchevique que enfatiza que a bolchevização é adesão automática a linha programática do partido de Lênin. Contrariamente a essas linhas, assinalamos que bolchevização deve ser entendida como a aceitação por muitos conselhos de alguns lemas defendidos pelos futuros comunistas: como todo poder aos sovietes, eliminação do **Governo Provisório**, pão, paz e terra etc. (Anweiler, 1974).

Deixemos as problematizações de lado e voltemos à narrativa dos fatos. Neste retorno, marquemos que a ascensão dos bolcheviques à condição de maioria em conselhos estratégicos os encoraja a empreender uma insurreição na capital como forma de suprimir definitivamente o **Governo Provisório** e instalar um **Governo Soviético**. Neste sentido, em outubro um plano de ação é elaborado e no dia 24 do mesmo mês posto em prática com a tomada de pontos chaves da capital como estações de trens, agências de correios e telégrafos, etc.. Nessa dinâmica de controle ao cair da noite "toda a cidade estava nas mãos dos insurretos: somente o Palácio de Inverno resistia" (Ferro,1974,p.90). Porém, este antes do amanhecer do dia seguinte teve sua resistência quebrada, posto que as tropas que se achavam ali para defendê-lo se renderam sem praticamente travar combate diante da investida dos bolcheviques e seus aliados (Salamoni,1995).

Os eventos narrados acima foram perpetrados poucos antes da abertura do segundo Congresso dos Sovietes de toda Rússia - realizado entre os dias 26 e 27 de outubro – e submetido *post festum* a aprovação da referida reunião. Esta prontamente ratifica a insurreição e sanciona a criação de um novo governo (Governo do Comissariado do Povo, **SORVNARKON**) com os seguidores de Lênin majoritariamente à frente (Nolde, 1933). Como forma de atrair o apoio da população e se inserir a autoridade governamental no território do outrora espaço de soberania czarista, o novo governo erigido na capital, baixa vários decretos. Dentre estes se destacam: o decreto sobre a terra que concedia terras aos camponeses sem indenização dos latifundiários; o decreto sobre a paz que propunha um armistício imediato e a

-

conservèrent en effet la majorité dans les soviets, notamment au conseil ouvrier de Kiev, au conseil ouvrier et soldat de Tiflis, à Rostov-sur-le-Don, Vitebsk, Novgorod, Nijni-Novgorod, Vologda, Viatka, Voronèj, Orel, Penza, Toula, Tambov, Perm, Simbirsk, Iékatérinoslav et Arkhangelsk".

abertura de negociações para o fim definitivo da guerra; o decreto sobre o controle operário que legalizava a gestão dos trabalhadores sobre a produção fabril; o decreto sobre o Direito dos Povos da Rússia, que reconhecia e proclamava a igualdade das nações constituintes do império czarista e o direito delas à separação caso o desejassem (Filho, 1997).

Os elementos narrativos de nosso quadro expositivo referem-se unicamente a Petrogrado. Diante desse quadro restritiva apresentada uma indagação se impõe: qual o rebatimento da **Revolução de Outubro** no território russo? Para respondermos a interrogação posta temos que marcar primeiramente que "A característica mais destacada do movimento bolchevique em Petrogrado foi que se realizou quase sem derramamento de sangue⁸⁰" (Chamberlin, 1967, p. 402). Com isso posto, já podemos assinalar que em Moscou, a segunda mais importante cidade do outrora espaço de soberania czarista, as coisas não se passaram de maneira tão pacífica como na cidade de Pedro, posto que foram registradas inúmeras lutas entre as forças rivais e neste contexto de disputa a hegemonia dos partidários do soviete somente se confirmou após dez dias de intensos combates (Figes, 1999).

Não temos como narrar os pormenores da passagem do poder aos sovietes em todas as localidades do outrora espaço de soberania czarista. Mas com base em alguns autores conseguimos pintar os traços gerais dessa passagem para além de Petrogrado e Moscou. Neste sentido, o barão Boris Nolde marca:

"os efeitos diretos e imediatos do golpe de Estado de 25 de outubro de 1917 deve ser procurado nas cidades. É ai que o bolchevismo exerce uma influência preponderante e encontra seu verdadeiro campo de ação. O golpe de Estado de Petrogrado se estendeu repetindo-se em todas as cidades, grandes e pequenas da Rússia⁸¹" (1933,p.183).

William Henry Chemberlin matiza essa dinâmica de transmissão ao assinalar: "O curso da transferência do poder aos sovietes variou de um lugar ao outros, de acordo

O original seria: "Les effets direct et immediats du coup d'État du 25 de octobre 1917 doivent être cherchés dans les villes. C'est lá que le bolchévisme exerça une influence preponderante et trouva son véritable champ d'accion. Le coup d'État de Pétrograd s'étendit en se répétant à toutes les villes, grandes et petites, de la Russie".

O original seria: "La característica más destacada del movimiento bolchevique en Petrogrado fue que se realizo casi sin derramamiento de sangre".

com fatores tais como a força da organização partidária local, a proporção de operários industriais na população e o estado de ânimo da guarnição local⁸²" (1967,p.436). O mesmo autor ainda assinala:

Naqueles lugares em que os bolcheviques já tinham a maioria do Soviete a transferência foi simples. Onde não eram maioria, o procedimento usual era criar um Comitê Militar Revolucionário local, apoderar-se das instituições governamentais e logo celebrar novas eleições para os sovietes 83, (1967,p.438).

Em uma linha similar a Chamberlin, Leonard Schapiro pinta três cenários de tomada de poder pelos bolcheviques:

"No caso onde os bolcheviques já controlavam o soviete, eles criaram um Comitê revolucionário (C.M.R.) que, se apoiou sobre os guardas vermelhos, se apoderam do poder. Os socialistas foram expulsos ou mais freqüentemente se retiram. Quando o soviete era dominado pelos moderados, o Comitê revolucionário era formado com o sustento da base bolchevique e reclamava novas eleições; se os sovietes se mostravam mais determinado, eles formavam um comitê de salvação para resistir aos bolcheviques, e um conflito se seguia. No terceiro caso, se os bolcheviques do lugar se revelavam mais moderados e prontos a colaborar com o comitê de salvação, os extremistas faziam pressão do exterior. Graças a esses comitês revolucionários posto no lugar para controlar os sovietes não bolcheviques e agindo freqüentemente de comum acordo com os soldados de guarnição local, o poder foi conquistado em três meses e meio duzentos em sessenta e três centros...⁸⁴".(1987,p.227,228).

_

O original seria: "El curso de la transferência del poder a los soviets varió de un lugar a outro, de acuerdo con factores tales como la fuerza de la organización partidária local, la proporción de obreros industriales en la población y el estado de ánimo de la guarnición local".

O original seria: "En aquellos lugares en que los bolcheviques ya tenían la mayoria del Soviet la transferência del poder fue simples. Donde no eram mayoría, el procedimiento usual era crear un Comité Militar Revolucionario local, apoderarse de las instituciones gubernamentales y luego celebrar nuevas elecciones de soviets".

O original seria: "Dans les cas où les bolcheviks contrôlaint déjà le soviet, ils mirent sur pied un Comité revolucionaire (C.M.R.) qui, appuyé sur les gardes rouges, s'empara du pouvoir. Les socialistes furent expulsés ou, plus souvent, se retirènt. Quand le soviet était dominé par les moderes, les Comité révolutionaire était formé avec le soutien de la base bolchevik et réclamait de nouvelles éllections; se les soviets se montraient plus determines, ils formaient um comitê de sauvegarde pour resister aux bolcheviques, et um conflit s'ensuivait. Dans le troisième cas, si le bolcheviks de l'endroit s'avéraient plutôt moderes et prêts à collaborer avec le comitê de sauvegarde, les extrémistes faisaient pression de l'exterieur. Grâce à ces comités révolutionnaire mis en place pour contrer les soviets non bolcheviks et agissant souvent de concert avec les soldats de la garnison locale, le pouvoir fut conquis en trois mois et demi dans deux cent soixante trois centres..."

Paul Claval em uma assertiva já apresentada, mas de retorno completamente pertinente comenta que: "O mapa torna mais legível os conhecimentos consignados por escrito" (2011,p.77). Na linha do asseverado pelo geógrafo francês vamos complementar o quadro traçado pelos Chamberlin e Schapiro com mais uma representação de nossa produção cartográfica que mostra, ou melhor, sugestiona a tomada do poder via sovietes. Nesta perspectiva, vamos então ao mapa **A Revolução de Outubro na Rede de Sovietes.**

A representação em questão nos permite visualizar a dinâmica de adesão da palavra de ordem "todo poder aos sovietes" e simultaneamente deixa perceber que nas porções mais marginais do território há um retardo da adesão dos conselhos à **Revolução de Outubro.** Isso, por sua vez, nos sugestiona que a localização dos bolcheviques eram mais forte na parte mais centrais da rede de conselhos e conseqüentemente no território.

Orlando Figes (1999) ao apontar a dinâmica processual de estabelecimento do poder soviético no outra espaço de soberania czarista não deixa de confirmar a narrativa de nossa representação cartográfica no referente àquele retardo. Neste sentido ele marca: "Nas províncias agrícolas do sul, a transferência de poder só se concluiu no fim do ano e, em geral, foi sangrenta, com lutas nas ruas das principais cidades (Orel, Kursk, Voronezh, Astracã, Chernigov, Odessa, Kherson, Ekaterinoslav, Sebastopol, e outras)" (1999,p.644).

Em nossa análise, caber marcar que a tática ou eixo estratégico dos bolcheviques era fazer a insurreição vias sovietes. Como vimos pela narrativa exposta, em muitos lugares a insurreição foi realizada, conforme o desígnio traçado; em outros a transferência de poder foi realiza à revelia dos conselhos. Nessa linha ainda, temos que relembrar que em muitos lugares os sovietes não tomaram o poder em outubro eles simplesmente já eram o poder muitos antes desse mês. Em outros termos, em muitos lugares eles já tinham a prerrogativa de única autoridade pública no âmbito das localidades onde atuavam. O caso emblemático disso é Cronstadt.

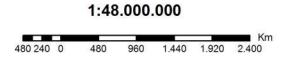
Neste contexto insurrecional cabe ainda mencionar que a autoridade de um poder central não se afirmou de imediato. Eduard Hallet Carr (1973) sobre isso assinala que as ordens de Petrogrado durante muito tempo não iam para além do perímetro urbano da capital. Anweiler (1974) complementa a assertiva de historiador inglês com a

A Revolução de Outubro na Rede Sovietes

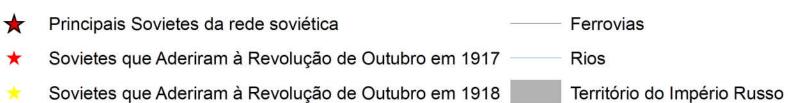


Sistema de Projeção: GCS_WGS_1984 Datum: D_WGS_1984

Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo; Marulanda, Ojeda Carolina; 2011.



Legenda



seguinte colocação: "...a vitória da insurreição de Petrogrado e a proclamação do poder dos sovietes pelo Congresso era uma coisa, a tomada do poder na Rússia inteira era outra⁸⁵" (1974,p.245). O barão Boris Nolde por intermédio de outras palavras aprofunda significativos elementos dessa situação

"Esses centros de poder improvisados não tinham pontos de ligação estabelecidos entre eles. Cada Soviet faziam apenas o que dava na cabeça. A fórmula de uma das primeiras declarações de Lênin: 'todo poder aos lugares'! correspondia exatamente à situação. Uma certa unidade na direção geral do movimento vinha do fato que os Sovietes das localidades menos importantes imitavam o que acontecia nos centros (...) [neste contexto] (...) de direito como de fato, o governo central não tinham nenhum autoridade sobre os Sovietes locais ⁸⁶" (Nolde, 1933, p.187).

Deixemos a frágil autoridade estatal de lado por um momento e vamos contrapor com o quadro de intencionalidade dos comunistas. Neste sentido vamos marcar antes de tudo que a figura de um Estado requer um domínio territorial controlado a partir de um quadro de normas. Em outros termos, todo Estado é um ente político que busca possuir capacidade de intervenção no território e exercício da coerção no corpo social. Ou ainda, não existe Estado sem regulação do território e de seu quadro demográfico. Iná Elias de Castro na linha do que afirmamos assevera: "a luta pela posse, controle e submissão legal do território foi e tem sido uma questão central na história de todos os Estados modernos" (2005,p.45). Os bolcheviques entendiam — para além de suas utopias - a referida entidade política nestes termos: poder soberano, monopólio da força, centralização do poder, etc. Neste sentido, a estratégia de afirmação da autoridade estatal no outrora espaço de soberania czarista, vias sovietes comportava uma intencionalidade de centralização dessas instituições — conforme mostramos linhas atrás - já que os conselhos na forma como historicamente se erigiram e se organizaram

-

O original seria:"...la vicitoire de l'insurreiction à Pétrograd et la proclamation du pouvoir des soviets par le Congrés étaient une chose; la prise en charge par les bolcheviks dans la Russie entière en était une autre".

O original seria: "Ces centres de pouvoir improvisés n'avaient point de liens établis entre eux. Chaque Soviet n'en faisait qu'à sa tetê. La formule d'une des premières déclarations de Lénine: 'tout le pouvoir sur les lieux'! répondait exactement à la situation. Une certaine unité dans la direction générale du mouvement découlait du fait que les Soviets des localités moins importantes imitaient ceux qui fonctionnaient dans les centres (...) en droit comme en fait, le gouvernement central n'avait aucune prise sur les Soviets locaux ".

representavam uma inviabilidade da idéia de Estado. Como afirma Carr (1973): "...a espontaneidade do movimento que havia criado os sovietes nas fabricas e nos povoados significava que seus atos independentes tinham que ser irregulares, não coordenados e desbaratadores da administração ordenada⁸⁷" (1973,p148).

Posto esses delineamentos, vamos trazer para nosso quadro expositivo alguns trechos da primeira Constituição Soviética no intuito de substancializar o teor corroborativo do que recém afirmamos. Mas antes de partimos para uma análise do documento em questão encaixemo-lo naquela tríplice concepção do geográfico exposta na introdução e que orienta nossa abordagem - materialidade, discurso e ação. Neste sentido, pontuemos que nosso objeto de exame no âmbito daquele tríplice entendimento, encaixa-se no plano do discurso. No campo ainda de se confeccionar considerações preliminares à prometida analítica, impõe-se mencionar o momento ou conjuntura ao qual a constituição foi aprovada e mesmo elaborada. Nesta linha, vamos marcar que o sancionamento da primeira Carta Magma soviética se deu em um momento em que a autoridade da nova entidade governamental era muito frágil ainda ou incipiente na arena territorial. O fechamento da Assembléia Constituinte em janeiro de 1918 ao quais as forças antibolcheviques depositaram esperança de reverter a posição de mando governamental dos comunistas foi anulada. Em decorrência disso, iniciou -se um sangrento conflito civil – cujos traços gerais veremos logo mais à frente - que turvou ainda mais a precária autoridade do governo soviético sobre a outrora área de soberania czarista (Carr,1973).

Marcado esses delineamentos, comecemos nossa empreitada analítica pelo nome oficial do documento a ser examinado: Constituição da República Socialista Federal Soviética Russa. Uma designação que denota tanto um tipo de organização política e social quanto um ente de dimensão espacial. Nesse contexto de investigação, o quadro denominativo nos dá ensejo para recordar de Moraes, em seu livro *Território e História no Brasil*, onde este autor nos assegura que os discursos são passíveis de denotar estratégias de âmbito espacial (2005). Isso, por sua vez, nos lembra uma assertiva, do historiador francês Fernand Braudel, que diz: "As civilizações são espaços" (2004,p.31). Com as devidas considerações, os raciocínios dos dois autores transposto para nosso quadro de preocupação, mais precisamente para análise da constituição, não deixa de

O original seria: "..la espontaneidad del movimiento que había creado los sovietes en las fábricas y en los pueblos significaba que sus actos independientes tenían que ser irregulares, no coordinados e desbaratadores de la administración ordenada".

denotar o horizonte de pretensão territorial bolchevique. Em uma linha de clarificação do exposto, o nome geográfico Rússia, ou mais exatamente o adjetivo pátrio russa, no título do texto constitucional denota o âmbito espacial ao qual os comunistas queriam regular e estender a soberania estatal. Marquemos - desde já - que apesar de o título sugerir um âmbito espacial de regulação, o conteúdo do documento em questão não marca em nenhum momento, em termos preciso, os limites ou fronteiras do território. Repitamos, não marca os limites, mas deixa registrada subjacentemente no corpo do texto as pretensões de conservação dos contornos do outrora espaço czarista a partir de um arranjo federativo.

Feita esse primeiro exame e antes de dar prosseguimento à empreitada analítica, vamos marcar sucintamente alguns pormenores de ordem histórica e formal sobre a primeira Constituição Soviética: o quadro de leis que o Governo Soviético estabeleceu para a nova entidade política criada em outubro de 1917, ou ainda como diz o próprio documento: "...a única lei fundamental da República Federal Soviética Socialista Russa⁸⁸"(Constitution of the R.S.F.R.,1918). Aprovado no quinto Congresso Pan-Russo dos Conselhos, mais precisamente em 10 de julho de 1918, o text o constitucional compõe-se de seis artigos e 17 capítulos, cujo conteúdo sanciona o *Decreto do Povo Trabalhador e Explorado* que foi aprovado em janeiro de 1918 no Terceiro Congresso Pan Russo de Sovietes. Além disso, como não poderia deixar de ser, a aludida constituição desenha a estrutura organizacional do novo Estado a ser erigido. Nesta altura, pontuamos novamente que não faremos uma análise pormenorizada do documento em questão. Neste sentido, traremos apenas alguns trechos que corroborem ou dêem força a nossa argumentação. Sem mais delongas, vamos aos fragmentos que nos interessam.

Em seu Artigo Primeiro e Capítulo Um a constituição estabelece, dentre outras coisas, os conselhos como depositários de todo o poder.

"1 A Rússia é declarada uma República de Sovietes de Deputados Trabalhadores, Soldados e Camponeses. Todo o poder central e local pertence a esses sovietes.

2 A República Soviética Russa é organizada com base em uma união livre das nações livres, como uma federação de repúblicas

_

 $^{^{88}}$ O original seria: "... a single fundamental law of the Russian Socialist Federated Soviet Republic".

Na linha de organização do poder central, a constituição em seu artigo três e capítulos seis, sete, oito e nove, estabelece que a autoridade suprema da nova entidade política fundada, República Federal Socialista Soviética Russa, é o Congresso Pan Russos dos Sovietes que se reúne pelo menos duas vezes por ano e é composto tanto por delegados dos conselhos das cidades (na base 1 deputado para 25.000 votantes) quanto das províncias (na base de 1 deputado para 125.000 habitantes). Este organismo elege outro órgão dotado de caráter executivo e legislativo denominado Comitê Executivo Central (VTsIK) que se torna a autoridade suprema no período intercongressual. O VTsIK, por sua vez, elege o Conselho dos Comissários do Povo, uma instância governativa mais ligada à dimensão executiva do governo. Em realidade, o documento constitucional sancionou o Sorvnarkom - que havia sido criado pelos bolcheviques em novembro de 1917 para substituir o derrubado Governo Provisório – como entidade executiva do governo. Vejamos literalmente o que reza a constituição sobre as atribuições desse organismo:

"37 O Conselho de Comissariado do Povo é confiada à administração geral dos negócios da República Socialista Federativa Soviética.

38 Para a realização desta tarefa, o Conselho de Comissariado do Povo emite decretos, ordens, resoluções, e, em geral, toma todas as medidas necessárias para a condução adequada e rápida dos assuntos governamentais⁹⁰" (Constitution of the R.S.F.R.,1918).

Noberto Bobbio (2007) assinala que Todo Estado é um ordenamento jurídico dotado de poder soberano perpassado por um poder central superior e poderes periféricos inferiores. Os fragmentos constitucionais analisados até aqui definiram os

O original seria: 1. Russia is declared to be a republic of the Soviets of Workers', Soldiers', and Peasants' Deputies. All the central and local power belongs to these soviets.

^{2.} The Russian Soviet Republic is organized on the basis of a free union of free nations, as a federation of soviet national republics.

O original seria: "37. The Council of People's Commissars is entrusted with the general management of the affairs of the Russian Socialist Federated Soviet Republic.

^{38.} For the accomplishment of this task the Council of People's Commissars issues decrees, resolutions, orders, and, in general, takes all steps necessary for the proper and rapid conduct of governmental affairs".

organismos centrais do novo Estado ou do topo da instituição estatal. Vamos agora aos poderes periféricos inferiores pontuados pelo pensador italiano e definidos pela constituição em exame. Nesse sentido, a carta do Estado soviético em seu artigo três e capítulos dez, onze e doze versa sobre a organização do poder local e define a competência ou jurisdição do mesmo. Nesse quadro definicional, os sovietes em seus diferentes níveis urbanos, rural, regional e provincial são os elementos periféricos do poder e tem como tarefas:

"a)"Realizar todas as ordens dos respectivos órgãos superiores do poder soviético;

b) Tomar as medidas de melhoria do nível cultural e econômico do território determinado;

c) Decidir todas as questões de importância local em seus respectivos territórios;

d) Coordenar toda a atividade soviética em seus respectivos território⁹¹" (Constitution of the R.S.F.R.,1918).

O trecho constitucional exposto ao definir as competências ou jurisdição dos sovietes em seus diferentes níveis, deixa bastante visível o desígnio de centralização dos descentralizados conselhos, na medida que as atribuições constitucionais confinam as ações dos organismos soviéticos ao âmbito local e simultaneamente determinam os mesmo organismos como aplicadores das ordens emanadas pelos poderes centrais. Edward Hallett Carr não deixa de perceber e comentar com mais propriedade que nós essa regulação. Neste sentido ele pontua:

"... os sovietes ficaram firmemente assentados em seu lugar dentro da estrutura constitucional. Por um lado, constituíam a fonte formal de autoridade e eram os colégios eleitorais pelos quais, através de várias etapas intermediárias, eram eleitos os delegados para o Congresso de Sovietes de toda a Rússia. Por outro lado, eram organismo de governo local que gozavam de ampla medida de

bodies of soviet rule;

given territory;

⁹¹

O original seria: a) "Put into effect all decisions of the corresponding higher

b) Take all measures to promote the cultural and economic development of the

c) Decide all questions of purely local importance (for the given territory);

d) Co-ordinate all soviet activity within the boundaries of the given territory."

iniciativa local, porém sujeitos em todas suas funções a um último controle através dos mesmos níveis intermediários de autoridade, controle que exerciam os organismo do governo central⁹² (1973,p.151,152).

De nossa parte asseveramos que esse enquadramento constitucional dos sovietes é muito diferente daquela caracterização que Vladimir Ilitch Lênin em seu texto Sobre a Dualidade de Poderes – confeccionado no início do processo revolucionário de 1917 – fez desses organismos, a saber: "... um poder que se apóia directamente na iniciativa imediata das massas populares vinda de baixo, e não na lei promulgada por um poder de Estado centralizado (1980,p.17, grifo nosso). Neste ponto é interessante voltar à tática ou estratégia dos bolcheviques – já comentada em parte na seção passada – de "todo poder aos sovietes". Para nós essa palavra de ordem depois dos documentos analisados deve ser entendida como um estratagema político aplicado em dois tempos e que consistiu nas seguinte dinâmica: primeiramente fomentou-se a ação dos descentralizados organismo soviéticos contra a autoridade do fraco Governo Provisório e em um segundo momento se jogou a centralização do Estado Soviético contra os descentralizados e insubordinados conselhos. Nessa chave interpretativa, a territorialidade sovietes é uma coisa e territorialidade do Estado soviético é outra. Em outros termos, trata-se duas territorialidades de traços marcadamente distintos. Mas vamos deixar para explorar de forma mais pormenorizada essas diferenças nas linhas subsequentes. Por hora, vamos aproveitar o ensejo para explicitar sucintamente algo subjacente ao todo exposto até aqui: a Revolução de Fevereiro é o debilitamento da autoridade estatal e a Revolução de Outubro o início do processo de reafirmação do Estado na arena territorial.

Um processo de reafirmação marcado por extremas dificuldades, posto que uma coisa é o quadro de intencionalidade da constituição e seu desígnio de centralização e outra coisa é a efetividade dessas leis sobre a massa demográfica do outrora espaço de soberania czarista e conseqüentemente sobre as instituições soviéticas. Boris Nolde (1935) nos assinala elementos dessas dificuldade de afirmação estatal. Neste sentido, ele

O original seria: "...los sovietes quedaron firmemente asentados en su sitio dentro de la estrutura constitucional. Por um lado constituían la fuente formal de autoridade y eran los colegios electorales por los que, a través de varias etapas intermédias, eran elegidos los delegados para el supremo Congresso de Soviets de toda Rusia. Por outro lado, eran organismo de gobierno local que gozaban de una amplia medida de iniciativa local, pero sujetos en todas sus funciones a un último control a través de los mismo níveles intermédios de autoridad, contol que ejercian los organismo del gobierno central".

assevera após a Revolução de Outubro:

"...o poder soviético se debatia penosamente contra a desorganização total do país. A ausência de toda hierarquia na organização do poder tornava impossível o governo. Cada soviete local se acreditava onipotente, legislava como bem se parecia e rodeava seu território de barreiras aduaneiras e outras destinadas a salvaguardar as provisões, que se tornavam cada vez mais raras, em proveito da localidade⁹³" (1935,p.188).

Em realidade o Governo Soviético estava padecendo do mesmo mau que sofrera o Governo Provisório durante todo seu período de existência, fraca autoridade na arena territorial. Vejamos mais elementos dessa fraqueza com o referido barão russo: "O governo não tinha nenhum domínio sobre todos (...) centros [sovietes] locais quase independentes e se inquietava no vazio, crendo poder conduzir o país a golpe de 'decretos' que eram, em realidade, apenas proclamações revolucionárias ou exposições doutrinais 94" (Nolde,1935,p.188,189). Eduard Hallet Carr é outro autor que assinala o quadro de dificuldade do governo fundado pelos bolcheviques em estender a autoridade na arena territorial desde o momento de sua fundação ao marcar que era mais fácil nas "...primeiras semanas da Revolução publicar decretos que assegurar sua observância. Na primeira metade do ano de 1918, enquanto se estava elaborando a constituição de RSDSR, havia sinais manifestos de por toda Rússia de uma crise geral e uma grave dispersão da autoridade⁹⁵"(1973,p.149). Sobre a insubordinação dos conselhos o historiador inglês ainda complementa: "...a indisciplina dos sovietes locais morreram com dificuldade. Seis meses mais tarde era ainda necessário exortar-lhes a 'executar sem demora e com estrita precisão todas as decisões e ordens das autoridades centrais" (Carr, 1973, p. 152). Sintomático do exposto por Carr é o preâmbulo de um decreto

_

O original seria:"...le pouvoir soviétique se débattait péniblement contre la désorganization total du pays. L'absence de toute hiérachie dans l'organisation du pouvoir rendait imposible le gouvernement. Chaque soviet local se croyait omni potent, légiferait come bon lui semblait et entouv.rait sont territoire de barrières douanières et autres, destinées à sauvegarder les approvisionnements, qui devenaient de plus en plus rares, au profit de la localité".

O original seria: "Le gouvernement n'avait aucune prise sur tous ces centres locaux quasi indépendents et s'agitait dans le vide, croyant pouvoir mener le pays à coup de 'décrets' qui n'étaient en réalité que des proclamations révolutionnaires ou des exposés doctrinaux ".

O original seria: "...primeras semanas de la revolución publicar decretos que asegurar su observancia. En la primera mitad del año 1918, mientras se estaba elaborando la constituición de la RSFSR, habia señales manifiestas por toda Rusia de una crisis general y una grave dispersión de la autoridad".

lançado pelo governo central soviético em 14 de dezembro de 1918:

"Existe instituições regionais que continuam a promulgar suas leis e decretos, o que complica e desordena a obra da legislação geral da República dos Sovietes. Choca-se em diversas regiões e localidades com séries de obstáculos e interdições que criam impedimentos para a livre circulação de viajantes e o transporte de produtos sobre o território da República, paralisando os trabalhos do poder central que tendia a exportar os produtos alimentares supérfluos das localidades ricamente aprovisionadas para as que sofrem da falta de pão. Ver-se publicar nas localidades pelas autoridades das regiões ordenações que comprometem os resultados de medidas ordenadas pelo poder central para a disposição dos bens da república tais quais: alfândegas, usinas, mercadorias evacuadas, aprovisionamentos de toda natureza. Enfim vindo a esmagar a mecânica do aparelho governamental, o desenvolvimento prodigioso da correspondência entre as diversas instituições. E as evoluções tão perigosas do formalismos burocrático constituem um grande perigo, que ameaça de submeter à força criadora do poder dos sovietes sob a onda de papeladas burocráticas" (DECRETO, apud, Nolde, 1935, p.188).

Os documentos postos em nosso quadro expositivo e analítico comprovam o que havíamos asseverado anteriormente: tomar o poder em Petrogrado e Moscou não é tomar o poder no quadro da Rússia. Portanto, a revolução, em estudo, guarda uma dimensão processual de afirmação da autoridade estatal na arena territorial permeada de dificuldades e dramaticidade. Neste ponto, não temos como falar dos embaraços e dramas dessa afirmação estatal sem ao menos comentar sucintamente outro importante elemento complexizador desse quadro.

Neste sentido, se a afirmação estatal vias sovietes apresentou resultados de incipiente efetividade - conforme demonstrou nossa analítica anterior – esse quadro de fraca autoridade do Estado foi substancializado ainda mais com a eclosão da guerra civil no final do primeiro semestre de 1918. Não faz parte do escopo deste trabalho analisar os minuciosos meandros desse complexo e extremamente sangrento conflito civil que grassou a *formação territorial russa* por aproximadamente quatro anos (1918-1921), ceifou a vida de várias pessoas e simultaneamente destruiu muito recursos materiais. Orlando Figes (1999) nos dá alguns indícios da dimensão do drama ao asseverar que mais de um milhão de pessoas morreram durante a referida contenda bélicas.

Apesar de não irmos às minúcias do referido conflito civil, vamos marcar que ele dentro da revolução russa representou uma disputa pelo território em que as

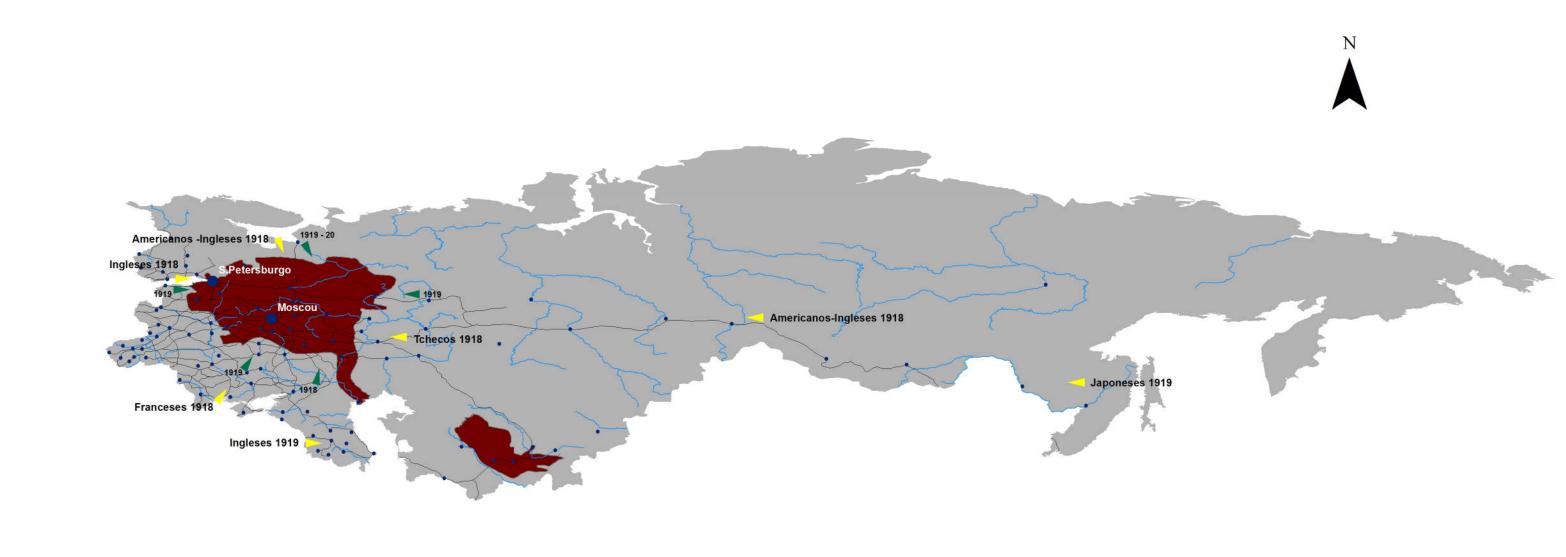
contendas não se davam mais a partir dos sovietes, mas sim por meio de exércitos que disputavam a hegemonia territorial. Desta forma, o outrora espaço de soberania czarista tornou-se uma arena de disputas entre diversas forças políticas com marcado poder militar. Os principais atores coletivos dessa contenda foram os vermelhos – como ficaram conhecidos os comunistas – e o movimento branco, partidário da antiga ordem, portanto da restauração (Lewin,2007). Este último movimento foi fortemente financiado pelos aliados. No espectro da luta, os liberais e demais forças socialistas anti bolchevique não conseguiram colocar-se como alternativa aos vermelhos e brancos nas disputas (Filho, 1997).

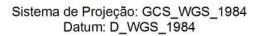
Trotsky (1967), um dos fundadores do Exército Vermelho, o braço militar do Estado Soviético, nos mostra bem o caráter da disputa territorial apesar de o mencionado autor simplificar o quadro ao pintar de forma um tanto dualista:

"A guerra civil dá ao duplo poder sua mais demonstrativa expressão, que é precisamente, a expressão territorial: cada um dos podêres, tendo criado seu campo entricheirado, luta pela conquista do território restante, o qual freqüentemente submete-se à dualidade dos podêres, sob a forma de invasões alternadas das duas potências beligerantes, enquanto uma delas não se tenhas definitivamente consolidado" (1967,p.185).

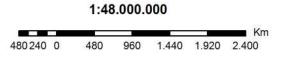
O enunciado de **Trotsky** ganha mais força quando trazermos para o nosso quadro analítico mais uma representação cartográfica. Nesta perspectiva de reforço vamos ao mapa **Guerra Civil: Região de Sedimentação** localizada na página subseqüente. Um primeiro comentário a se tecer é sobre a porção do território russo que se configurou como domínio bolchevique durante todo o período da guerra civil, a **região de sedimentação**. Mas antes de urdir tais esclarecimentos, justifiquemos sucintamente a denominação. Neste sentido, mobilizamos o designativo sedimentação devido ao fato da região em questão ser a fração do território em que os comunistas primeiramente consolidaram firmemente seu poder e a partir de onde eles estenderam a soberania do Estado Soviético para a outrora espaço de soberania czarista. Nesta perspectiva, a palavra sedimentação apesar de remeter a um processo de ordem natural em nossa ressignificação tem uma conotação eminentemente política. Sobre a importância e vantagem do domínio dessa porção do território russo Isaac Deutscher

Guerra Civil: Região de Sedimentação





Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo; Marulanda, Carolina Ojeda, 2011.



Legenda



assina:

"A estratégia da guerra civil foi determinada pelo fato de lutar o Exército Vermelho em frentes dentro de uma circunferência de mais de oito mil quilômetros. Nem mesmo um exército numeroso, bemequipado e bem treinado poderia manter todas essas frentes simultaneamente. A guerra consistia de uma série de incursões em profundidade pelos Guardas Brancos, ora de um ponto, ora de outro, desde os limites externo em direção ao interior. A elas correspondiam contra-ataques vermelhos ainda mais profundos." (2005,p.514,515).

Mas é em outra assertiva de Deutscher que o benefício do domínio daquela porção do território russo fica mais evidente: "O Exército Vermellho (...) tinha a vantagem de operar em 'linhas internas'. Desviava suas forças de uma frente para outra, para assegurar-se a superioridade local. Suas operações eram planejadas e seus recursos controlados por um único centro" por outro lado, "...os Guardas Brancos operavam em linhas externas e estavam separados entre si por milhares de quilômetros. Cada Exército Branco cresceu independentemente e em lugares diferentes." (2005,p.515).

Orlando Figes (1999) é outro autor que não deixa de denotar a relevância das vantagens locacionais **região de sedimentação** para a vitória bolchevique. Neste sentido ele marca que os vermelhos:

"...,contavam com uma vantagem numérica esmagadora, controlavam o vasto território da Rússia central e suas prestigiosas capitais, tinham em mão a maior parte das indústrias do país e o coração da malha ferroviária, o que os capacitava a transferir tropas de uma frente de batalhas para a outra. Os brancos, ao contrário, estavam divididos em várias linhas de batalhas dispersas, o que dificultava operações militares coordenadas..." (1999,p.835).

Neste ponto, abramos espaço para uma rápida digressão. O geógrafo inglês Halford Mackinder no início do século elaborou uma teoria histórico-geográfico da história mundial cuja concepção embasava a teoria geopolítica do poder terrestre. Em um artigo de 1904 ⁹⁶ denominado *O Eixo Geográfico da História*, o referido geógrafo

Nos anos subsequentes Mackinder modificou alguns aspectos de suas

lançava os elementos de defesa da teoria do coração do mundo (Heartland) cujos princípios gerais consistiam na idéia de que o corpo mais expressivo do espaço terrestre do globo era composto de uma Ilha Mundial que por sua vez se subdivia em seis regiões, a saber: o coração do mundo; as terras maçônicas asiáticas, a costa européia, o deserto do Saara, a Arábia Saudita e o coração do mundo do sul (dois terços da África). Nesta perspectiva, asseverava o geógrafo inglês "Quem domina a Europa Oriental controla o coração do mundo, quem domina o coração do mundo controla a ilha mundial. Quem domina a ilha mundial controla o mundo" (MACKIDER, apud, Mello, 1999, p.60).

Se fizermos uma análise de nossa produção cartográfica, podemos facilmente traçar alguns paralelos entre a revolução e a teoria do poder terrestre de Mackinder e seu Heartland. A Região de Sedimentação (rever mapa Guerra Civil: Região de Sedimetação), ou melhor, a área que os bolcheviques jamais perderam o controle durante toda a guerra civil corresponde justamente à área central do Heartland ou coração do mundo de Mackinder. Neste sentido se o geógráfo inglês afirmava: "Quem domina a Europa Oriental controla o coração do mundo, quem domina o coração do mundo controla a ilha mundial. Quem domina a ilha mundial controla o mundo" (MACKIDER, apud, Mello, 1999, p. 60), de nossa parte podemos assinalar: quem controla a área porção central do território russo controla a totalidade do território. Sintomático dessa extensão do **poder do Estado Soviético** para quase toda extensão da outrora área de soberania czarista é o que mostra a nossa representação cartográfica Territorialidade do Estado Soviético: a construção de uma hegemonia a partir dessa porção central do território. Obviamente que essa extensão do poder soviético para além da região de sedimentação não foi efetivada por um automatismo já que não existe uma teleleologia entre as fronteiras império czarista e as fronteiras URSS. A sobreposição de fronteira se deu, porque os bolcheviques souberam eficientemente desenhar uma política de penetração no território que os demais contendores da guerra civil foram incapazes de realizar. Moshe Lewin (2007 nos aponta alguns elementos dessa política de penetração dos bolcheviques ao assinalar: "A ausência de uma orientação nacionalista russa provou ser uma poderosa arma contra os brancos, que abraçaram a tradicional tese de hegemonia russa – uma fraqueza fatal em um país

proposições iniciais, no entanto manteve-se apegado aos princípios centrais de sua teoria do poder terrestre. Para uma melhor apreciação sobre o pensamento do géografo ingles ver o livro de Leonel Itaussu Almeida Mello *Quem Tem Medo de Geoplítica* (1999).

multinacional" (2007,p.353).

As argumentações tecidas acima mais a contraposição das representações cartográficas mapa Guerra Civil: Região de Sedimentação e (página seguinte) A Territorialidade do Estado Soviético nos mostram que a criação de uma hegemonia estatal soviética no território do outrora império russo foi uma operação política de forte cunho geográfico. Mas deixemos a exploração analítica mais detalhada dessa operação política de fortíssima dimensão espacial para o próximo capítulo. Contentemo-nos, por enquanto, apenas com a dimensão narrativa de nossa produção cartográfica.

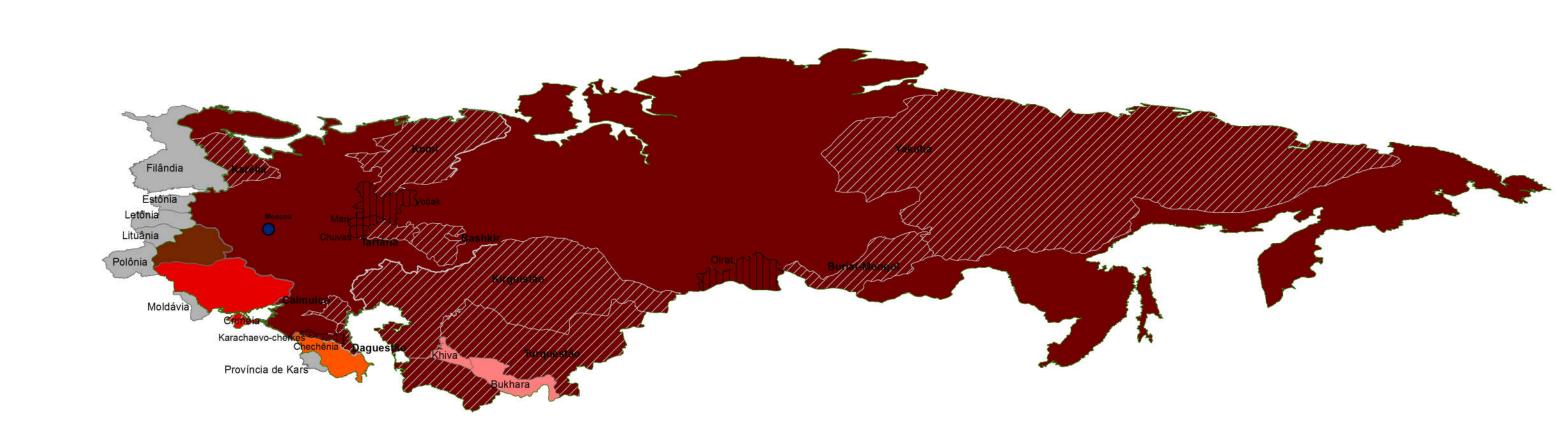
Como nossa último mapa mostrou, os bolcheviques conseguiram no transcorrer da guerra civil estender a soberania estatal para praticamente à totalidade dos contornos do império czarista. Entretanto, marquemos que o que os comunista lograram estender foi a territorialidade do Estado Soviético e não a territorialidade sovietes. Duas coisas completamente distintas como já havíamos afirmado anteriormente. Nesta perspectiva, as **territorialidades sovietes** foram sobrepujadas pela **territorialidade do Estado Soviético** e os conselhos institucionalizados como elementos ou órgãos da nova figura estatal (Anweiler, 1974). Mas à medida que eles se tornaram isso - no decorrer do processo de afirmação estatal - perderam o caráter que possuíam no momento de sua criação, a saber: autonomia, insubordinação, descentralização, etc. Aquela dimensão fenomênica que Lênin muito acertadamente em seu texto *Sobre a Dualidade de Poderes* nomeia de: "ditadura revolucionária, isto é, um poder que se apóia directamente na iniciativa imediata das massas populares vinda de baixo, e não na lei promulgada por um poder de Estado centralizado" (1980,p.17, grifo nosso).

Não temos, no âmbito dessa dissertação, como dar conta dos pormenores ou todo o colorido dessa transmutação de territorialidades. Apesar desse quadro de dificuldades vamos trazer alguns elementos que nos ajudem a compreender esse processo a partir das palavras de Leonard Schapiro contidas em seu livro *Les Révolutiones Russse de 1917:*

"Em regra geral, os bolcheviques se apoderaram definitivamente do poder tomando o controle do soviete local, mas no curso desse processo os sovietes sofreram uma transformação. O equilíbrio do poder entre assembléia geral e o executivo restringe-se progressivamente em favor desse último; os partidos, com exceção dos bolcheviques e inicialmente dos socialistas revolucionários de esquerda viram seus membros expulsos e os sovietes locais foram

Territorialidade do Estado Soviético







Neste contexto de transmutação é interessante frisar que os conselhos perderam no decorrer da afirmação do **Estado Soviético** o caráter de organismos pluripartidários – traço fundamental dos sovietes em todo seu período de existência anteriormente a centralização pela nova figura estatal – já que os ditos partidos soviéticos (mencheviques e socialistas revolucionários e até mesmo agrupamentos sem partido como os anarquistas) foram banidos do quadro de uma oposição legal (Schapiro,2007). Não vamos entrar aqui na pertinência ou impertinência dessas medidas de restrição do quadro partidário. O relevante, por este momento, é somente marcar a perda desse importante traço do movimento de conselhos. E simultaneamente assinalar que o mecanismo de dominação bolchevique dos organismos soviéticos passou pelo controle dos comitês executivos. Oskar Anweiler (1974) linha marca: "Apesar da predominância dos elementos sem partido na base da pirâmide, os comunista dispunham da maioria das cadeiras nos comitês executivos em nível de distrito e em sovietes de nível superior 98% (1974, p.306).

Depois do exposto é importante, de nossa parte, deixar claro alguns delineamentos de ordem geral do nosso quadro de entendimento sobre revolução russa e mesmo a respeito da história da União Soviética. Neste sentido, marquemos que o fato de apontarmos os desígnios centralistas dos bolcheviques para com os sovietes não queremos dizer ou insinuar que os comunistas tinham preestabelecidamente a intencionalidade de reger os organismos soviéticos e mesmo a sociedade pelo autoritarismo stalinista ou ainda pela figura de um Estado de corte leviatânico. Nesta perspectiva, impõe-se frisar que o Stalinismo enquanto fenômeno político e social está cronologicamente situado muito mais à frente do recorte temporal da presente pesquisa. Em outros termos, o stalinismo não perpassou o quadro de ação bolchevique quando da consolidação do Estado soviético ao que pese o fato de muitos elementos que dariam

O original seria: "En règle générale, les bolcheviks s'emparèrent définitivement du pouvoir en prenant le contrôle du soviet local, mais au cours de ce processus les soviets connurent une transformation. L'équilibre du pouvoir entre l'assemblée générale et l'exécutif restreint progressivement en faveur de ce dernier; les partis, à l'exception des bolcheviks et initialement des sociaux- révolutionnaires de gauche, virent leurs membres expulses; et les soviets locaux furent soumis à un contrôle régional et central accru" (1987,p.225,226).

O original seria: "malgré la predominance des éléments sans parti à la base de la pyramide soviétique, les commnistes disposaient de la majorité des siéges dans les comitês exécutifs au niveau du district et au-dela".

subsídios ao surgimento do referido fenômeno já estivessem presente no momento da consolidação estatal: extrema concentração do poder, unipartidarimos, ausência de um quadro de democracia, etc.

Também não está subjacente em todo nosso quadro expositivo o juízo de valor de que a centralização dos conselhos pelos bolcheviques era necessariamente ruim e tampouco a manutenção dos sovietes na forma como eles historicamente se erigiram e se organizaram no decorrer do processo era melhor. O nosso grande interesse no presente capítulo e em verdade em toda dissertação é deixar extremamente claro que territorialidade sovietes é uma coisa e territorialidade do Estado Soviético é outra. Nesta perspectiva, os conselhos são um tipo de territorialidade que se erigiram no outrora espaço de soberania czarista a partir da auto-organização operária e popular e substancialmente independente dos bolcheviques. O que estes estenderam para aquele espaço foi a territorialidade do Estado Soviético. Portanto, quando o Trotsky em sua História da Revolução Russa concentra a narrativa da Revolução de Outubro em Petrogrado e projeta a tomada de poder na capital à tomada de poder no quadro do território russo ele simplesmente está jogando sombra no processo de afirmação estatal e conseqüentemente omitindo aquela transmutação de territorialidades que destacamos linhas atrás. O autor de *Literatura e Revolução* repete o mesmo ardil em seu artigo de 1937 Estalinismo e Bolchevismo ao assinalar: "A subordinação política dos soviets aos dirigentes do partido, através do partido, não aboliu o sistema soviético, da mesma maneira que a maioria conservadora não tem abolido o sistema parlamentar britânico" (Trotsky,1937) Em uma linha de aprofundamento da problematização com Trotsky e por tabela com toda uma historiografia pró bolchevique sobre revolução rus sa podemos assinalar que a fundação de uma República de Sovietes no outrora espaço de soberania czarista antecedeu a Revolução de Outubro perpetrada pelos comunistas e elemento fundante do Estado Soviético (Ferro, 1980).

Chegamos enfim ao término desse capítulo, que apresentou *a ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida*, tecendo-se no espaço, conjuntamente com alguns elementos de análise. Neste momento, da dissertação, no âmbito daquela tríplice concepção do geográfico esboçada na introdução: materialidade, discurso e ação, privilegiamos os dois últimos. Portanto, trabalhamos com a *Formação Territorial da Revolução*. Neste segundo e último capítulo do presente trabalho vamos à *Formação Territorial Russa*. Desta vez, focando, sobretudo na esfera da materialidade, no intuito de se chegar a elementos de entendimento de o

porquê a revolução se engendrou territorialmente do modo como se formou. Em outros termos, trataremos de enquadrar geográfica e mais "precisamente" aquela *ação social coletiva e radicalizada contra a ordem estabelecida* no âmbito do outrora espaço de soberania czarista. Sem mais delongas vamos para a empreitada proposta.

2. A Formação Territorial Russa.

2.1. A Expansão Territorial Russa.

"Vossas Exelências, Vossas Senhorias, Meretíssimos e Cidadãos!

O que é o nosso Império Russo?

O nosso Império Russo é uma unidade geográfica, o que significa: é uma parte de um planeta conhecido. E o Império russo contém: em primeiro lugar a Rússia Grande, a Rússia Pequena, a Rússia Branca e a Rússia Vermelha, em segundo lugar os reinos da Geórgia, da Polônia, de Kazan e de Strakhan; em terceiro lugar, ele compreende... Mas et cetera, et cetera, et cetera.

O nosso Império é constituído por numerosas cidades: capitais, centros de províncias e de distrito, cidades rebaixadas; e, além disso: pela cidade berço da monarquia russa e pela cidade que é mãe das cidades russas.

A cidade-berço da monarquia russa é Moscou; e a mãe das cidades russas é Kíev.

Petersburgo, ou São Petersburgo, ou Píter (o que, aliás, é o mesmo) pertence realmente ao Império Russo. Quanto a Czargrado, ou Konstantinogrado (ou como se diz, Constantinopla), esta lhe pertence por direito de herança; E disso não falemos" (Andrei Biéli, p.11).

Para Todorov (2009) a literatura é um discurso sobre o mundo. Ou nos termos de Antônio Cândido uma dimensão da realidade. O excerto com o qual iniciamos este capítulo, pertence ao romance do escritor russo André Biely (1880-1934) São Petersburgo, escrito em 1905. Essa importante obra literária do simbolismo russo não deixa de evidenciar dentro do espaço ficcional, como podemos constatar, a dimensão espacial do império russo. Isso nos faz recordar, por sua vez, Franco Moretti em seu *Atlas do Romance Europeu* onde este crítico italiano assevera: "...a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural 'ocorre', mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade"(2003,p.13). Moraes (2009,p.59), por outro lado, afirma que "Nas sociedades de formação colonial a dimensão espacial da vida social ganha uma centralidade ímpar na explicação de seu movimento e funcionamento ao longo da história" (2009,p.59).

Posto isso, uma indagação se impõe: se a geografia, o espaço como diz Moretti, como demonstra ficcionalmente Biéli, por meio de seu romance, impregna o campo literário e como afirma Moraes, a dimensão espacial nas formações periféricas ganha relevância na história desses países, que dizer então dessa impregnação em outras dimensões da realidade, como por exemplo, o fenômeno histórico revolução em um país

de dimensões continentais perpassado por uma história secular de expansionismo territorial como pontua Joe Carmichael (1960,p.6.):"o que chama mais a atenção quando se pensa na Rússia é sem dúvida a sua imensidão ^{99,}" ou mesmo Anatole Leroy-Beaulieu (1990,p.5. tradução nossa): "O que mais se destaca quando se olha para o império russo é a extensão ¹⁰⁰.

O presente capítulo dessa dissertação vem preencher um pré-requisito lançado na introdução e subjacente a indagação pontuada acima: para se compreender a dimensão territorial da revolução é necessário entender a formação territorial onde tal fenômeno eclode. Entendendo-se aqui por formação territorial

"... do ponto de vista espacial, um processo cumulativo que articula os resultados de formas de sociabilidade não necessariamente contínuas e sincrônicas; as intervenções e construções anteriores aparecendo ante um novo ciclo de povoamento como parte da herança espacial local, perfilando-se ao lado das características do meio natural como elementos de qualificação dos diferentes espaços" (Moraes,2005,p.54)

Neste sentido, se a seção anterior narrou a formação da ruptura social em sua dimensão espacial, cabe agora traçar algumas notas sobre a formação territorial russa para compreendermos alguns condicionantes da formação territorial da revolução. Sobre a história russa, o historiador francês Fernand Braudel (2004,p469) assevera que "não é fácil resumir em algumas páginas, de forma razoável, um passado tão longo, entremeado de catástrofes violentas das quais a Europa Ocidental, apesar de tantos acidentes, não oferece equivalentes". Apesar dessas dificuldades apontadas pelo autor de *O Mediterrâneo* nos ariscaremos a construir esse esboço em linhas bem gerais.

O império czarista por muito tempo foi uma das unidades políticas mais importantes do quadro internacional. No início do século XX contava com um contingente populacional de 180 milhões de pessoas divididas em uma enorme diversidade de nacionalidades abrigadas em uma extensão territorial de aproximadamente 22 milhões de km². Por conta de toda essa extensão possuía uma fronteira bi continental que abarcava tanto Europa quanto Ásia. Isso sem mencionar a

O original seria: "La primière chose qui frappe le regard dans l'empire russe, c'est l'étendue".

112

O original seria: "Ce qui frappe au primier abord quand on pense à la Russie: son immensité est aussi sans doute le fait le plus rébélateur".

gigantesca e gélida orla fronteiriça com o oceano *Glacial Ártico*. Essa diversidade populacional e dimensão espacial é resultado direto de um espetacular dilatamento de fronteiras que o historiador Otto Hoetzsch (1966, p.8) sintetiza muito bem: "A expansão territorial russa foi operação de tal envergadura que é difícil encontrar-lhe paralelo na História. Nem a expansão do Império Romano nem a dos Estados Unidos lhe podem comparar em escala".

Segundo Bertrand Badie (S/d,p.11) "O território não é um dado, é uma construção. A sua utilização como instrumento de acção política corresponde a uma história, a um conjunto de criações...". A formação territorial apresentada acima com seus 22 milhões de km² não foge ao imperativo expresso pelo sociólogo francês. Neste sentido, ela é uma construção de longa duração ou uma edificação plurissecular. O núcleo duro ou geohistórico dessa formação remonta ao Grão-Ducado de Moscou ou Móscovia no século XV, XVI¹⁰¹. Uma unidade política situada na periferia da Europa Ocidental que tinha como centro a cidade de Moscou, que se erigiu e se consolidou a partir das lutas contras os tártaros-mongois e demais povos provenientes do ocidente. Sua centralização política ocorreu paralelamente ao processo de centralização das monarquias européias: francesa e inglesa. No entanto, diferentemente dessas que se erigiram sob um fundo cristão de matiz católico e sem grandes pressões de invasões de outros povos, aquilo que viria a ser o Estado moscovita teve de lutar contra constantes pressões externas a partir de uma herança de um cristianismo provindo de Bizâncio e de material infinitamente mais pobre. Tais elementos imprimiram particularidades marcantes na dinâmica formativa desse Estado e da própria sociedade como teremos oportunidade de ver mais a frente.

Nesse processo de centralização política e lutas contra os povos invasores uma figura se destaca: Ivã, o Terrível (1547-1584). Foi no reinado desse czar que se realizaram um movimento reformista que deu corpo a centralização de forma mais contundente. Neste sentido, realizaram-se um conjunto de reformas como centralização administrativa, redução do poder da nobreza, reorganização do exército a partir da criação de corpo de tropas regulares. Tais mudanças deram ensejo para que a Moscóvia

Em realidade, a origem embrionária da Rússia encontra-se na *Rus*, uma formação social surgida no século X d.C., nas terras da atual Ucrânia, que incorporo u o cristianismo via Bizâncio e que tinha como matriz étnica os eslavos orientais (Portal, 1968,p.23,24). Essa primeira unidade política, cujo centro era a cidade de Kiev, não perdurará muito, posto que no século XIII ela se desagregará sob o acicate de perturbações externas. Em outras palavras, invasões estrangeiras de povos vindo do leste. Assim, Rússia Kieviana, enquanto unidade política desaparece, no entanto sua breve existência ajudou a forjar uma identidade das populações eslavas orientais, baseadas no cristianismo ortodoxo e num "sentimento" ou noção de pertencimento a uma terra, a *Rus*" (Hoietzsch, 1966, pg. 18).

desse um salto de qualidade em suas relações de vizinhança. Sintomático disso é que "O poder tártaro no leste foi rompido pela libertação de Kazan, em 1556, e pela anexação do canato de Astrakhan – encerrando um pesadelo secular que entravava a expansão do Estado e da sociedade moscovita" (Anderson,2004,p.330). Essas conquistas, por sua vez, abriram espaço para que um dilatamento de fronteiras fosse efetuado pelos czares subseqüentes e se lançasse as bases construcionais daquilo que futuramente seria o extenso, multirreligioso e multinacional império russo.

A dinâmica expansionista seguiu primeiramente a direção leste, rumo a Sibéria em um processo de incorporação que seguia as linhas de penetração do quadro hidrográfico e que combinava iniciativa privada, por meio do comércio de peles, com apoio estatal, fornecimento de tropas. Assim, o *sertão* 102 russo em pouco tempo caiu sobre domínio dos czares. As palavras de Fernand Braudel (1998) lançam uma luz sobre a dimensão desse processo de incorporação:

"De etapa em etapa, em busca das peles, os russos apropriam-se das bacias do Ob, do Ienissei, do Lena e se deparam, nas margens do Amur, com os postos chineses (1689). Kamtchaka é tomada entre 1695 e 1700 e, a partir dos anos de 1740, para além do Estreito de Bering, descoberto em 1728, o Alasca via surgir os primeiros estabelecimentos russos" (Braudel, 1998,p.422).

Apesar do controle informal dos imensos espaços a leste dos Urais, essa imensa região em pouco mais de 100 anos configurou-se como área de domínios dos czares. Mas o que explica tamanha rapidez na conquista territorial do sertão russo? A rápida penetração e domínio russo sobre essa vasta região explicam-se pelo fato de que os obstáculos à conquista vinham mais da natureza do que das tribos indígenas, muito dispersas e insignificantes em números (Portal, 1968). Nesta altura da exposição é impossível não deixar de relacionar esse movimento expansionista dos russos com a simultânea e similar manobra de portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses em outros quadrantes do globo. Nesta perspectiva, cabe ressaltar, a expansão russa se insere dentro de um momento maior da história européia, posto que "...a história da colonização moderna (séculos XVI a XVIII, principalmente) é inseparável de um

114

Moraes (2009) em um artigo denominado *Sertão: um 'outro' geográfico* afirma que sertão não é um espaço com características naturais e sociais específica, mas apenas um qualificativo de lugar, áreas poucos habitadas, espaço de soberania meramente informal, fundos territoriais, etc. Sabemos que o uso desta palavra pertence ao contexto social e histórico brasileiro, mas o aplicamos ao caso russo pela similaridade

contexto europeu muito complexo" (Cardoso,1979,p.209) que perpassa as conquistas das terras de além-mar. É justamente por conta dessa inserção que o historiador francês Fernand Braudel assevera: "Se a Europa 'inventou' a América, a Rússia precisou 'inventar' a Sibéria" (1998,p.422). Sobre essas similaridades, Mac Ferro (1996) lança algumas palavras elucidativas: "A marcha dos russos foi também, a seu modo e em menor escala, o equivalente da rota do Cabo para os portugueses; tratava-se de contornar pelo norte o que restava do império Mongol para chegar às riquezas do Oriente Extremo" (1996,p.70).

Este movimento expansionista russo, subtendido nos comentários dos autores acima, após ultrapassar as "barreiras" dos Montes Urais não parou ou cessou nos limites da Ásia. Seguindo sempre a direção leste, a pressão russa extrapola os contornos do continente asiático e a partir da Península de Kamchatka exploradores a soldo do governo juntamente com expedições comerciais (comércio de peles) participam intensamente da colocação sobre domínio e influência russa da costa noroeste do continente americano (Portal, 1968). É assim que o Alaska configura-se como domínio czarista. No entanto, essa nova possessão de São Petersburgo cedo despertará as atenções de Madrid e Londres. É que a onda de expansionismo russo ao descer a costa americana funda e consolida entrepostos comerciais próximo as possessões inglesas e espanholas. Em contraposição a esse movimento, as autoridades governamentais espanholas, temendo esse avanço russo sobre a colônia mexicana " se apressaram em adotar medidas necessárias para colonizar o território da atual Califórnia. No ano de 1763 se criou uma base marítima em San Blás; no ano seguinte se fundou San Diego; no ano de 1770 se fundou Monterrey e, finalmente, em 1776, San Francisco¹⁰³, (Bolkhovitinov, 1992, p.42. Tradução nossa). A consolidação da nova possessão russa se deu em 1799 quando São Petersburgo fundou a Companhia Monopolista Ruso-Americana (RAK), instituição que cuidará da administração dessa colônia até sua venda aos Estados Unidos. Esta venda, por sua vez, ocorrerá em 1867, mais exatamente em 6 (18) de novembro quando por razões de dificuldades de conservação das terras no novo mundo e tendo como projeto concentrar forças na manutenção e expansão sobre o continente asiático os governantes russos efetuam a venda do território em questão para aquele país americano. A marcha do poderio russo para outras direções por muito tempo

_

O original seria: "...se apresuraron a adoptar las medidas necesarias para colonizar el territorio de la actual California. Em año de 1763 se creó una base marítima en San Blas; en el año seguiente se fundó San Diego; en el año 1770 se fundó Monterrey y, finalmente, em 1776, San Francisco".

foi tímida, posto que outras formações sociais como Polônia e Suécia, mais poderosas, entravavam esse movimento expansionista. Isso é o que se passa com a conquista de algumas faixas de terras por sucessores de Ivã, o Terrível nas márgens do Báltico e sua perda para a Suécia na guerra da Livônia (1558-1582).

Um ponto importante de inflexão na história da Rússia em todos os sentidos e como não poderia deixar na historicidade de seu expansionismo é a virada da Moscóvia para a Rússia imperial. Neste sentido, marco importante dessa viragem é o reinado de Pedro, o Grande. Nas palavras de Charles (1964,p.115) o governo de Pedro "... é a bacia hidrográfica da História da Rússia moderna, o grande divisor entre a Moscóvia e a Rússia Imperial". Essa importante figura da vida política russa realiza uma série de reformas modernizantes – que ficaram conhecidas como reformas petrinas – com o fito de aproximar, o país em questão do ocidente e assim reverter a condição de atraso russo. Ressaltemos aqui que o modelo de ocidente para Pedro era Holanda, Prússia, Suécia, etc. Enfim mais a Europa do norte do que França e Inglaterra. Somente mais tarde com Catarina, a Grande (1729-1796) é que França para a sociedade russa - diga-se elite – torna-se um modelo de cultura a ser seguido ¹⁰⁴.

O projeto modernizante petrino consubstanciou mais exatamente em um conjunto de mudanças que abarcavam desde a administração, a economia, o equipamento militar, até a educação e demais setores da sociedade (Hoetzsch, 1966, p.86, 87). No entanto, o grande símbolo desse programa de modernização e aproximação com o ocidente é a construção de São Petersburgo, em 1703, próximo ao Báltico, mais exatamente às margens do rio Neva. Segundo Marshall Berman (1986,p.171) a edificação dessa cidade "...é provavelmente o exemplo mais dramático, na história mundial, de modernização draconiana concebida e imposta". Sobre essa edificação é necessário dizer ainda que esse novo centro urbano inaugura uma nova centralidade ou nodosidade - que se traduz em termos populacional, econômico, cultural, etc. - dentro da sociedade e do território em construção, posto que ela passa a ser a capital do domínio dos czares. Assim, se antes o núcleo duro da Rússia pré-petrina era Moscou, o centro do império passa agora a ser São Petersburgo. Nesse contexto, faz-se necessário pontuar que a nova capital não elimina a importância e

_

No romance *Guerra e Paz* Leon Tolstoi faz uma sutil crítica à influência francesa sobre a Rússia. No primeiro capítulo desse importante romance do realismo russo, o autor de Ana Karenina coloca dois personagens de status aristocrática Ana Pavlovna Scherer e Príncipe Vassili, discutindo sobre Napoleão Bonaparte e as possibilidades deste invadir a Rússia. A sutilidade de Tolstoi é que parte dos diálogos entre os dois personagens que aventam a possibilidade da invasão francesa manterem parte significativa da conversação em francês. Ver: capítulo 1 de Guerra e paz.

centralidade da antiga, apenas dá um caráter bicéfalo ao território em questão e ao mesmo tempo inicia uma rivalidade entre as duas urbes. Diante desse quadro de importância dual é que James Billington (1970,p.3.) em seu *The Icon and Axe* assevera: "A emergência de Moscou e depois de São Petersburgo são eventos decisivos da moderna Rússia 105".

Neste sentido, pensando a geografia como um quadro de permanência em que a revolução de todo não pode plasmar fica mais fácil entender, porque as referidas cidades não perderam importância dentro do quadro da formação territorial da revolução conforme fica evidenciado na narrativa do capítulo anterior. Afinal não foi com a perda do controle de Petrogrado em fevereiro de 1917 que o czarismo ruiu? Não foi para Petrogrado que se dirigiu Lênin quando do seu retorno do exílio, em abril de 1917? Não foi para o mesmo centro em março de 1917 que Kamenev e Stalin - até então exilados na Sibéria - se dirigiram para coordenar as atividades do partido? Não foi também somente quando os comunistas adquiram maioria nos sovietes de Petrogrado e Moscou que eles decidiram tomar o poder? Essas colocações nos lembram as palavras do geógrafo Milton Santos (2004,p.182): "As determinações sociais não podem ignorar as condições espaciais concretas preexistentes", já que "...o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes..." (Santos,2004,p.173). Mas deixemos as digressões de lado e voltemos ao exp ansionismo russo.

Subjacente à estratégia de Pedro de modernização e abertura para a Europa, há uma geopolítica de expansão territorial para oeste, posto que o principal motivo existente, por detrás da transformação da Rússia, era caminhar para o mar¹⁰⁶, para ocidente (Hoetzsch,1966). Mas a política expansionista de Pedro para se concretizar teve de derrotar o poderoso Império ultramarino sueco que dominava o Báltico e o não menos poderoso Reino da Polônia que se constituíra nas fronteiras ocidentais russas. A Guerra do Norte (1700-1721), travada, sobretudo contra o primeiro, deu à Rússia o controle de significativas faixas de terras junto ao Báltico (Golfo de Riga, Golfo da Finlândia) e converteu o país de Pedro em uma potência marítima (Hoetzsch,1966).

Assim, o Estado russo, antes envolvido com sua marcha para Sibéria e luta

A tradução Seria: "The emergence of Moscow and then that of St. Petersburg are decisive events of modern Russian".

É Pedro, o Grande, que fixa as diretrizes da política externa russa de busca de acesso aos mares quentes, ou seja, portos livres de gelo durante o inverno (Caminha,1980,pg.112). Essa política que será perseguida quase invariavelmente por todos os czares subseqüentes.

contra os tártaros e acima de tudo com graves distúrbios internos se impulsiona agora para ocidente. Nesta perspectiva, as reformas de Pedro metamorfosearam as relações do país com as soberanias ocidentais vizinhas e invariavelmente quem imprimiu a tônica dessas transformações foi o vigoroso absolutismo czarista com sua superioridade no campo militar. Sintomático disso é a aniquilação do poderio sueco e na seqüência disso o enfraquecimento da poderosa Polônia. Em outras palavras, "Após Pedro, o Grande, tanto a Europa quanto a Ásia tinham de contar com a Rússia no jogo de força das grandes potências" (Tragtemberg,2007,p.25).

Catarina, a Grande, (1762-1796) foi outra figura de relevo na história russa. Ela consolidou o poder do Império no século XVIII (Marques, 2008, p.41). Sua política externa, apesar das diferenças, foi em certo sentido um prosseguimento daquela propugnada por Pedro, o Grande: aproximação política e cultural com a Europa, mesclada com expansionismo para ocidente. Com ela o Império czarista incorporou os territórios da Bielo-Rússia e de parte significativa da Polônia 107 e faixas de terras adjacentes ao Báltico, estendendo a soberania russa para mais de 492000 km² a oeste (Hoetzsch, 1966). Fato importante a mencionar também é que a czarina obteve êxito no alargamento das fronteiras meridionais. O Império Otomano – edificado sobre a área do antigo Império Bizantino desde 1453 - era um obstáculo à incorporação de terras sulinas. Essas há muitos eram objeto da cobiça russa e inúmera invectivas para a obtenção de seu domínio já tinham sido aplicadas em tempo precedente. Porém, coube a Imperatriz Catarina a consecução de tal intento. A expansão para o Oriente Próximo se deu, principalmente, a partir de duas guerras: a Russo-turca, em 1768-1774; e a Guerra otomana, em 1787-1792. Na primeira, o mar de Azov torna-se russo; na segunda, porções de terras que iam do Bug ao Dniester são conquistadas (Hoetzsch,1966). Essas duas operações bélicas fizeram com que o poderio otomano fosse rompido ao longo do litoral sententrional do mar Negro e ao mesmo tempo fosse consolidado definitivamente o controle russo sobre parte significativa daquele mar (Anderson, 2004).

A posição de potência do Império czarista é reforçada ainda mais durante o século XIX. A vitória russa nas guerras napoleônicas garantira tal reforço já que o país dos czares assumira a posição de líder na luta contra a Revolução Francesa e o

A Polônia, outrora um poderoso Estado, desapareceu enquanto unidade política sob ataque conjugado do apetite territorial da Rússia, Prússia e Áustria em três partilhas, 1772,1792,1795.

expansionismo de Napoleão Bonaparte 108 (Hoetzsch, 1966). Essa posição de potência é explorada para projetar ainda mais o poder russo no plano internacional e tomar territórios de outras unidades políticas vizinhas. Sintomático disso são as conquistas da Finlândia, em 1809, e Bessarábia (Moldávia), em 1812, às expensas respectivamente da Suécia e do Império Turco (Anderson, 2004). Os êxitos internacionais do czarismo não param por aí, posto que ele aproveita seu poderio para anexar o restante do Cáucaso¹⁰⁹ em 1928. Diante de tal fato "Nem a Turquia nem a Pérsia achavam-se na posição de resistir às anexações que a Rússia realizava no Cáucaso" (Anderson, 2004, p. 347). Mas não somente para as cercanias fronteiriças o apetite territorial era dirigido. Como já mencionamos antes, o poderio czarista consolidou o Alaska como domínio seu, e na perspectiva de estender sua autoridade sobre as imediações, em 1821 o czar Nicolau I promulgou um ucasse¹¹⁰ que conferia à Rússia o monopólio do comércio e navegação na costa nordeste do Pacífico até 51º de latitude norte, tentando garantir para si a Califórnia. A Doutrina Monroe formulada em 1823 pelo presidente americano que sinteticamente exprimia: "A América para os americanos" expressava a preocupação de Washington não somente contra as pretensões das potências européias ocidentais de recolonizarem as regiões recentemente independes no território da atual América Latina, mas também a preocupação de combater o expansionismo russo no novo mundo que se delineava no horizonte com aquele ucasse (Ferro, 1999). Essa não seria a primeira vez que o expansionismo czarista se chocaria com os interesses de outras unidades políticas não fronteiriças, posto que esse choque na segunda metade do século XIX se tornara uma constante. Isso era decorrência do surgimento do fenômeno do imperialismo¹¹¹ no cenário mundial que levou as potências de então a se embrenharem em uma corrida pela partilha territorial do globo, fazendo com que as linhas de interesses dos Estados

Napoleão Bonaparte em 1812, dentro do contexto de expansão de seu poderio pela Europa, invadiu a Rússia com um grande exército. No entanto, apesar da penetração profunda em território russo, sua invertida contra o czarista redundou em um verdadeiro fracasso. Dos 600000 homens que compunham o exército invasor, menos de 100 mil retornaram. Os rigores do inverno, mais a estratégia russa de terra arrasada e ainda por cima a inabilidade de Napoleão forjar uma base de apoio dentro do território ocupado selou a derrota do imperador Francês.

Armênia e Azerbaidjão. A Geórgia desde 1801 já se configurava como domínio russo.

Tipo de lei promulgada pelo Czar.

O imperialismo surgiu como um fenômeno decorrente do desenvolvimento do capitalismo na segunda metade do século XX. Ele "está intimamente associado ao colonialismo, modo pelo qual as grandes potências articulam o crescimento e a modernização capitalista interna (especialmente a industrialização) com a expansão e o domínio territórios externo" (Costa,2008,pg.60,61). Em poucas palavras, uma combinação de expansão territorial com expansão do capital que, por usa vez, leva os diversos Impérios então existente disputarem os espaços do globo. Para uma melhor caracterização do imperialismo ver o livro de Lênin: Imperialismo, fase superior do capitalismo.

imperiais passassem a se chocar em espaços muito distantes de suas fronteiras políticas, já que todos tinham uma política mundial de poder (Costa,2008).

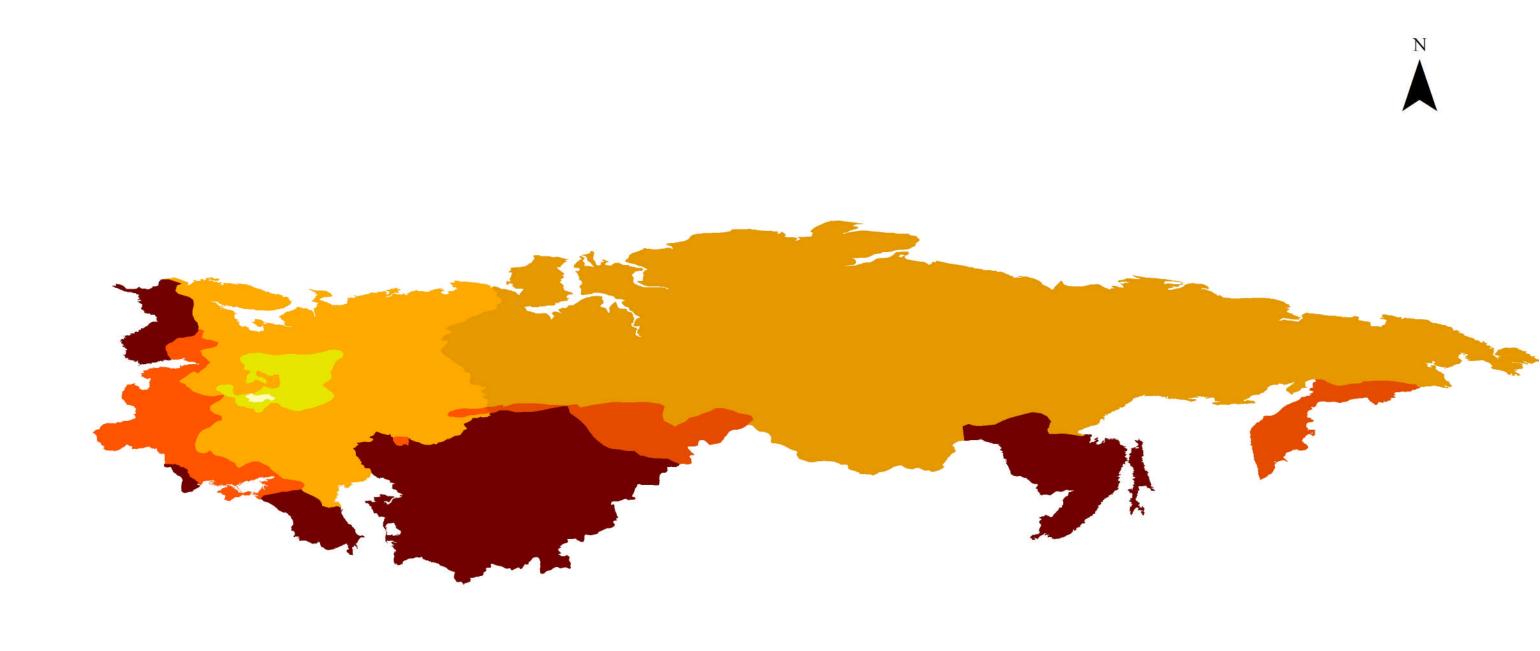
É neste contexto que surge uma rivalidade russa contra a Inglaterra. Essa rivalidade perpassou as relações desses dois países por longos anos. Em certo sentido ela remonta à Guerra da Criméia (1853-1856), quando o Império czarista, procurando romper o isolamento mediterrâneo, parte contra o Império Otomano e é derrotado humilhantemente por uma coalizão de países liderada pelo Império britânico. Mas o ponto alto dessa disputa anglo-russa se dá na Ásia Central, a partir de 1870, quando o czarismo consolida sua expansão territorial nessa região e começa a ameaçar o domínio inglês sobre a Índia (Ferro, 1999). Essa disputa entre a "baleia" e o "elefante" somente tem termo em 1907 quando um tratado entre os dois países é assinado e é acordada uma divisão da Pérsia em duas áreas de influência, uma inglesa e outra russa (Ferro, 1999). Não somente na Ásia Central se concentravam os interesses expansionistas russos. A partir da segunda metade do século XIX, o Extremo Oriente também despertou a atenção dos czares e se transformou no centro de gravidade da política externa do país em questão (Hoetzsch,1966) É nesse contexto que se dá a construção da Transiberiana. Esta ferrovia permitiu à Rússia interligar os grandes espaços "nacionais" e participar da partilha da China com a consolidação da Manchúria e da Coréia como zona de influência sua (Mello,1999). No entanto, o expansionismo russo para aquela direção subestimou o poderio japonês. O preço disso foi uma humilhante derrota perante o poderoso Japão em uma rápida guerra (1904-1905) e o enfrentamento de uma revolução.

Outra região importante que se encontrava dentro do horizonte de ambição russa e que marginalizamos no decorrer de nossa exposição são os território pertencentes ao Império Austro-húngaro, principalmente os localizados nos Bálcãs, outrora pertencentes ao domínio otomano. Aqui o expansionismo czarista utilizava como expediente tático a idéia do pan-eslavismo - tutela russa sobre os irmãos eslavos submetidos ao jugo estrangeiro ((Wernet,1994). Mas o alargamento da soberania eslava oriental para essa direção era contido pela presença do Império Alemão que se edificara na segunda metade do século XIX.

Chegamos ao fim dessa seção que buscou traçar, em linhas gerais, o expansionismo russo e simultaneamente a construção da soberania czarista sobre a enorme planície euro-asiática cuja característica principal nas palavras de Anatole Leroy

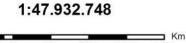
Beaulieu (1990,p.23) "..é a unidade na imensidão", 112. Apoiado em Hoetzsch (1966,p.8) novamente asseveramos que esta expansão "foi uma operação de tal envergadura que é difícil encontrar paralelo na História". Em certo sentido, ela foi resultado de uma política de Estado plurissecular que acabaria por levar a queda do czarismo, pois em 1914 o Império entra na Primeira Guerra Mundial, tendo como um de seus objetivos maior a conquista dos estreitos de Bósforo e Dardanelos que daria ao país a tão sonhada saída para os mares quentes (Fischer,1933). A revolução abateria tanto os objetivos do antigo regime quanto o próprio antigo regime. Neste contexto de final de seção, vamos pontuar que esse imenso patrimônio territorial czarista é uma referência tanto para a revolução – enquanto ação social coletiva e radicalizada que se tece no território contra a ordem estabelecida - como para os agentes da ruptura. Sintomático disso é que os bolcheviques – conforme vimos no capítulo anterior – quando subiram ao poder em meio ao processo revolucionário de 1917 recusaram a política de dilatação de fronteira, mas assumiram a postura de conservação do patrimônio territorial czarista. Dito o mesmo em outros termos, o horizonte de pretensão soberânica dos comunistas perpassava os contornos do império russo, ou sua base geográfica já que para os seguidores de Lênin o território era um dos elementos de continuidade da ruptura social. Como forma de sintetizar visualmente todo esse processo expansionista e a própria herança territorial dos czares, na próxima página apresentaremos um mapa que sintetiza cartograficamente a expansão territorial.

Império Russo: Expansão Territoral

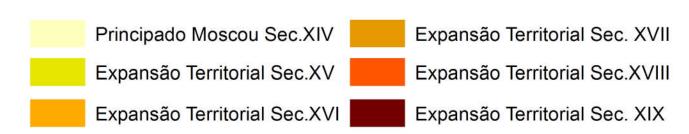


Sistema de Projeção: GCS_WGS_1984 Datum: D_WGS_1984

> Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo; Santos, Antônio Cícero, 2011.



Legenda



2.2. A Territorialidade Estatal czarista

Segundo Costa (2008,p.17) "...cabe à geografia a tarefa nada trivial, entre outras, de examinar e interpretar os modos de exercício do poder estatal na gestão dos negócios territoriais, e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações do poder em geral". Conforme vimos na seção anterior, o Império russo ou czarista se formou a partir de uma vigorosa dinâmica expansionista. Vamos, agora, na presente parte da dissertação, seguindo as palavras do autor de *Geografia Política e Geopolítica* traçar, em linhas bem gerais, a territorialidade do Estado responsável por esse vigoroso dilatamento de fronteiras. Mas antes disso, vamos recolocar a nossa definição territorialidade que embasa a tessitura das próximas linhas.

Nosso embasamento apoiado nas palavras de Souza (1995,p.99) define territorialidade como "...relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato material" ou nos termos de Robert Sack (1986,p.5) "uma estratégia geográfica potente para controlar pessoas e as coisas, pelo controle de área".

Apresentado esses fundamentos pontuemos mais uma vez que todo Estado tem um fundamento territorial: a soberania sobre determinado espaço. Em outros termos, toda a figura estatal tem e procura exercer sua territorialidade como forma de conservar sua área de dominação. Transladando essa asserção para o caso particular do Estado russo, podemos dizer que ele tinha um tipo específico de territorialidade. Uma maneira, direta de apresentar tal espeficidade é dizer que a referida **formação territorial** era um império. Mas o que é um império? Bem, para Bertrand Badie (s/d.), o império foi um modelo de Estado que precedeu o modelo de Estado nacional. Neste sentido, ele comporta um tipo de próprio de territorialidade marcada pelo expansionismo, diversidade e fluidez de fronteiras. Nas palavras desse estudiosos francês (Badie,s/d.p.23,29): "Contrariamente à aventura do Estado-Nação, o projeto imperial parte de uma fórmula que nega a própria idéia de fronteira", posto que "o império revela-se como uma construção política original, dotada da sua própria utilização do território, que se distingue do Estado-Nação para opor, às virtudes da unicidade, da fixidez e da fronteira, as da multiplicidade, da flexibilidade e dos limes".

Moraes (2005,p.56), em tom similar define o império como "...uma figura política geograficamente heterogênea..." dotada de uma área colonial e uma área metropolitana cuja diversidade da periferia "...atua no reforço da identidade da

administração central sediada no espaço metropolitano" (Moraes,2005,p56). Desta forma, essa figura política "geograficamente heterogênea" controla, subordina, cria destrói a partir de seu centro.

Anatole Leroy Beaulieu (1990.p.5), discorrendo diretamente sobre o país dos czares destaca que: "a primeira coisa que chama a atenção no império russo é a extensão 113". Na perspectiva dessa seção de nosso trabalho, o que se destaca ademais do apontado pelo autor francês é também a forma de o Estado gerir, manter controle sobre sua imensa área de soberania, pois se a grande extensão territorial era sinônima de poder, também era sinônimo de dificuldades de manutenção de posse, ocupação e efetivação do controle. Com o intuito de entender melhor esses elementos vamos utilizar um recurso analítico – o que também não deixa de ser uma "dimensão" da realidade em questão - que nos possibilite uma regionalização do território russo e assim nos lance luz sobre a territorialidade czarista, pois como nos permite dizer Moraes (2009,p.64) "...o território como espaço de dominação política (mesmo formal) suporta várias regiões em seu interior".

Na linha dessa regionalização, vamos dividir a área de domínio dos czares em *território usado* e *fundo territorial*. Nesse quadro regional proposto, entenderemos pelo primeiro termo, "as áreas efetivamente apropriadas pela colonização (os enclaves e regiões)". Dito em outras palavras, as porções do território efetivamente ocupado pelo processo econômico. Por sua vez, pelo segundo entenderemos "... as reservas para a expansão futuras da ação colonizadora" (Moraes,2009,p.65) ou área de soberania formal, sem ocupação efetiva¹¹⁴. Como nossa acumulação de um *corpo geográfico* de conhecimento sobre território russo ainda é incipiente, a regionalização, nos termos propostos, não terá uma adequada aplicação. Mas apesar dessa deficiência de dados vamos nos aproximar de um primeiro desenho do território usado e do *fundo territorial* do império por meio do quadro populacional macrorregionalizado. Adiantemos desde já que as representações cartográficas subseqüentes darão um melhor enquadramento das feições regionais e de suas qualificações interiores. Dito isso, partamos para a análise do mapa Império Russo: Quadro Populacional por

O original seria: "La primière chose qui frappe le regard dans l'empire russe, c'est l'étendue".

Face pregionalización de baseada em Moraca (2000). Esta euter ao applicar as

Essa regionalização é baseada em Moraes (2009). Este autor ao analisar as formações territoriais latino-americanas diferencia o espaço metropolitano e o território colonial, definindo este último como uma área de soberania formal da metrópole sobre a colônia e identificando dentro desta última, território usado e os fundos territoriais. Apesar da abordagem do referido autor ter como focalização a realidade da América Latina e Império Português e Espanhol, defendemos que caso do império russo e seu expansionismo pode ser enquadrado pela mesma ótica.

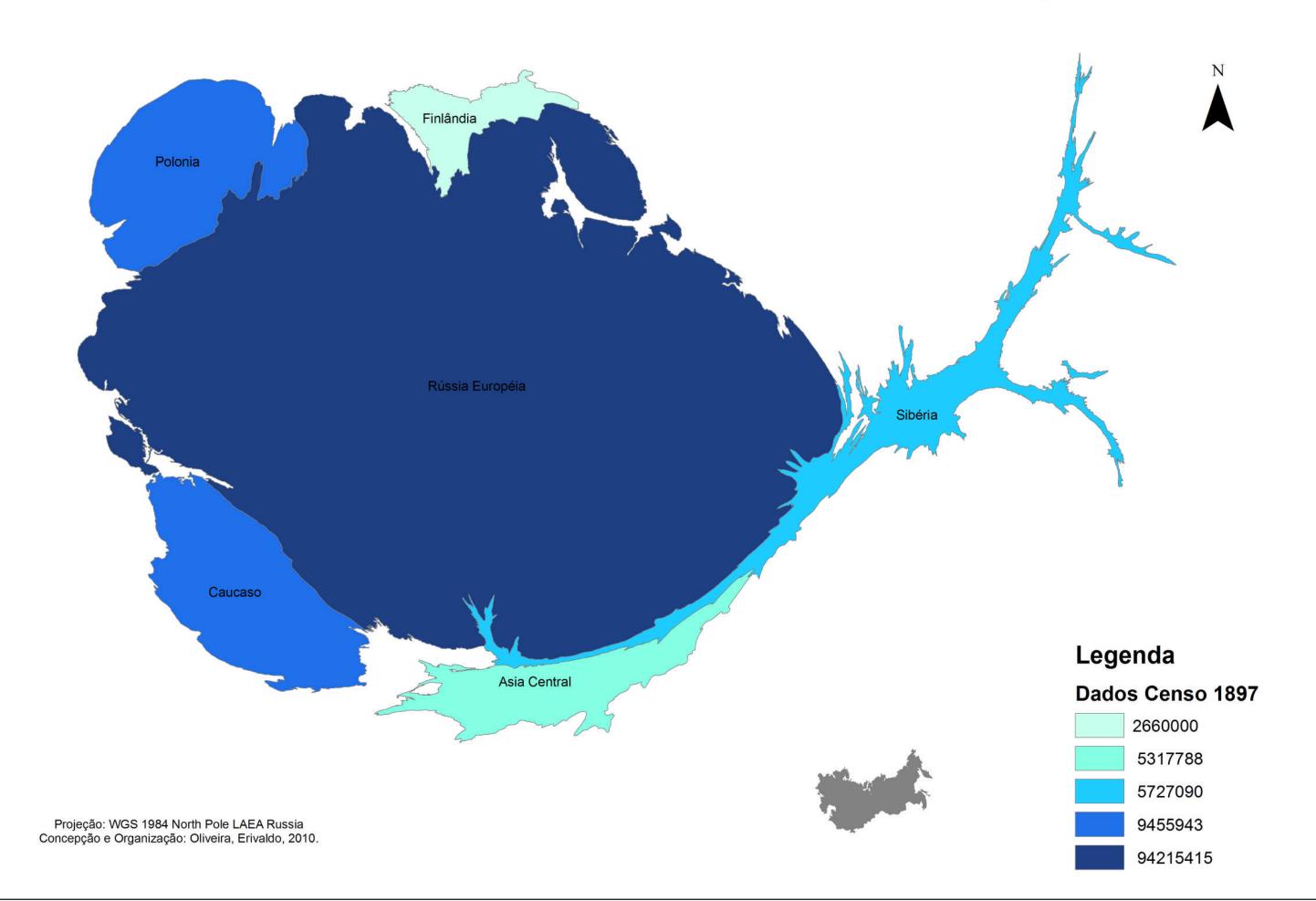
Macrorregiões) localizado na página 127. Nessa representação cartográfica em anamorfose 115 nos acercamos de uma feição bem genérica da regionalização que nos propomos. Sua análise nos evidencia que o grosso da demografia imperial se encontra dentro da Rússia européia e que regiões como o Cáucaso e Polônia e Ásia Central que são menos significativas em termos territoriais que a Sibéria são muito mais relevantes em termos de contingentes humanos. Isso, por sua vez, nos alude a uma importante assertiva de Milton Santos (1997,p.40) contida em seu *Metamorfoses do Espaço Habitado*: "Uma das características do espaço habitado é (...) sua heterogeneidade, seja em termos das distribuição numérica entre os continentes e países (e também dentro destes), seja em termos de sua evolução". Conforme vimos, o espaço do país que estamos analisando não foge a esse traço destacado pelo geógrafo brasileiro. Neste sentido, as disparidades da distribuição do quadro populacional – apesar de todo o esquematismo da cartografia - nos evidência que o *território usado* do império russo corresponde substancialmente a sua porção européia e *o fundo territorial* substancialmente a sua parte asiática 116.

Todo o exposto nos propicia uma pertinente digressão. Para adentrar a essa vamos começar afirmando que essa distribuição da população no território nos dá importantes apontamentos para enquadrar geograficamente o processo revolucionário narrado no capítulo precedente. Nesta perspectiva, resgatemos um pressuposto manifesto na introdução: não há ou não existe revolução extraterritorial. Em seguida a esse resgate, acrescentemos outra importante colocação: se não há revolução extraterritorial tampouco há revolução sem quadro demográfico. Essas duas importantes colocações nos ajudam a localizar a *formação territorial da revolução* no âmbito geográfico da área de soberania czarista. Neste sentido, podemos dizer que ela ocorreu

Um tipo de representação cartográfica que deforma o fundo territorial conforme a temática apresentada. No caso em questão o quadro populacional. Esse tipo de representação oferece a grande vantagem de dá imediatamente ao leitor do mapa a localização dos fenômenos que se quer representar.

O geógrafo francês Élisée Reclus em sua obra *Geographie Universelle*, mais especificamente no tomo v referente à Rússia, apesar de não operacionalizar os conceitos de território usado e fundo territorial sugere ligeiramente essa diferenciação no interior do território czarista. Isso é o que fica evidente na seguinte passagem: "Il est vrai que la nation russe est ancore bien loin d'avoir rempli l'espace imense annexé par son gouvernenement; les limites réelles de la nationalité russe restent bien en deça de celles que les traités et la conquêtes ont tracées sur la carte" (1895,p.313). Por sua vez, o geógrafo francês Pierre George em 1970 em seu *Geografia da U.R.S.S.*, discorrendo não sobre o império russo, mas sobre a herdeira do território imperial, não deixa de tocar no observado por Reclus: "Sobre a imensa extensão do território da U.R.S.S., a vida humana concentra-se em uma fração restrita do território (5 milhões de km@ de superficie agrícola, um pouco mais de 2 milhões de km2 lavrados). O Resto do espaço nacional é apenas utilizado pela exploração florestal e atividades de serviço, circulação, exploração mineira" (1970,p.19).

Império Russo: Quadro Populacional por Regiões



primordialmente no *território usado* do império, posto que era nessa porção do domínio dos czares que estavam assentados os atores que se insurgiram contra a ordem estabelecida. *O fundo territorial*, por sua vez, era a porção espacial que estava além do *território usado*, mas que os postulantes ao poder – diga-se bolcheviques¹¹⁷ – queriam veementemente conservar e conservaram - conforme vimos no primeiro capítulo – já que para os comunistas os contornos do império era um elemento de continuidade da ruptura social. Mas deixemos as questões do capítulo precedente de lado e voltemos à territorialidade estatal czarista.

Nesse contexto de retorno, façamos uma recorrência às palavras de Anatole Leroy Beaulieu. Um autor da virada do século XIX para o XX que apesar de datado nos dá importantes informações concernentes aos objetivos dessa seção:

"O solo russo é feito pela unidade. Em nenhuma parte há sobre uma tal superfície, uma tal homogeneidade. Ao mesmo tempo, em nenhuma parte há mais raças diversas. O contraste, que se mostra em toda parte na Rússia é a esse respeito um dos mais chamativos. A área geográfica mais uniforme é ocupada pelas famílias humanas mais diferentes. Raças, povos, tribos se emaranham ao infinito e suas divisões são acentuadas e realçadas pela diversidade do gênero de vida, de língua e de religião". "(1990,pg50). 118

O quadro traçado acima pelo autor de *L'Empire de Tzar et le Russes* denota que a continentalidade do domínio dos czares e sua homogeneidade no referente geografia física (relevo, clima) foi algo que facilitou grandemente o controle da imensa planície euro-asiática por parte da autocracia russa e simultaneamente trouxe para o referido domínio – dado a dinâmica expansionista - uma diversidade de populações. É justamente por conta disso que Trotsky (1967,p.736) assevera que "A Rússia não se constituíra como um Estado nacional mas como um Estado de nacionalidades". A

Defendemos na presente dissertação que os bolcheviques viam o território do império russo como um elemento de continuidade da ruptura social. Neste sentido, pretendemos nas linhas subsequentes demonstrar mais cabalmente essa pretensão bolchevique de salvaguardar os contornos do império.

O original seria: "Le sol russe est fait pour l'unnité. Nulle part il n'y a sur une telle surface une telle homogénéité; em même temps nulle part il n'y a plus de races diverses. Le contraste, qui se montre partout em Russie, est à cet égard des plus frappants. L'aire géographique las plus uniforme est occupée par les familles humaines les plus différentes. Races, peuple, tribus s'y enchevêtrent à l'inifni, et leurs divisions sont accusées et rehaussées par la diversité du genre de vie, des langues, des religions".

afirmativa do autor de *Literatura e Revolução* aproxima-se das palavras do historiador francês Mac Ferro, quando este diz:

"A principal característica do império russo foi, na verdade, não ter uma base étnica única (Ruskaja imperija), mas ser um Estado de povos diferentes sob um monarca único (Roskaja imperija), que politicamente empenhava-se em neutralizar, os que em nome de uma idéia nacional, poderiam ir contra o czar" (1996,p.183).

Como forma de dimensionar o teor qualitativo e heterogêneo dessa base étnica e populacional recorramos aos cômputos do censo geral de 1897¹¹⁹. Segundo esse recenseamento o quadro demográfico do império era de 126.389.257 habitantes. Essa cifra traduzia-se em termos nacionais nos seguintes números: grandes russos, 55.566.469; ucranianos, 22.238.055; bielo-russos, 5.883.547; poloneses, 7931307; finlandeses, 3502147; turco-tártaros, 13.601.251; judeus, 5.063.156; alemães, 1.790.489, etc. (Zirmermann,1897). Essa diversidade de povos espalhada justaposta e sobrepostamente configuraram-se uma potente questão nacional, ou melhor, questões nacionais que perpassavam a formação territorial russa e impuseram ao Estado czarista a necessidade premente de geri-la por meio de sua territorialidade já que elas traziam ao regime um grande perigo de decomposição. Neste sentido, podemos afirmar se por um lado, a geografia física facilitou a unidade e controle político por parte da territorialidade estatal czarista sobre imensos espaços; por outro lado, a geografia populacional marcada pela enorme diversidade, por várias vezes desafiou esse quadro de dominação. Sintomático dessa afirmativa são as palavras de Juliete Cadiot (2007,p.7): "As identidades nacionais e étnicas tinham se tornado no império da Rússia uma das principais explicações das dificuldades políticas do país 120...".

Nesta altura, recorramos a mais uma representação cartográfica que mostrará dentre outras coisas a disposição do quadro demográfico em suas feições nacionais no território e simultaneamente nos dará importantes elementos de entendimento da territorialidade czarista tanto no que se refere a sua área de soberania quanto ao que se

Segundo Claval (2010,p.103) "Para administrar eficientemente, um governo deve dispor de dados precisos sobre o território sobre o território sobre o qual exerce sua soberania e sobre as populações que ali vivem". Baseado no quadro de pressuposições - exposto pelo geógrafo francês - o primeiro censo geral russo foi realizado em 1897. O próximo estava previsto para 1914, no entanto com a entrada da Rússia na Grande Guerra e a ocorrência da Revolução ele acabou não se realizando. Por conta disso, um censo no mesmo nível do censo de 1897 somente se efetivou em 1926 já sob a égide do Governo Soviético.

O original seria: "Les identités nacionales et ethniques étaient devenues dans l'empire de Rússie une des principales explications des difficultés politique du pays...".

refere ao quadro demográfico heterogêneo. Nesta perspectiva, se o mapa anterior fez uma primeira aproximação do território usado e do fundo territorial, vamos no subsequente (Império Russo: Territorialidade Estatal Czarista) nos aproximar melhor dessa regionalização, focando em seu teor qualitativo interno. Vejamos primeiramente que uma das primeiras coisas que chama a atenção é a diversidade de povos - conforme já havíamos salientado linhas atrás - sob domínio czarista e sua disposição espacial. Nesta distribuição, os povos não russos estão localizados, sobretudo na periferia ou nas regiões fronteiriças, a etnia dominante, os russos, por sua vez, está assentada no centro do território 121. No campo ainda da análise de nossa produção cartográfica, vale ressaltar como o desenho do território usado e do fundo territorial neste último mapa tem suas feições reforçadas. Sintomático disso é que a região sertaneja¹²², em cinza - área de população extremamente rareada – coincide justamente com a porção menos populosa da representação em anamorfose (Império Russo: Quadro Demográfico por Macrorregiões) ou seja, a Sibéria¹²³. Ainda na perspectiva de comparação de mapas, podemos perceber que a representação Guerra Civil: Região de Sedimentação - apresentado no capítulo precedente - quando contrastada com o mapa Expansão Territorial Russa e com o da Territorialidade do Estado Soviético denota que o processo de incorporação do território russo pela soberania do poder soviético se deu de forma similar ao processo de expansão czarista, ou seja, a partir do centro do território. Eduard Carr, em sua obra Historia da Rusia Soviética, já observara isso ao pontuar:

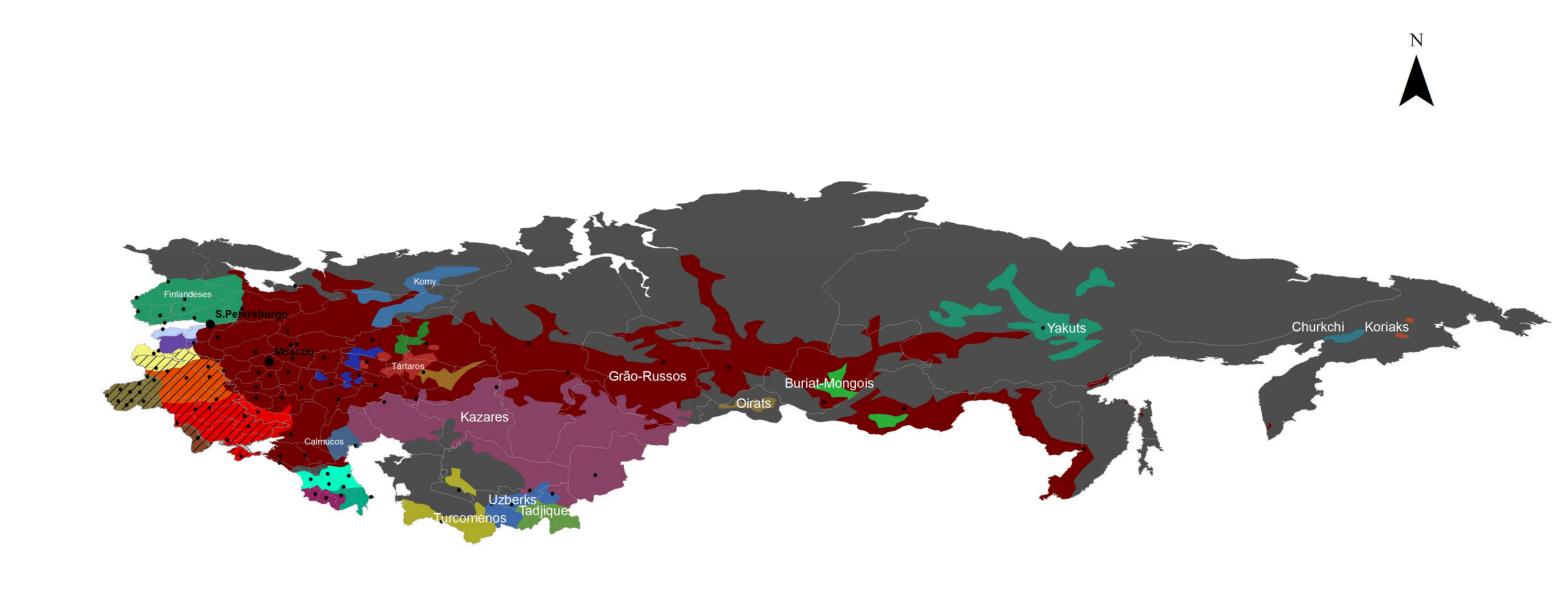
__

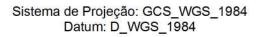
A questão das nacionalidades como referente geopolítico para a revolução na estratégia bolchevique é facilmente detectável nos escrito de algumas figuras de proa do bolchevismo. Lênin, por exemplo, escreve um opúsculo em 1909 denominado *El Derecho de las Naciones a Autodeterminación* onde problematiza a questão das nacionalidades e detecta e disposição delas no território czarista (identifica um centro puramente russo e uma periferia completamente alógena ou estrangeira). Stalin, por sua vez, em seu livro de 1913: *O Marxismo e a Questão Nacional e Colonia*l traça o desenho de uma política territorial em que procura soldar aquele centro - identificado pelo autor de o *Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* – com a periferia alógena através de um arranjo federativo. A criação da URSS em 1924 é a efetivação desse desenho no território do antigo império russo (rever mapa X. A Territorialidade do Estado Soviético). Para ver mais sobre essa temática ver: Oliveira, 2010. *Stalin, O Marxismo e a Questão Nacional: o desenho de uma política territorial.*

Para uma discussão sobre a idéia de sertão ou região sertaneja e sua utilização no âmbito de nosso trabalho rever nota de rodapé 105 localizada na página 119 do presente capítulo.

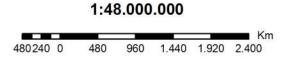
Em realidade, a coincidência seria maior, ou melhor, reforçada se ao invés de no mapa **Império Russo: Quadro Demográfico por Macrorregiões** tivéssemos trabalhado com as divisões provinciais já que toda porção norte do território russo estaria diminuída em decorrência da existência da menor população nessas províncias do norte tanto do lado europeu quanto do lado asiático do domínio czarista.

Império Russo: Territorialidade Estatal Czarista





Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo, 2011.



Capitais ImperiaisCapitais Provinciais





Nacionalidades

Bielos-Russos Chuvares Estonianos

Georgianos





"A tarefa que enfrentaram os bolcheviques de reunir os fragmentos esparramados do império czarista podia ter sido maior se não tivesse sido por um fator natural favorável: a diversidade racial e lingüística que favoreceu a dispersão no começo foi compensada pela imensa preponderância do elemento grão-russo que atuou como um ímã sobre a totalidade da massa¹²⁴" (1973,p.330)

Para aproveitar o ensejo da digressão sobre a ruptura social vamos comentar outro aspecto da revolução russa. Segundo Hannah Arendt (1988) Toda revolução é perpassada por questões sociais. No caso específico russo, a problemática nacional era uma questão social de primeiríssima ordem cravada no território. A partir deste ponto, se retomarmos o conceito de formação territorial da ruptura social, podemos delinear que a questão das nacionalidades – um dos elementos estruturantes e territorializadores da revolução de 1905 e 1917 – estava localizada na periferia do território usado. Neste sentido, o reordenamento territorial efetivado pelos comunistas (criação de regiões autônomas, repúblicas autônomas, repúblicas independentes soviéticas, tendo como núcleo central desse conjunto a RSFSR) no antigo espaço de soberania czarista (rever o mapa A Territorialidade do Estado Soviético) durante o processo revolucionário foi uma política que levava em consideração essa importante questão social e uma estratégia de criar uma hegemonia no território. Cabe dizer ainda no âmbito dessa digressão que os bolcheviques em sua estratégia para o poder encaravam a questão das nacionalidades como um referente geopolítico da revolução russa. Tanto um elemento de contraposição a ordem estabelecida quanto elemento reafirmação da territorialidade estatal.

Deixemos, porém, os fatos relativos à revolução, às estratégias dos agentes da ruptura e à análise cartográfica de lado e voltemos à territorialidade estatal czarista. Diante desse quadro de estrutura étnica diversa e complexa disposta em seu território, o czarismo assumiu uma política de russificação que ora era afrouxada, ora reafirmada veementemente já que o Czar e os demais "nacionalistas russos não viam nenhuma contradição entre a valorização da russidade e a existência de um imenso império¹²⁵"

O original seria: "La tarea con que enfretaron los bolcheviques de reunir los fragmentos desparramados del imperio zarista podía haber sido insuperable si no hubiese sido por un factor natural favorable: la diversidad racial e lingüística, que favorició la disperción en el comienzo, fue compensada por la imensa preponderancia del elemento grã-ruso que actuó como un imán sobre la totalidad de la masa".

O original seria: "Les nacionalistes russes ne voyaient aucune contradction entre la valorisation de la russité et l'existence d'un immense empire".

(Cardiot,2007,p.7). Sintomático desse processo de russificação é que os últimos cinqüenta anos do regime a pressão sobre os povos não russos aumentou enormemente. Neste contexto, as liberdades conseguidas com as reformas liberalizantes da década de 50 sofreram um grande retrocesso. Por exemplo, a Polônia e Finlândia absorvidas pela soberania czarista com *status* diferenciado de autonomias - ambas possuíam parlamento e constituição própria - sofreram enormes restrições em seus respectivos caráter especiais. A primeira perdeu sua *carta magma* e parlamento logo após as Revoltas de 1831-32 e 1863 e foi incorporada na administração imperial como províncias do Vístula, perdendo assim, até mesmo o nome de Polônia no quadro da administração imperial. É a russificação pela toponímia (Cardiot, 2007). No referente à segunda, o Grão-Ducado da Finlândia, apesar de consegui conservar seu caráter diferenciado dentro do quadro imperial, experimentou severos danos em sua autonomia local. Dentro do pacote de medidas restritivas aos finlandeses destaca-se a proibição da língua nacional e imposição do russo como língua oficial na administração local.

Mas dentro desse quadro de subjugamento era sobre os judeus que pesava a maior carga de restrições. Contingentes significativos de hebreus foram absorvidos ao império em sua expansão para oeste, mais exatamente com a incorporação da Polônia no decorrer do século XVIII. Em decorrência disso, por mais de três séculos, o Império Czarista foi o país que concentrou o maior contingente populacional de judeus (Margulies, 1971). Segundo os dados do censo geral de 1897, as cifras dessa população era cinco milhões (Zirmermann,1897). A marca da opressão e, por conseguinte, da territorialidade estatal czarista sobre os hebreus se consubstanciava na delimitação de um território na porção oeste do império – denominada assentamento¹²⁶ - onde este povo era obrigado a residir (para visualização dessa área rever mapa Império Russo: **Territorialidade Estatal Czarista).** Trotsky (1967,p.738) no referente ao subjugamento dos israelitas nos relata que "o número de leis que limitavam o direito dêles atingia a 550". A esse agregado de normas jurídicas restritivas podemos acrescentar o ambiente de anti-semitismo fomentado - pelo regime - que por várias vezes se consubstanciava na matança indiscriminada de judeus e destruição de seus bens denominada progoms. Sobre isso Marcos Margulies (1971,p.261,262) assevera que

_

A existência desse gueto territorial durou do século XVIII até o incío do XX. Seu término se deu mais exatamente com a Revolução de 1917.

"Para o govêrno tzarista, os sentimentos populares hostis aos judeus propiciavam a condução da agressividade, acumulada mas tolhida pela prolongada submissão política... [já que] ...os judeus transformaramse num grupo coletivamente culpado por todo fracasso do govêrno e por qualquer padecimento do povo".

Por conta desse contexto, no quadro do império russo, o grupo étnico em questão, mais exatamente os trabalhadores proveniente dessa etnia, se antecederam aos próprios russos na organização de um partido de corte socialista. O Bund (União Geral dos Trabalhadores Judeus da Lituânia, da Polônia e da Russia) foi fundando 1897, um ano antes da criação POSDR (Partido Operário Socialdemocrata Russo). Na linha ainda da temática dos israelitas no terreno russo, vale lembrar que por conta de todo esse histórico de opressão muitos judeus se engajaram nos movimentos revolucionários que eclodiram no espectro político czarista no final do século XIX para o início do XX. Para ficarmos apenas em algumas figuras da socialdemocracia russa mencionaremos os nomes de Martov, Trotsky, Kamenev, Zizoviev, Svlerdov, etc.

Paul Claval (2010,p.29) em *Terras dos Homens* afirma que o soberano"... sabe que para ser obedecido é [necessário] (...) dividir o território que ele domina em circunscrições e instalar em cada uma delas agentes que o representem, que vigiem as ações de uns e outros, que zelem pela aplicação da lei". Baseado nisso, podemos asseverar que os limites administrativos internos de qualquer Estado sobre seu território é uma expressão direta de sua territorialidade sobre o mesmo, já que toda instituição estatal necessita organizar seu espaço interno de exercício de soberania. No referente especificamente ao caso russo, a análise do mapa Império Russo: Territorialidade Estatal Czarista ao evidenciar o tracejado dos limites administrativos internos, denota aspectos da autoridade imperial. Complementar e valorativo à cartografia aqui exposta, vamos pontuar textualmente que a autocracia russa compartimentava sua área de dominação para o ano de 1905 em 97 figuras territorial-administrativas de nível superior. Oito dessas figuras formavam o Grão-ducado da Finlândia e doze o Vice-Reinado do Cáucaso. As demais figuras de nível superior por sua vez, dividiam-se em províncias e regiões. As primeiras correspondiam a uma divisão administrativa em que a autonomia era maior e as segundas onde a centralização era mais pesada. Sintomático é que nessas últimas o chefe militar era o mesmo da administração civil. Acrescemos ainda que essa derradeiras divisões estavam localizadas sobretudo nas regiões fronteiriças do império.

Paul Claval (2010,p.28) mais uma vez nos assevera que "Em todos os lugares onde o Estado existe (...) [apresenta-se] a existência de uma esfera superior, que é a do poder, e um centro de onde este emana". O último mapa mencionado nos trás justamente os principais centros de gestão ou os mais importantes centros de poder do Estado russo no território ou ainda a grade de localidades a partir de onde a autoridade estatal czarista era exercida. Vejamos que nesta representação sobressai-se em primeiro plano São Petersburgo e Moscou, as duas capitais imperiais e principais nodosidades da formação territorial em questão; em segundo, os centros provinciais. Neste ponto, não temos como prosseguir sem no mínimo tecer sucintamente algumas considerações sobre os zemstvos, um conjunto de instituições que o czarismo edificou naqueles centros provinciais com o intuito de descentralizar a gestão do território. Neste contexto, pontuemos que a criação desses órgãos administrativos está inserida dentro do bojo das reformas liberalizantes da década de 50 e 60 implementadas pelo czar Alexandre II¹²⁷. Estas instituições consistiam em uma junta representativa eleita a partir de uma assembléia e de uma junta executiva nomeada pela primeira que tinham o objetivo cuidar de questões governativas de âmbito local (provincial): transporte educação, correio organização hospitalar, produção de dados estatísticos, etc. Esse sistema de autogoverno - que foi implementado em 34 províncias do império - sofreu uma pesada perda de competência com o fechamento do regime a partir da década de 1890, posto que a validação das decisões tomadas pelas referidas instituições tinham que passar pelo crivo dos governadores provinciais. Em todo seu período de existência esse sistema, apesar das restrições, foi base de operação de vários setores da oposição ao regime. Os liberais, por exemplo, tiveram grande atuação nos zemstvos. O príncipe Lvov, Primeiro Ministro do primeiro gabinete do Governo Provisório tinha um histórico de participação nesses órgãos. O mesmo pode ser dito em relação aos socialistas revolucionários (SRs). A grande penetração no território por parte dessa agremiação política do espectro político russo se dava grandemente a partir dessas instituições de ordem provincial.

Neste ponto, deixemos o sistema de zemstvos de lado e voltemos a uma importante questão. O que seria a existência de centros de gestão do poder em um território sem a existência de redes que os conectasse e por onde as ordens, pessoas e demais coisas circulassem e se comunicassem? Sobre essa temática Leila Dias (1995,p.147) informa que "...a rede aparece como o instrumento que viabiliza

 $^{127}$ Nas seções subseqüentes nos deteremos mais pormenorizadamente sobre esse conjunto de reformas.

exatamente essas duas estratégias: circular e comunicar". Camille Vallaux, por sua vez, em *El Estado y el Suelo* (1914) denota que é pela capilaridade que o Estado se afirma no território. Raffestin (1993,p.200) um geógrafo mais recente e que concebe o poder não necessariamente ligado a figura estatal afirma: "A circulação e a comunicação são as duas faces da mobilidade. Por serem complementares, estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e o controle da distância". Baseado nessas assertivas podemos denotar que outro importante elemento da territorialidade estatal czarista é o quadro de circulação e comunicação do império. Nas próximas seções desse presente capítulo apresentaremos e comentaremos mais profundamente um mapa que dará conta de demonstrar esse aspecto da territorialidade¹²⁸. Por enquanto, vamos nos contentar sucintamente em dizer que é pela via dos meios de circulação que a autoridade do Estado se faz presente no território. Consciente disso, a autocracia russa a partir da segunda parte do século XIX empenhou em construir uma densa rede ferroviária que articulava os principais pontos de gestão do território como forma de se presencificar e articular seu imenso espaço de soberania.

Nesta altura vamos abrir uma pequena brecha para ligar algumas questões do capítulo precedente com o presente. Algumas linhas atrás - baseado em Vallaux – pontuamos que é pela capilaridade, portanto pela circulação e comunicação que a instituição estatal se afirma no espaço. A pertinência dessa assertiva é validada negativamente na revolução russa de 917, mais especificamente com um episódio passado com o Czar Nicolau II, a maior autoridade do Estado Russo. Logo após o início das Jornadas de Fevereiro, em Petrogrado, que daria cabo a monarquia, o referido czar que se encontrava no front dirigindo o exército em campanha tenta retornar a capital para restabelecer a ordem, no entanto tem seu retorno impedido pelos ferroviários que tinham aderido aos insurretos da capital. Desta forma, com a mobilidade restringida e sem chegar ao seu destino original a maior autoridade do Estado russo abdicou do poder e selou o fim da tricentenária dinastia romanov¹²⁹. Neste contexto, podemos relembrar que as redes de sovietes que se constituíram nas conjunturas revolucionárias de 1905 e 1917 estavam estreitamente ligada às redes de circulação do território russo, mais

Nosso quadro de intenção cartográfica na presente dissertação era chegar a um conjunto de dados sobre a rede de comunicação do império russo: correios, telégrafos, telefones. Infelizmente, não conseguimos chegar às informações que nos permitisse reconstituir cartograficamente essas importantes redes técnicas. Portanto, desde já, adiantamos que no mapa referente a circulação que será apresentado na próxima seção não estará presente a rede de comunicação.

substancialmente com a ferroviária. Para isso revemos nossa produção cartográfica, mais especificamente o mapa **Revolução 1905: Territorialidades Sovietes** e o mapa **Revolução de Fevereiro: Territorialidades Sovietes.** Baseados nos fatos expostos podemos asseverar que as redes de circulação e comunicação servem tanto para afirmar o Estado como para os atores políticos e sociais que querem contestá-lo.

Neste presente capítulo cujo objetivo foi conhecer a formação territorial russa já passamos pela *Expansão Territorial Russa* e pela *Territorialidade Estatal Czarista*. Essas duas seções já nos deram importantes elementos de entendimento do território objeto de estudo. Separamos o *território usado* do *fundo territorial*, localizamos a ocorrência da revolução dentro do primeiro, identificando a questão das nacionalidades na fronteira do mesmo e delineamos o segundo como objeto de pretensão soberânica dos bolcheviques. Vamos, agora, à próxima seção, *As particularidades do Desenvolvimento Russo*, prosseguir nosso empreendimento analítico e assim detectar outros teores qualitativos internos àquelas duas grandes regiões que nos lancem luz tanto sobre o entendimento da *formação territorial* quanto sobre a *formação territorial da revolução*.

2.3 Particularidades do Desenvolvimento Russo.

O império russo no início do século XX apesar de ser um país essencialmente agrícola era um das economias do quadro mundial que mais crescia em termos industriais. As palavras de Perry Anderson (2004) dimensionam a pujança de tal crescimento:

"O setor industrial triplicou de volume nas duas décadas que precederam 1914, uma das mais altas taxas de crescimento registradas na Europa. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, a Rússia era o quarto maior produtor de aço do globo (acima da França). O volume absoluto do setor industrial era o quinto maior do mundo" (2004,p.404).

Era por conta desse quadro de entrelaçamento de vigoroso desenvolvimento industrial com atraso no campo e projeção do poderio czarista na arena internacional que Vladimir Ilitch Lênin, o líder do partido bolchevique, asseverava que a Rússia era um dos "elos débeis da cadeia imperialista"(Lênin,2010).

Vamos na presente seção traçar alguns elementos da particularidade do desenvolvimento da **formação territorial russa**, só que desta vez, focando sobretudo nos aspectos econômicos. Antes, porém, de percorrer este caminho vamos colocar algumas considerações, de ordem geral, sobre os condicionantes genéricos desse desenvolvimento particular.

Sobre esse quadro de particularidades, Trotsky (1967,p.23) nos assevera: "O traço essencial e o mais constante da História da Rússia é a lentidão com que o país se desenvolveu, apresentando como conseqüência uma economia atrasada, uma estrutura social primitiva e baixo nível cultural". Marshall Bermam (1986,p.169), por sua vez, pontua: "um dos fatos cruciais da história da Rússia é que a economia do império se estagnava, em certos aspectos, até mesmo regredia, no exato momento em que as economias ocidentais davam um salto espetacular à frente". Na mesma linha, continua o estudioso americano: por boa parte do século XIX, os russos "experimentaram a modernização principalmente como algo que não estava ocorrendo, ou como algo que estava ocorrendo à distância, em regiões remotas" (Berman,1986,p189).

Perry Anderson (2005), procurando ver o atraso russo desde um quadro

geográfico maior, mais precisamente à escala da Europa, e a partir de uma perspectiva histórica bem recuada no tempo, pontua que o determinante histórico básico do desequilibrado desenvolvimento do continente em questão passa pelo fato de que toda a região que um dia se configuraria como Europa Oriental estava fora da Antiguidade Clássica, ou seja, destituída das rugosidades geográficas e culturais deixadas pela civilização Greco-romana ao passo que as formações ocidentais se erigiram marcadas pela sínteses de elementos germânicos e Greco-romanos.

Trotsky (1967) coloca a mesma questão nos seguintes termos:

"Na época em que os bárbaros ocidentais se instalaram sobre as ruínas da civilização romana e utilizaram tanto pedra antigas como material de construção, os eslavos do oriente, em suas inóspitas planícies, nada encontravam para herdar: o nível de seus predecessores era mais baixo que o seu" (1976,p.23).

Somado a esse quadro de edificação da *formação territorial russa* fora das rugosidades da civilização Greco-romana, adiciona-se o fato da situação geográfica onde tal formação se erigiu: uma enorme planície entre a Europa e a Ásia e ponto de passagem dos nômades provenientes das estepes deste último continente. A conseqüência direta dessa localização é que as invasões de povos asiáticos sempre foi uma constante na história da Rússia e neste sentido retardaram o seu desenvolvimento ao produzir um quadro permanente de intranqüilidade. Os mongóis, por exemplo, dominaram os russos por mais de 200 anos. A Rússia kievana – conforme já havíamos mencionado - submergiu grandemente pelo acicate dessas invasões. E o Principado de Moscou (rever mapa A Expansão Territorial Russa) até começar a reverter às relações com as soberanias vizinhas – a partir do século IV- foi tributário da Horda do Ouro. Sobre isso o historiador russo Klyuchevsk em seu *History of Russian* assevera que o povo russo colocado no portão oriental da Europa defendeu a civilização européia contra os saqueadores nômades da Ásia, mas nessa manobra de defesa ficou para trás do resto do continente (KLYUCHEVSK,apud,Hoetzsch, 1966).

Neste contexto, cabe mencionar que o fato de a Rússia se constituir fora do quadro da *Antiguidade Clássica* gerou no século XIX uma inquietação na intelectualidade local sobre o caráter do país em questão. Petr Chaadáev (1794-1856) foi um expoente e iniciador dessa discussão ¹³⁰ apesar dessa mesma existir de forma

Lembremos que essa discussão sobre o caráter da Rússia iniciada na primeira metade

latente na sociedade russa antes do aparecimento da referida figura. Em sua Cartas Filosóficas, de 1829, Chaadáev malgrado propugnar um futuro brilhante para seu país defende a tese que a Rússia é uma nulidade em termos culturais e sua grandeza entre o conjunto de nações advém somente da extensão espacial. Vejamos com suas próprias palavras o teor dessa asseveração:

> "Desconhecemos o silogismo do Ocidente, a ele não temos dado nada, nem nada dele absorvemos, não contribuímos nem com uma só idéia à massa de idéias humanas, não contribuímos com nada ao progresso do espírito humano e temos desfigurado tudo o que veio desse processo. Desde o primeiro instante de nossa existência social, nada emanou de nós para o bem comum dos homens; nem somente um pensamento útil germinou do solo estéreo de nossa pátria, nenhuma grande verdade foi lançada desde nosso entorno; não nos incomodamos em imaginar por nós mesmo, e do que imaginaram os outros tomamos unicamente aparências enganosas e luxo inútil.

> Se as hordas bárbaras que pertubaron o mundo no tivesse, passado pelo páis que habitamos antes de precipitar-se sobre o Occidente mau constituiríamos um capítulo da história universal. Para nos fazer notar tivemos que nos estender do Estreito de Bering até o Óder¹³¹ 132(1997,20).

Essas considerações de Chaadáev geraram uma grande reação pró e contra seu autor. Neste sentido, inauguraram o debate dentro do pensamento social político russo entre eslavófilos e ocidentalistas. A primeira dessas correntes propugnava que a Rússia era uma formação singular e tinha um caminho próprio a seguir; a segunda que o país de

do século XIX é similar àquela realizada no Brasil praticamente uma centena de anos depois sobre o caráter da formação social brasileira com autores como: Oliveira Viana, em *Populações Meridionais*; Caio Prado Júnior, em *Formação Contemporânea do Brasil*; Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do* Brasil; Gilberto Freyre, em Casa Grande & Senzala, etc. Destaquemos que assim como em Petr Chaadáev há uma incompletude da Rússia enquanto nação, similarmente nos três primeiros autores

brasileiros citados há uma incompletude do Brasil que precisa ser superada. Oder, considerando o mapa político da época era um Rio que separava a Polônia então domínio czarista e a Prússia. Portanto, um rio-fronteira entre o império czarista e a Prússia.

O original seria: "Desconocemos el silogismo del Occidente (...) Solitário en el mundo, no le hemos dado nada ni nada suyo hemos tomado, no hemos aportado ni uma sola idea a la massa de las ideas humanas, no hemos contribuido en nada al progreso del espiritu humano y hemos desfigurado todo lo que ha venido de este progreso. Desde el primer instante de nuestra existencia social, nada emanó de nosostros para el bien común de los hombres; ni un solo pensamiento útile germinó del suelo estéril de nuestra patria, ninguna gran verdad fue lanzada desde nuestro entorno; no nos hemos molestado en imaginar por nosostros mismo, y de lo que imaginaron los demás hemos tomado únicamente apariencias engañosas y un lujo inútil"

(...) Si las hordas bárbaras que pertubaron el mundo no hubieran pasado por el país que habitamos antes de precipitarse sobre Occidente apenas constituiríamos un capítulo de la historia universal. Para hacernos notar tuvimos que extendernos desde el estrecho de Bering hasta El Oder."

139

Dostoievsk necessitava adentrar a ordem dos países do ocidente. Essas duas vertentes do pensamento deram a tônica de toda a gama de debate: cultural, econômico, político e social sobre Rússia. Adiante teremos oportunidade de ver o rebatimento dessas duas posições no campo da política.

No quadro de singularidades é importante marcar que não somente a situação geográfica e a localização fora dos limites das civilizações da Antiguidade Clássica particularizam a *formação territorial russa*. As grandes amplitudes espaciais somados as invasões tanto do leste quanto do oeste foram também algo que pesaram na dinâmica formativa da sociedade e do Estado. Sintomático disso é que, por um lado, o absolutismo czarista - abatido somente na revolução de 1917, portanto muito tempo depois dos congêneres europeus ocidentais - forjou-se como arma de defesa contra aquelas invasões bifrontais; por outro lado, as grandes dimensões espaciais imprimiram ao mesmo absolutismo um peso autoritário muito maior sobre a sociedade. Podemos constatar isso no quadro do feudalidade russa, mais especificamente no campo das relações servis. Para tornar isso mais claro, vamos pontuar que uma das características básica do feudalismo é a imobilidade geográfica da força de trabalho, dos produtores diretos, já que estes têm necessariamente que estar vinculados ou preso à terra para trabalharem e produzirem excedente para a nobreza e sua instância de dominação política, o Estado. Neste sentido, a imposição de um quadro de servidão na Rú ssia era dificultada enormemente pela imensa amplitude espacial, posto que à medida que a nobreza e sua instituição estatal procuravam prender o camponês à terra este fugia para as regiões de domínio político ainda inconsolidado. Perry Anderson (2004,208) atesta o que afirmamos: "a existência inalteradas de fronteiras meridionais e dos espaços agrestes da Sibéria abria expressivas fendas na consolidação jurídica da servidão". Neste contexto, acrescemos que a servidão - essa componente fundamental do feudalismo - no país dos czares, em conseqüência da expressão da desigualdade de ritmos entre oriente ocidente teve sua gênese no século XV, sua consolidação e apogeu no decorrer do século XVII e XVIII (Trotsky, 1967).

Desta forma, o quadro de particularidades desenhado acima significou para a Rússia o forjamento de um poderoso Estado dotado de uma máquina de guerra capaz de ocupar um espaço importante no jogo das relações internacionais e simultaneamente empreender um poderoso processo de expansão territorial ainda que assentada em uma base econômica primitiva (agrária). A reversão, ou mais precisamente, a tentativa de revertimento desse quadro de atraso veio primeiramente com as reformas petrinas —

mencionadas também nas seções precedentes. Mas é somente na segunda metade do século XIX que um conjunto de reformas de cunho modernizante alterará aspectos significativos desse cenário de retardo numa dinâmica simultânea de acirramento das contradições já existente e criação de novas.

Estas reformas vieram após a Guerra da Criméia (1854-1856). Guerra na qual a Rússia perdeu e cuia derrota ¹³³ deixou patente para a autocracia que seu país era um "gigante com pés de barro" que há muito a economia era a base e critério do poder internacional e que "era impossível ser uma grande nação que não fosse ao mesmo tempo uma grande economia" (Hobsbawm,1992,p438). As medidas de cunho modernizante foram implementadas pelo czar Alexandre II e consistiram mais precisamente na: abolição da servidão, um problema secular que perpassava a Rússia; introdução de um governo de ordem local, o sistema de zemstvos que em linhas anteriores mencionamos; revisão do código de justiça e em consequência disso criação de audiências públicas e julgamento por jurados; abolição dos castigos corporais (excerto para camponeses e presos políticos exilados na Sibéria); diminuição da censura sobre a imprensa e mais liberdade sobre a comercialização de livros; incentivo a educação, objetivado na criação de um novo sistema escolar e maior liberdade acadêmica nas universidades (Slonin,1961). No entanto, é necessário dizer que os pilares da autocracia continuaram intactos – apesar do caráter liberalizante de muitas medidas implementadas. Sintomático disso, é que nem se cogitou na criação de uma república e nem muito menos na edificação de uma monarquia parlamentar.

Além das medidas supracitadas, o antigo regime russo como forma de alcançar as e até mesmo ultrapassar as formações ocidentais embrenhou-se por um processo de modernização econômica que se consubstanciava no incentivo ao desenvolvimento do capitalismo. Em conseqüência disso, a indústria russa que até então era extremamente incipiente, deslancha para um robusto processo de crescimento que faz com que o país dos czares fosse a "...economia que mais rapidamente se desenvolvia no fim do século XIX" (Hobsbawm, 1992,p.404). Destaquemos que esse processo de modernização econômica foi grandemente baseado na construção de melhorias materiais do território. Neste sentido, o regime iniciou a edificação de uma densa rede ferroviária para atender

_

A derrota russa na Guerra da Criméia se deu para uma coalizão anti russa de países que incluía Inglaterra, França, Império Otomano, etc. Tal frente tinha o intuito de conter o avanço russo par o mar Mediterrâneo

tanto objetivos estratégicos ¹³⁴, movimentação de tropas quanto comerciais, favorecerem a movimentação de bens manufaturados e as exportações de cereais (Kochan,1968,p.21). Adiante vamos discorrer mais pormenorizadamente sobre essas melhorias materiais e seus impactos sobre o território. Por ora, vamos nos concentrar em tecer algumas considerações sobre os meandros contraditórios do desenvolvimento do capitalismo russo.

Nesta perspectiva, marquemos de forma mais explícita que a *formação social russa* como conseqüência da desigualdade de ritmos já apresentada entre Oriente e Ocidente adentrou ao mundo capitalista de forma retardatária. Em virtude disso, praticamente todo desenvolvimento do seu capitalismo foi financiado a partir de capitais dos países que abrigavam em seu seio um já robusto modo burguês de produção combinado com forte iniciativa do Estado russo. Sobre a iniciativa da instituição estatal Trotsky assevera: "Não foi o artesão rural, nem tampouco o grande comerciante, quem sentiu a necessidade de criar uma indústria forte e vasta senão o Estado¹³⁵" (1971,p.29). Na diretiva de acentuar a natureza subordinada tanto da industrialização russa quanto do governo czarista em relação as finanças internacionais (em forma de empréstimos ou investimento direto na indústria), assim como também as conseqüências disso para a burguesia local, recorreremos novamente as palavras de Trotsky:

"o predomínio econômico foi, pois entregue ao grande capital. Porém, o papel imenso que desempenhou, nesta circunstância, o capital estrangeiro teve consequências fatais para a influência política da burguesia russa. Em razão das dívidas contraídas pelo Estado uma parte considerável da renda nacional passava cada ano ao estrangeiro, enriquecendo e reforçando a burguesia financeira da Europa. A aristocracia da bolsa que, nos países europeus, detinha a hegemonia e que transformou sem esforço ao governo do czar em seu vassalo financeiro, não podia e não queria unir-se a oposição burguesa que se encontrava na Rússia, pela primeira razão de que nenhum governo nacional tivesse assegurado os benefícios usuários que obtinha do czarismo. Porém não somente o capital financeiro; porém o capital industrial estrangeiro ao explorar as riquezas naturais e a mão-de-obra de nosso país, dava realidade a seu poder político fora das fronteiras francês, belga¹³⁶" parlamentos Rússia, nos inglês

Uma das causas da derrota russa na Guerra da Criméia foi a dificuldade de movimentação rápida de tropas no território russo.

O original seria: "No fue el artesano rural, ni tampoco el gran comerciante, quién sintió la necesidad de crear una industria fuerte y vasta sino el Estado".

O original seria: "El predominio económico fue, pues, entregado al gran capital. Pero el papel inmenso que desepeñó, en esta circunstancia, el capital extrajero tuvo consecuencias fatales para la influencia política de la burguesía rusa. En razón de las deudas contraídas por el Estado,

Ilustrativo do que expõe o revolucionário ucraniano é que na véspera da Primeira Guerra Mundial o capital internacional (sobretudo, belga, francês, inglês, etc.) exercia controle sobre importantes setores da economia russa. Fernandes (1993,p.65) concretiza melhor essa ilustração: "as fábricas metalúrgicas mais importante eram de capital francês. 72% da indústria metalúrgica era dominada por capitais estrangeiros. Metade dos poços de petróleo era de capital anglo-francês".

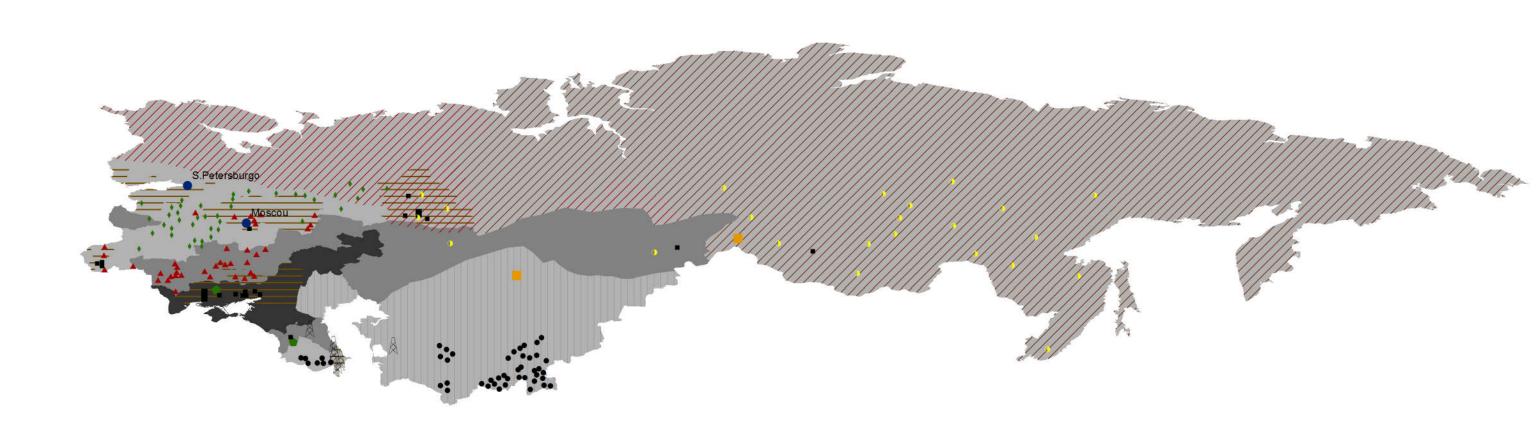
Discorremos até agora sobre o desenvolvimento do capitalismo russo e suas particularidades, mas neste ponto da exposição vamos localizar, ou melhor, sugestionar esse desenvolvimento no espaço da formação territorial em questão, já que nossa abordagem como ficou claro desde o início de presente trabalho é geográfica. Para tanto, vamos recorrer a mais uma representação cartográfica. Neste sentido, vejamos o mapa Império Russo: Quadro Econômico, localizado na página 145 Primeiramente, vamos ressaltar que aquela macrorregionalização que realizamos do espaço de soberania czarista em território usado e fundo territorial e que foi sugestionada nas três últimas representações têm seu desenho mais reforçado com a manifestação de outros teores qualitativos internos às respectivas regiões.

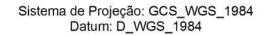
Nesta linha de reforço, vejamos que o fundo territorial (a grande parte do território asiático e porção significativa do norte europeu do império) abriga atividades econômicas que denota a pouca presença ou ocupação humana, a caça comercial. O território usado (parte substancial do território europeu do império) - seguindo a mesma linha de reforço - acomoda atividades econômicas de forte exigência de contingentes humanos: indústria, agricultura, mineração, etc. Neste contexto, de marcação de intensidade das duas macrorregiões, percebemos a localização da indústria - a grande responsável pelo vertiginoso crescimento da economia russa na virada do século XIX para o XX - dentro do território usado. No âmbito deste espaço, percebem

una parte considerable de la renta nacional pasaba cada año al extrajero, enriqueciendo y reforzando a la burguesia finaciera de Europa. La aristocracia de la bolsa que, en los países europeus, detenta la hegemonia y que há transformado sin esfuerzo al gobierno del zar en su vasallo finaciero, no podía y no quería unirse a la oposición burguesa que se encontrava en Rusia, por la primera razón de que ningún outro gobierno nacional le hubiese asegurado los benefícios usuarios que obtenía del zarismo. Pero no solo el capital finaciero; tambiém el capital industrial extranjero, al explotar las riquezas naturales y la mano de obra de nuestro país, daba realidad a su poder político fuera de las fronteras de Rusia, en los parlamentos francés, inglês o belga".

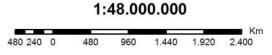
Império Russo: Quadro Econômico







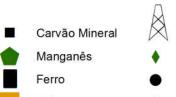
Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo, 2011.



Legenda







Linho

Beterraba

-se ou sobressaem-se quatro áreas industriais: uma ao sul, em terras da Ucrânia; uma ao norte, onde se encontram abrigados os importantes centros de Moscou e São Petersburgo; uma a oeste, mais precisamente na Polônia e uma última localizada na porção nordeste. Discorrer sobre indústria, industrialização assim como de sua distribuição no espaço, requer também – na perspectiva de nosso trabalho – tratar de um importante personagem ligado ao mundo ou universo da manufatura, o operariado. Para Roger Portal (1968,p.305) "...é difícil avaliar a população operária, pois na véspera da revolução, são ainda muito numerosos estes operários nómadas ou que só trabalham em certas épocas, fortemente ligados à terra, que perpetuam o espírito rural nas fábricas". Mas independentemente dessas dificuldades Fernandes (1992) nos traz algumas informações. Segundo este autor (1992,p.66) em 1913, a classe operária russa correspondia a 14% da população, "...fortemente concentrados em alguns grandes centros industriais". Dessa porcentagem, três milhões eram de trabalhadores diretamente ligados as fábricas; os restantes, aproximadamente catorze milhões, estavam vinculados a outros setores da produção ou serviços como construção civil, transporte, comunicação, comércio, etc. (Portal, 1968). Como ficou evidenciado na narrativa do capítulo precedente o movimento operário russo é um importante ator na "cena" revolucionária tanto de 1905 como em 1917. Não foram os operários que em grande parte criaram os conselhos? É nesta direção de sinalizar a importância dos atores em questão que Trotsky (1967,p.350) pontua: "O proletariado era a grande força motriz da Revolução".

Depois do exposto, faz-se necessário assinalar que as bases materiais da produção econômica e sua distribuição no território nos sugerem a localização dos sujeitos vinculados a essa produção. Milton Santos (2008,p.21,22) nesta perspectiva assevera que "a divisão territorial do trabalho envolve, de um lado, a repartição do trabalho vivo nos lugares e, de outro, uma distribuição do trabalho morto e dos recursos naturais" e em conseqüência disso a redistribuição do processo social não é indiferente às formas herdadas...". Com base no expresso se retomarmos o nosso conceito de ruptura social que norteia todo nosso trabalho: *uma ação social coletiva e radicalizada que se tece no território contra a ordem estabelecida* e amarrarmos essa definição com o mapa que apresentamos e estamos analisando, obteremos a localização, ou melhor, o sugestionamento das coordenadas de localização dos operários no território, portanto a localização da componente operária daquela ação social coletiva e radicalizada.

De forma similar ao que ocorreu com a atividade manufatureira, a representação

que estamos a comentar nos traz também a localização das atividades agro-pastoris. Lênin (1982,p.164) em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* - livro em que o líder bolchevique não somente discute o desenvolvimento do modo burguês de produção no terreno de seu país como também localiza os matizes desse desenvolvimento no espaço - assevera que: "...um dos traços mais característicos da agricultura posterior a reforma reside precisamente na diferenciação das regiões agrícolas". Neste sentido, ele complementa em outras de suas importantes obras, *O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução de 1905-1907:*

"...a análise econômica obriga a distinguir no problema do capitalismo na Rússia um centro agrícola com restos abundantes de servidão e uma periferia, onde não existem ou são muito débeis esses restos e na qual se manifestam os traços de evolução capitalista dos camponeses livres" (19080,p.37).

O "centro agrícola com restos abundantes de servidão" ao qual alude Lênin é justamente a porção do território russo onde se coloca de forma mais premente a questão da terra. Sintomático disso é que é nessa porção onde se encontra as grandes propriedade territoriais da nobreza russa e a prática de uma agricultura de corte menos capitalista combinada com a presença de uma fortíssima população camponesa desprovida de terras. A periferia, por sua vez, abrigava uma agricultura de corte capitalista e latifundiária, entretanto com uma questão camponesa menos premente que no centro. O Historiador inglês Orlando Figes (1999,p.149,p.150) de certa maneira reforça o expressado por Vladimir Lênin ao marcar:

"A oeste, sul e leste, situavam-se áreas novas relativamente opulentas de agricultura comercial. E na antiga e cada vez mais povoada zona agrícola central situava-se a maioria das propriedades da nobreza e prevaleciam métodos retrógrados incapazes de fazer com que todos os camponeses tivessem meios de trabalhar a terra (..).

Na zona agrícola central da Rússia havia pouco sinais de comercialização e as principais desigualdades nos padrões de vida dos aldeões deviam-se a diferenças locais na qualidade do solo ou a legados históricos que remontavam aos dias da servidão".

As afirmativas tanto de Figes quanto de Lênin se coadunam com a nossa representação cartográfica. Indicativo disso é que as regiões de grande produção

agrícola se encontram na periferia do território usado: respectivamente região produtora de grãos e grande região produtora de grãos. As duas áreas responsáveis por garantir à Rússia a alcunha de celeiro do mundo. O "centro agrícola com restos abundantes de servidão" – apesar de não estar claramente delimitado na representação – localiza-se no centro do território usado, acima daquelas duas regiões periféricas de corte cerealíferas. Sobre essa temática do campo Trotsky (1967,p.329) nos assevera que "As bases profundas da revolução repousam na questão agrária". O nosso mapa, por sua vez, sugestiona onde estavam parte substancial dessa base profunda da revolução no território russo: na área de agricultura mais atrasada. Isso, logo ajuda a entender grande parte da configuração da região de sedimentação apresentada no mapa sobre a guerra civil. A porção do território russo da qual os bolcheviques jamais perderam o controle durante todo o período do confronto bélico está assentada justamente onde a questão agrária era mais premente. Os comunistas garantiram o apoio do efetivo campônio dessa porção do outrora espaço de soberania czarista ao apoiarem as reforma agrária realizadas pelos que ai trabalhavam a terra. É neste sentido que Figes (1999,p.149) assina: "Não por acaso, depois de 1917 as regiões de lavouras mais ricas tornaram-se baluartes da contra-revolução, ao passo que a área central mais miserável permaneceu leal aos bolcheviques".

As colocações apresentadas até aqui sugestionam sobremaneira tanto a localização da ruptura social dentro do território russo quanto sedimentam a "idéia de que a formação territorial condiciona a formação territorial da revolução. Como forma de reforçar isso, lembremos que o mapa Império Russo: Quadro Populacional por Regiões - apresentado linhas atrás - nos deu a localização dos contingentes populacionais - genericamente os agentes que tecem a revolução no território. Em seqüência a esse lembrete acrescemos mais outro: o mapa Império Russo: Territorialidade Estatal Czarista deu as coordenadas locacionais das nacionalidades subjugadas pelo poderio russo - um importante elemento de territorialização da revolução que por sinal estava localizado na periferia do império. A representação que estamos analisando, (Império Russo: Quadro Econômico), por sua vez, precisa melhor aquele quadro das representações anteriores ao nos dar, ou melhor, nos sugestionar por meio da variável econômica tanto o "caráter" desses agentes quanto sua localização mais precisa dentro do território usado da formação territorial russa. Neste sentido, a localização tanto das regiões industriais quanto das regiões camponesas assim como também das regiões fronteiriças com suas problemáticas nacionais - nos

deram respectivamente a locação dos grandes atores coletivos que tramaram a revolução no território, operários e camponeses e nacionalidades subjugadas. Isso, por sua vez, lembra-nos um asseveramento de Hannah Arendt (1988) já manifesto linhas atrás, mas que neste momento torna-se fundamental retomá-lo dado a sua pertinência: "Toda revolução é perpassada por questões sociais". Ancorado nessa afirmativa da filósofa alemã e com base em todo o exposto até aqui podemos sintetizar que a Rússia era perpassada por três importantes questões sociais: a questão da terra, das nacionalidades e a operária. Três questões sociais, cujos centros de gravidades estavam localizados no território usado da formação territorial russa e que os bolcheviques enquanto postulantes ao poder na arena política de 1917 souberam mobilizar para construir uma hegemonia para os contornos do outrora império czarista..

Até agora, em termos de localização da ruptura social russa no território, nos centramos em nossa análise em macrorregiões, regiões, áreas, etc. É preciso neste momento descer em a um nível de análise que leve em consideração outros entes geográficos que tenham um *status* ontológico menor, mas não menos importante tais como os centros urbanos e seus elementos conectores, as redes de transporte e comunicação, posto que os mesmos fazem tanto parte do território quanto de sua configuração territorial. Neste sentido, fazendo sempre uso da cartografia como elemento de análise, vamos trazer para o quadro de nossa exposição mais uma representação cartográfica que dê conta de retratar os referidos entes geográficos de caráter "menor". Porém, antes dessa análise, façamos uma breve consideração do fenômeno urbano no quadro russo. Conforme vimos anteriormente, a civilização Grecoromana foi um "universo centralizado em cidades" e a *formação territorial* russa erigiuse fora das heranças e rugosidade deixada por essa importante civilização. Como conseqüência disso, o fenômeno urbano em solo russo ocupou sempre uma posição marginal em relação ao conjunto da formação social. Sobre isso Trotsky diz:

"A cidade russa igual que as cidades que caracterizaram o despotismo asiático "e diferentemente das cidades artesanais e comerciais da Idade Média, realizava, pois uma atividade puramente de consumo. Na mesma época em que a moderna cidade ocidental defendia com mais ou menos êxito a política de impedir que os artesões se estabelecessem nos povoados, a cidade russa desconhecia, no entanto por completo este fenômeno 137" (Trotsky,2005,10)

137

Após traçar essa diferenciação de ordem sociológica entre as cidades russas e as do ocidente o mesmo autor complementa:

"A maioria de nossas velhas cidades mal desempenhavam um destacado papel econômico; eram pontos administrativo-militares ou fortalezas, sua população estava em serviço militar e desse modo eram mantidas pelo fisco. A cidade era geralmente um centro administrativo, militar e arrecadador de impostos¹³⁸" (ibid,p.29).

Boris Nolde, na mesma linha do revolucionário ucraniano, marca que as cidades:

"Enquanto centros administrativos e militares, elas não puderam jogar um papel independente no sistema político (...). Elas apenas jogaram o título de centros econômicos, comerciais e industriais. Como tais as cidades foram pouco desenvolvidas e não formaram entidades geograficamente distintas do campo com uma população permanente..." (1935,p.14) ¹³⁹.

Esse quadro do urbano em solo russo somente começa a sofrer substanciais transformações com o movimento de reformas modernizantes a partir da segunda metade do século XIX. No entanto, sem se chegar a uma reversão do quadro, conforme veremos à frente. O capitalismo no seio das formações sociais em que ele penetra produz necessariamente grandes transformações e essas não deixam de atingir a dimensão urbana da sociedade. Coerente com essa dinâmica o capitalismo russo não

despotismo asiático y a diferencia de las ciudades artesenales y comerciales de la Edad Media, realizaba pues una atividad puramente de consumo. Por la misma época en que la moderna ciudad occidental defendia con más o menos êxito la política de impedir que los artesanos se estableciesen en los pueblos, la ciudad rusa desconocía tondavía por completo este fenômeno"

149

O original seria: "La mayoría de nuestras viejas ciudadades apenas desepeñaba um destacado papel econômico; eran puntos administrativos-militares o fortalezas, su población estaba al servicio militar y asimismo, era mantenida por el fisco. La ciudad era generalmente un centro administrativo, militar e recaudador de impuestos".

O original seria: "En tant que centres administratifs et militaires, elles ne peuvent jouer um rôle indépendant dans le sytème politique (...). Elles ne pourraient y prétendre qu'à titre de centres économiques, commerciaux et industriels. Comme tels les villes sont peu développées et ne forment pas ancore d'entités géographiquement distinctes de la campagne, evec une population permanente..." (1935,p.14).

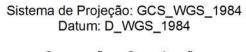
fugiu a esse imperativo. A pujante industrialização pela qual passou o império impulsionou uma significativa migração do campo para a cidade. Em consequência disso o contingente urbano que em meados do século XIX era de 3, 5 milhões, 7,8% da população total; em 1897, o contingente sobe para 17,3 milhões, 13% da população absoluta (Trotsky,2006,p.47). Neste contexto de forte industrialização e urbanização, a Rússia em um período de aproximadamente 40 anos (1863-1897) tem seu número de cidade com mais de 50 mil habitantes elevado de 13 para 40 (Portal, 1962).

Para J. B. Harley (2005,p.61): "Ubicar acciones humanas en el espacio sigue siendo el mayor logro intelectual de los mapas como forma de conocimiento". Depois da afirmativa do autor de *La Nueva Naturaleza de los Mapas*, já podemos trazer para o nosso quadro analítico a última representação cartográfica. Portanto, passemos a analisar o mapa Império Russo: Quadro Urbano e Circulacional, localizado na página 152. Primeiramente, vejamos que o grosso da rede urbana encontra-se ou assenta-se, sobretudo naquela macrorregião que denominamos território usado (parte substancial da Rússia européia). Neste contexto de predominância somente alguns centros urbanos se encontram na Sibéria (a porção significativa do fundo territorial). No referente aos maiores centros urbanos da rede de cidades percebemos que se sobressaem São Petersburgo e Moscou – duas centralidades criadas pelo processo social ao longo da história da *formação territorial* em questão e que em 1914 contavam respectivamente com uma população de 2.118.500, 1.762.700 (Portal,1968). Desta forma, se o mapa Império Russo: Quadro Econômico e sua análise nos permitiram localizar de forma genérica a revolução dentro do território russo, a última representação cartográfica exposta desce essa localização ao nível das nodosidades urbanas já que "os sovietes eram estruturas predominantemente urbanas" (Trotsky 1967).

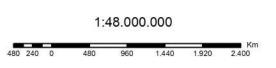
No relativo ao quadro viário, mais especificamente a rede ferroviária, observamos que os pontos de convergência da referida rede dirigem-se para São Petersburgo e Moscou o que, por sua vez, demonstra ainda mais a já ressaltada centralidade das duas capitais imperiais. Neste sentido, vamos lembrar ainda que na primeira seção desse capítulo, comentamos que os rios foram uma importante via de ocupação do território russo. Neste contexto de relevância, observemos - no mapa que estamos analisando – a importante articulação hidroviária com a rede de ferroviárias. Enquanto esta corre substancialmente no sentido longitudinal, os rios escoam na direção latitudinal. No quadro dessa articulação, aditemos que todos os principais centros urbanos da Rússia

Império Russo: Quadro Urbano e Circulacional





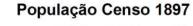
Concepção e Organização: Oliveira, Erivaldo; 2011.



Legenda Rios Capitais Imperiais

- Ferrovias Capitais Provinciais

Demais Centros Urbanos Importantes



30000 - 37470

256198 - 626072 626073 - 1234648

37471 - 95124

Território Império Russo

95125 - 256197

são perpassados por uma dessas vias de circulação (linha férrea ou rio). Discorrer sobre ferrovias nos coloca necessariamente na obrigação de fazer um sucinto comentário sobre o pessoal que trabalhava nesse sistema de transporte. Sobre esse contingente de trabalhadores é necessário dizer que eles foram um dos agentes responsáveis pela territorialização da revolução no outrora espaço de soberania czarista, dado seu nível de articulação no território.

Essa ligação entre revolução e quadro circulacional nos lembra Roger Pethybridge (1967,p.114) que em seu artigo *The Significance of the Communications in 1917* assevera: "A Revolução Russa de 1917 é de interesse porque ela é a primeira grande sublevação dos tempos modernos que se beneficiou da maioria dos principais meios de comunicação contemporânea¹⁴⁰". O mesmo autor em outro ponto de seu artigo marca: "A velocidade na qual a revolução de 1917 prosseguiu foi fenomenal 141" (ibid,p.109,112). Diante do exposto, podemos assegurar: se a ruptura social russa ganhou a escala geográfica do território do império russo o mecanismo desse rápido espraimento passa necessariamente pelos meios de comunicação e transporte. Isso nos lembra Camille Valaux (1914) em sua famosa obra *El Suelo y El Estado* quando este autor defende que a circulação potencializa a presença do Estado em seu território de jurisdição formal. De nossa parte, contrapomos a afirmativa do geógrafo francês com o seguinte enunciado: a circulação potencializa a revolução no território. Esta proposição necessariamente nos faz lembrar da afirmativa de Raffestin (1993,p.204) que diz: "A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornado território: tanto libera como aprisiona". Ilustrativo disso é o atrelamento entre sovietes e ferrovias que conseguimos corroborar tanto na revolução de 1905 quanto na de 1917 por meio de nosso discurso cartográfico (rever mapas: na Revolução de 1905: Territorialidade Sovietes e a Revolução de Fevereiro de 1917: Territorialidade Sovietes). Diante do exposto, podemos seguramente dizer que a configuração da revolução russa no território passou pela configuração da rede de transporte¹⁴².

Neste ponto, não temos como passar adiante sem antes traçar ligeiros comentários comparativos entre a formação territorial russa e as formações latino-americanas, mais

O original seria: "The Russian Revolution of 1917 is of interest because it is the first great upheaval of modern times which benefited from most of the means of contemporary communications".

O original seria: "The speed at which the 1917 revolution progressed was phenomenal".

Nossa pretensão inicial era fazer um mapeamento dos meios de comunicação e transporte do império russo, infelizmente somente conseguimos chegar a cartografação das vias de transporte, ferrovias e rios.

especificamente com a brasileira. Caio Prado Júnior em seu *Formação do Brasil Contemporâneo* assevera que o Brasil se formou a partir de uma dinâmica imprimida do exterior ditada pelo capitalismo comercial. Neste sentido ele pontua:

"Se vamos à essência de nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras" (2004,p.30)

Esse "sentido" da evolução brasileira ressaltado pelo historiador paulista não deixa de ter rebatimento no território. Sintomático disso é que o quadro ferroviário brasileiro ainda hoje não se consubstancia como uma rede ferroviária que corte o território nacional. Nossas linhas férreas, no geral, partem do local de produção dos gêneros exportáveis para os portos mais próximos. A formação social russa, apesar de todo peso da dinâmica exterior em sua evolução – conforme vimos no decorrer deste trabalho e mais especificamente no curso dessa seção – não deixa de apresentar um quadro ferroviário distinto – ao que peso o fato de que muitas ferrovias russas terem sido construídas com capital estrangeiro. Esse quadro de distinção nos é dado justamente pelo nível de articulação ferroviária do território, evidenciado pelo mapa em análise.

Mas vamos deixar esses elementos de comparação de lado e voltemos ao nosso objetivo. Neste retorno, vamos trazer uma colocação de Paul Claval que diz que o campo disciplinar geográfico"...distingue-se das outras disciplinas científicas pelo acento que coloca sobre a localização dos dados" (2011,p.72). Toda nossa produção cartográfica apresentada até aqui deu grande ênfase – mas não somente - ao aspecto locacional. Neste sentido, procuramos no decorrer de nosso discurso cartográfico dar a localização das coisas, pessoas, enfim elementos do território e sua relação com o fenômeno da revolução, já que nosso quadro de entendimento concebe este fenômeno como *uma ação social coletiva e radicalizada que se tece no território contra a ordem estabelecida*. Desta forma, após dar as coordenadas de localização do contingente demográfico, das regiões de cunhos industrial e agrícolas assim como também dos grandes atores coletivos que teceram a ruptura social no outrora espaço de soberania

czarista: proletários, camponeses e nacionalidades oprimidas, cabe agora colocar uma indagação? Onde estava o partido bolchevique dentro da arena territorial russa de 1917? Esse ator coletivo de ordem menor, mas não menos importante dentro do processo revolucionário russo. Esse importante ator coletivo que não fez a revolução, mas imprimiu uma direção ao processo, conforme vimos linhas atrás.

Bem, a grade precisa de localização do efetivo partidário bolchevique não chegamos a obter dada a dificuldade de acesso a fontes. No entanto, conseguimos sugestionar essa rede de localização partidária a partir da localização do fenômeno sovietes no território russo e o rebatimento da denominada Revolução de Outubro – que em nossa perspectiva é o reinício do processo de afirmação do Estado na outrora área de soberania czarista - dentro da rede de conselhos. Neste sentido, uma volta de cunho analítico a representação cartográfica mapa A Revolução de Outubro na Rede de Sovietes, nos mostrará a dinâmica de adesão à palavra de ordem bolchevique "Todo Poder aos Sovietes". O que por sua vez nos sugestionará a localização dos bolcheviques tanto dentro da rede de sovietes quanto dentro do território ou mais precisamente dentro do território usado da formação territorial russa. Essa analítica nos permite inferir que os comunistas eram do ponto de vista geográfico um fenômeno substancialmente do centro do território, mais precisamente ligada ao mundo urbano base significativa dos sovietes.

Neste ponto, se trouxermos para o quadro de nossa exposição algumas cifras, ela nos ajudará a situar melhor o partido dentro território. Segundo Anweiller (1974) o efetivo da agremiação política em questão em abril de 1917 era de aproximadamente 80.000 e em agosto de 1917 esse contingente já somava um total aproximado de 240.000. Número ao qual Lênin alude em seu artigo *Poderão os Bolcheviques Manter o Poder?* E número com o qual também o líder comunista defende ser possível governar a Rússia. De acordo com Willian H. Chamberlin (1967) esses 80.000 militantes de abril de 1917 estavam distribuídos em 78 organizações locais e os 250.000 de agosto do mesmo ano, por sua vez, divididos em 162 organizações ou comitês partidários locais. Mas o interessante dos dados apresentados por Chamberlin é que do último efetivo total citado, 41.000 encontravam-se em Petrogrado; 50.000 em Moscou e 25.000 na região mineira dos Urais (1967,p.244), ou seja, 35% do efetivo partidário em agosto de 1917 encontravam situados nas duas principais cidades do território russo.

Essa concentração demonstra duas importantes coisas ou questões sobre as quais é necessário colocar alguns comentários. Primeiramente, que as centralidades territoriais criadas pelo processo social ao longo história não foram quebradas pela ruptura social russa. Sintomático disso é que a centralidade urbana, populacional, industrial e ferroviária de Petrogrado e Moscou não continuaram intactas (sobre isso rever nossa produção cartográfica apresentada). Isso, por sua vez, nos lembra uma frase de Milton Santos (2004,p.182): já expressa em algum momento desse trabalho, mas que é totalmente pertinente retomar. Esse enunciado do geógrafo brasileiro assevera que "As determinações sociais não podem ignorar as condições espaciais concretas preexistentes", já que "...o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes..." (ibid,173). A afirmativa de Santos nos faz lembrar uma passagem de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1956,p.60) em que Marx pontua: "Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado". A substancial concentração do efetivo partidário bolchevique nos principais centros urbanos do império nos faz ainda lembrar outra colocação de Milton Santos que diz: "... território condiciona a localização dos atores, pois as ações que sobre ele se operam dependem de sua própria constituição" (2008,p.22). De nossa parte, após essas asseverações podemos sintetizar: a sociedade faz sua história, mas em um contexto geográfico permeado de rugosidades que se impõe ao processo social. Mesmo àqueles processos sociais de cunho transformador mais profundo como as revoluções.

Esse foi o primeiro de nossos comentários que nos propomos a fazer. Ele tratou conforme ficou patente no decorrer de nossa argumentação - da geografia enquanto materialidade e quadro de permanência. Vamos então ao segundo ponto, que por sua vez, referi-se-à geografia enquanto ação. Nesta perspectiva, vamos marcar que a concentração dos comunistas nos dois principais centros urbanos do império em 1917 e a confirmação de sua supremacia nas disputas colocadas no processo revolucionário russo nos demonstra a eficiente estratégia bolchevique em criar uma hegemonia na arena territorial russa. Para sedimentar melhor o que recém afirmamos vamos sintetizar as coisas da seguinte maneira: os bolcheviques colocados e m alguns pontos do território foram exímios em construir uma hegemonia para além de sua localização mais imediata. Sintomático disso é que eles conseguiram estender ou reafirmar – como vimos linhas atrás – a soberania do "novo" Estado para parte substancial dos contornos geográficos do império czarista (rever mapa A Territorialidade do Estado Soviético).

O mecanismo dessa operação passa pelo controle da rede de sovietes e pelo angariamento para além da rede de conselhos do apoio popular - através da variável política - dos contingentes demográficos que eram tocados pelas três questões sociais de ordem estrutural que perpassavam o *território usado* da *formação territorial russa*: a questão da terra, a questão operária e a questão das nacionalidades.

Chegamos ao fim desta seção que discorreu sobre as particularidades do desenvolvimento russo. Vamos ao próximo e último tópico do presente capítulo que diferentemente da tônica imprimida até aqui - analisar a Rússia a partir do ponto de vista interno – buscará enquadrar o país em questão desde um quadro maior: o internacional. Vamos então à nossa última seção.

2.4. O Império Czarista no Cenário Geopolítico Internacional: a Grande Guerra Mundial.

O império russo apesar de sua grandeza não foi uma totalidade em si mesmo. Como qualquer outra unidade política ele fez parte de um quadro maior: o cenário internacional. E dentro deste tornou-se um elemento importante da geopolítica. Sem o entendimento dessa inserção russa no referido cenário e sua participação na guerra de 1914, a compreensão da revolução torna-se deficiente, já que a ruptura social russa está totalmente inserida dentro da desestabilização política mundial produzida pela Grande Guerra. Portanto, nesta pequena seção, vamos traçar, em linhas bem gerais, o papel daquele país naquele quadro maior e sua participação na Primeira Guerra Mundial.

A Móscovia durante grande parte de seu período de existência esteve às margens de contatos estreitos com a Europa. Malgrado as rápidas relações comerciais de Moscou praticada com ingleses e holandeses via báltico pelo porto de Narva. Neste sentido, o que primou por longo tempo foi o isolamento. Somente com Pedro, o Grande e sua política de aproximação com o ocidente – que tem como símbolo maior a construção de São Petersburgo em 1702 - a Rússia passa a ter mais aproximação com a Europa e a se sedimentar enquanto potência na parte leste do continente euroasiático. Sintomático, dessa ascensão é seu expansionismo para ocidente – como pontuamos em algumas seções anteriores desse trabalho – consubstanciado na absorvição da vizinha Polônia e subjugamento do poderio sueco no Báltico.

Apesar de seu vigoroso expansionismo é somente com as guerras napoleônicas que o país dos czares ascende a uma posição de grande potência nos jogo das relações internacionais ao se colocar como um dos principais atores na derrota do império napoleônico. Neste contexto de ascensão, a Rússia após ter seu território invadido pelo exército francês - cujo efetivo era de 550.000 mil homens em 1812 – repele tal invasão numa resistência que combina aproveitamento da imensidão do espaço russo, adversidade climática e guerra de guerrilha. Na esteira dessa imposição de derrota aos franceses, o poderio czarista por meio de suas tropas, ocupa París em 1814. Essa entrada do exército russo na capital francesa "...foi, com certeza, um símbolo da ascensão russa ao **status** de potência mundial..." (Bertonha,2010,p.31).

Fato significativo da ascensão russa é a realização do Congresso de Viena em 1815 que buscou reorganizar as fronteiras européias e reassentar no plano internacional

as relações do antigo regime através de um instrumento de ação denominado Santa Aliança (coalização de exércitos imperiais) que tinha como fito intervir em qualquer movimento que ameaçasse a antiga ordem. O Império russo, como não poderia deixar de ser, tomou assento nessa reunião e naquela coalizão como um dos partícipes mais poderosos e baluarte da reação ou partidário da antiga ordem. Sintomático desse partidarismo do ancien-régime é a intervenção russa na revolução liberal húngara de 1848. Desta forma, garantido tanto por suas vitórias militares quanto por sua extensão territorial e seu peso demográfico, o país dos czares atravessa todo o século XIX e início do XX como uma das unidades geopolíticas chaves do cenário internacional. Um elemento importante a ser levado em conta por qualquer potência no jogo de poder mundial.

Para entendermos melhor o peso do país em questão no cenário internacional e situarmos sua posição no jogo de poder internacional façamos uma rápida digressão sobre os reflexos diretos do Congresso de Viena sobre a política de paz na Europa e a evolução desse quadro para uma conjuntura de tensão permanente. Neste sentido, podemos iniciar dizendo que o referido congresso assentou no mundo europeu um longo período de paz, posto que os conflito de grandes proporções foram varridos do continente. As guerras das grandes potências, portanto passaram a serem travadas no mundo extra-europeu. As palavras do historiador inglês Eric Hobsbawm (1988, p.418) são sintomático sobre isso:

"Desde 1819 não houvera nenhuma guerra envolvendo as potências européias. Desde 1871, nenhuma nação européia ordenara a seus homens em armas que atirassem nos de qualquer outra nação similar. As grandes potências escolhiam suas vítimas no mundo fraco e não europeu" (1988, p.418).

De modo similar, o historiador militar inglês John Keegan (1995,p.368) reforça nossas palavras e a do seu conterrâneo:

"Embora a Europa continental tenha estado raramente em guerra entre 1815 e 1914 — apesar dos conflitos internacionais de 1848-71 e de uma lufada de guerras civis, o período ainda suporta a descrição de 'grande paz' — os exércitos e marinhas europeus estiveram constantemente em ação na Índia, na África, na Ásia central e no

Mas esse cenário de paz pintado acima pelos historiadores ingleses iria ser perdido pela eclosão daquele conflito que futuramente viria a ser denominado Primeira Guerra Mundial. Um evento bélico sem precedente na história que merece a denominação dada em razão do fato de ter se configurado como uma guerra que "...foi travada em todos os oceanos do mundos e envolveu, em últimas análises, beligerantes de todos os continentes" (Howard,2010,p.21). Para entendermos essa eclosão temos que relembrar as rivalidades interinperialista que "acirrou ambições conflitantes e receios mútuos das potências européias" (Howard,2010,p21). Tais ambições e receios deram ao sistema internacional uma grande potencialidade belicosa, posto que as potências de então passaram a criar sistemas ou blocos de alianças e contra-alianças como mecanismo de defesa. Esses sistemas se consubstanciam mais concretamente no surgimento da Tríplice Aliança (1871) e da Tríplice Entente (1907) que abrigavam respectivamente os seguintes países: Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro; França, Inglaterra, Império czarista. No âmbito dos objetivos de cada bloco e contrabloco militares cada um dos países membros comprometia-se a defender seu aliado em caso de ataque de um inimigo do bloco opositor. Em outros termos, um ataque a um seria considerado como um ataque a todos os aliados do país agredido.

A História desses mecanismos de defesa ou ataque remonta mais exatamente a segunda metade do século XIX quando da emergência no cenário internacional da Alemanha, em 1970, e da Itália, em 1871. Esses dois países, unificados tardiamente em relação ao contexto europeu, chegaram atrasados à partilha colonial do globo. No entanto, tal atraso não impediu a ambos de contestarem o *status quo* territorial vigente. Sintomático disso é a realização do congresso de Berlim, em 1878, que tinha como objetivo acordar entre as potências de então a divisão, ou melhor, redivisão territorial à escala internacional. Indicativo ainda dessa atitude contestatória é criação de uma poderosa marinha de guerra alemã para fazer frente ao poderio naval britânico. É que o governo germânico não se contentava que o poderio econômico de seu país não se traduzisse em poderio político-territorial à escala mundial. (Hobsbawm,1992)

Neste contexto de disputas, as linhas de interesses das potências definiram aliados e inimigos. O império russo, por exemplo, apesar de suas históricas rusgas com a Inglaterra adentrou a Tríplice Entente. As históricas contendas entre ambos sobre o

domínio dos Bálcãs, mediterrâneo (a denominada questão do oriente), Ásia Central e Ocidental - outrora tão constante - foram deixadas de lado. A França em razão de sua fragorosa derrota na guerra de 1870 aproximou-se da Grã-Bretanha e concomitantemente da Rússia para fazer frente ao poderio alemão. O império dos Habsburgos, temendo o poderio e expansionismo czarista, aliou-se ao império germânico. Este por sua vez, para fugir do isolamento franco-russo-inglês aliou-se aos turcos.

Nesse quadro de alianças e contra-alianças, a diplomacia conseguiu contornar algumas situações tensas que colocaram em perigo aquele longo período de paz inaugurado pelo Congresso de Viena, foram produzidas, no entanto contornadas pela diplomacia. (crise do Marrocos, Agadir, etc.). Entretanto, o décimo quarto ano do século XX foi diferente, pois o diálogo não conseguiu barrar o iniciou do mais sangrento conflito já ocorrido até então na história. As rivalidades inter-imperialistas fugiram ao controle da diplomacia logo após o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e de sua esposa na capital da Sérvia. Em seguida a este episódio, o sistema de alianças e contra alianças entrou em funcionamento. Assim, em consequência do início da guerra no decorrer do segundo semestre de 1914 se formaram duas linhas de combates que mobilizaram contingentes militares gigantescos: a frente ocidental e a frente oriental. Espremidos entre estas duas linhas encontravam-se os Impérios centrais (Alemão e Austro – Húngaro). A oeste destes, os franceses e ingleses e a leste os russos.

Todos os Estados maiores das potencias envolvidas, assim como parte significativa dos contingentes de soldados convocados partiram para os campos de batalhas, em agosto de 1914, com a opinião que no natal estariam de volta para comemorar a vitória em seus lares. Era crença geral que a guerra seria de curta duração e, portanto não consumiria demasiados recursos (Isnenghi,1995). No entanto, tal juízo provou-se totalmente errôneo, pois rapidamente o conflito evoluiu para uma situação de equilíbrio de forças que se prolongou por quatro longos anos. Em decorrência disso, passou se de uma guerra de movimento para uma guerra de posições que desgastou todos os envolvidos. Esse impasse, em grande parte, é resultado do desenvolvimento tecnológico verificado nos anos anteriores ao conflito: como a invenção da metralhadora, da artilharia pesada e de outros artefatos bélicos. Essas inovações impuseram a imobilidade dos contingentes militares na linha de frente, posto que "a infantaria mal podia se mexer e qualquer movimento tinha um custo humano catastrófico" (Keegan,1995,p.321). As palavras do historiador inglês Orlando Figes

(1999,p.334) dimensionam melhor as dificuldades de movimentação nas frentes de batalhas: "Bastava um soldado sozinho, operando uma metralhadora da trincheira, para fazer repelir uma centena de homens da infantaria".

Para Gramsci (1970,p.72), uma "guerra de posição não é determinada apenas pela luta na trincheira, mas por todo um dispositivo organizativo que suporta o exército combatente". Como os demais beligerantes, o Império russo entrou no conflito em 1914, partilhando o mesmo senso comum: a campanha militar seria de curta duração (Ferro,1974). No entanto, "A Primeira Guerra foi um teste titânico para os Estados da Europa e, nele, o czarismo fracassou de modo único e catastrófico" (Figes,1999,p.331). A Rússia, apesar de todo desenvolvimento pelo qual tinha passado nos anos anteriores, não tinha retaguarda tecnológica para suportar um desgastante impasse bélico. Neste contexto, a ajuda que os aliados poderiam oferecer em muito era dificultada pelo bloqueio que as potências centrais impuseram ao inimigo czarista.

"A marinha alemã dominou o Báltico e a hostilidade turca tornou o Dardanelos intransponível. Somente através dos portos de Murmansk e Archangel, no extremo norte do país, e de Vladivostok, no Extremo Oriente os suprimentos aliados podiam alcançar a Rússia, Mas todas essas áreas tinham um contato muito inadequado com o interior do país" (Kochan, 1968, p. 188).

Tais embaraços não tardariam a refrear os êxitos iniciais do exército imperial russo. Neste sentido, os avanços que a máquina militar russa operou no início da guerra ao longo do extenso front oriental (do Báltico ao mar Negro) foram anuladas pelas contra-ofensivas de seus inimigos. Sintomático disso, é que a penetração russa na Prússia Oriental foi rechaçada pela reação alemã na batalha de Tannenberg. Fato similar ocorreu logo depois com as conquistas do exército czarista sobre território Habsbusrgo. Aqui uma ação conjunta das potências centrais no inverno de 1914-1915 barrou o avanço russo em um contra-ataque na primavera e verão de 1915 (Wernet,1994).

Desta forma, desfeitos os êxitos iniciais, a partir de outono de 1914, a frente oriental, similarmente à ocidental, entrou em um compasso de espera que pôs fim a guerra de movimento e deu início à guerra de posição (Figes,1999,p.334). Mais uma vez, as palavras de Antônio Gramsci (1978,p.72) são emblemáticas sobre a situação em questão: "...não se pode escolher a forma de guerra que se quer, a menos que se tenha

uma superioridade esmagadora sobre o inimigo." Essa tão necessária superioridade - pontuada pelo pensador italiano - o império czarista não tinha sobre seus adversários bélicos. Nesse quadro militar desenhado, ao que pese as "... ocasionais contra-ofensivas russas", cedo ficou patente a todos os beligerantes "que as Potências Centrais tinham o domínio e que a Rússia travava uma ação defensiva na retaguarda contra o avanço alemão" (Hobsbawm,1995,p.35).

Diante desse cenário de fraqueza perceptível das forças czarista e de um terrível impasse na frente oeste, a máquina de guerra das potências centrais lança, em meados de 1915, um conjunto de poderosas ofen sivas sobre o leste, que infringem cruentas derrotas aos seu inimigo eslavo e o obriga a realizar consideráveis recuos: em setembro de 1915, a linha de combate já estava próxima à fronteira russa. No final deste ano e no decorrer do seguinte o front já ultrapassaria esse limite. Assim, territórios antes conquistados tiveram que ser abandonados em decorrência de uma forçada retirada geral sob pressão da movimentação dos exércitos Habsburgos e Hohenzollern. Nesse contexto evacuação, cidades importantes como Varsóvia, Kovno, Vilna, Grodno, Lublin, Galich, outrora pertencentes ao Império de Nicolau II, caíram em mãos germânicas e austríacas (Figes,1999). Como consequência direta disso, as potências centrais encravaram o front oriental em parte significativa da porção oeste do território czarista e iniciam uma ocupação que somente iria ter fim com o término da guerra, em novembro de 1918.

Esse profundo recuo significou não somente a perda de importantes faixas territoriais, núcleos urbanos e posições estratégicas, mas também terríveis danos para o exército russo, posto que nesses reveses as perdas tanto materiais (armas e munições abandonadas) quanto humanas foram extremamente consideráveis. Calcula-se que um milhão homens se renderam às forças inimigas e outros centenas de milhares pereceram nessa retirada (Figes,1999). Todos esses infortúnios, somados às privações crescentes sofridas pela massa de soldados comprometeram profundamente a capacidade operativa do exército já que "O moral e a disciplina das tropas começaram a se esfrangalhar à medida que as condições de vida no *front* pioravam e o alcance do massacre tornava-se mais extenso e profundo" (Figes,1999,p.342).

Nessa altura da exposição algumas indagações se colocam: qual as conseqüências da guerra e do front sobre a formação social russa e seu território? Qual é o imbricamento da guerra com a revolução? No referente a primeira questão podemos

dizer que o front -essa linha de combate de mil quilômetros de extensão, esse objeto geográfico¹⁴³ - produto de uma conjuntura bélica - cravado em território russo representou uma alteração da "normalidade" na vida do império e, nesse sentido, impactou profundamente as entranhas da sociedade russa ou todas as esferas da sua vida social. Primeiramente, no aspecto demográfico, 10 milhões de pessoas estavam mobilizadas ao longo da extensa linha de combate (Lewin,2007); no político, a credibilidade do regime existente foi corroída no decorrer do conflito, dado os reveses militares atribuídos não sem razão à retaguarda: ao governo, às instituições e ao regime (Ferro, 1974). Na esfera econômica, as necessidades do front impuseram à economia russa um tremendo esforço de guerra, com o crescimento desmesurado da indústria bélica em detrimento da produção do tempo de paz (Trotsky,1967). Um dos efeitos imediatos desse estiolamento foi provocar uma disjunção das trocas entre campo e cidade, posto que aqueles manufaturados urbanos que outrora eram ofertados aos próprios núcleos urbanos e ao campo rarearam e o camponês diante do quadro de inflação e escassez de bens de consumo industrializados, relutou em colocar no mercado a sua produção agrícola (Figes,1999). Está aí parte da explicação da crise dos abastecimentos das cidades que perpassou a Rússia durante o conflito inter imperialista, a revolução e a guerra civil e que teve termo somente em 1921 com a consolidação do poder soviético e a implantação da Nova Política Econômica (NEP). Em termos de dinâmica territorial, a guerra e, portanto o front atraiu para si ou alterou o centro de gravidade dos fluxos outrora direcionados para os importantes centros industriais como Moscou, São Petersburgo, etc. Antes do conflito o grosso dos fluxos ferroviários se davam no sentido sul-norte, da rica região cerealífera para a populosa e industrial região setentrional. Porém, com a guerra esses fluxos se invertem para a direção leste-oeste. Assim, Rússia urbana viu-se preterida em vista das necessidades prementes do transporte de homens e víveres para a frente de batalha. Neste contexto, os alimentos produzidos naquela rica região meridional não podiam ser distribuídos à parte setentrional em decorrência do colapso crônico do sistema de transporte que não conseguia atender simultaneamente tanto as demandas do norte quanto as do oeste (Figes, 1999, p.385).

Na parte precedente dessa dissertação vimos que a formação territorial czarista era perpassada por questões sociais de natureza estruturais: questão das nacionalidades,

-

Milton Santos define como objeto geográfico, uma cidade, uma montanha, uma planície. Para uma melhor discussão sobre essa temática ver: A Natureza do Espaço (2002).

na fronteira; a questão da terra, no campo; a questão do trabalho, nas cidades. O problema da guerra com todos os infortúnios mencionados acima veio se somar àquelas e tornou-se elemento componente do processo revolucionário. Um problema de natureza conjuntural que se mesclou aos problemas de natureza estrutural. Esse asseveramento já sinaliza considerações sobre à questão relativa ao imbricamento da guerra com a revolução. E a partir desses pontuamentos fica mais facil entender a política de paz dos bolcheviques. Estes compreenderam perfeitamente que a resolução do problema bélico - dada a impopularidade da guerra - era uma questão tão importante quanto as outras três mencionadas anteriormente. Solucioná-la era uma forma de garantir hegemonia comunista no território russo mesmo que para isso fosse necessário perder parte do mesmo. O Tratato de Brest foi justamente isso: cessão para as potências centrais de parte do território outrora czarista no intuito de salvaguardar o restante.

Considerações Finais

Chegamos enfim à seção final de nosso trabalho. Vamos então retomar algumas colocações lançadas nas partes precedentes da dissertação. Partimos do entendimento de que a ciência geográfica é uma ciência social. Esse quadro de consideração, por sua vez, deu ensejo para conceber a geografia tanto como materialidade quanto como discurso e a ação. A partir daí procuramos enquadrar a revolução russa pela ótica do campo disciplinar geográfico vendo-a como *uma ação social coletiva e radicalizada que se tece no território contra a ordem estabelecida* e neste contexto enquadrada dentro da *formação territorial russa*. Desde esse enquadramento de âmbito espacial, macrorregionalizamos a área de soberania czarista em *território usado* e *fundo territorial* e delineamos que aquela ação social coletiva e radicalizada se deu, sobretudo dentro do primeiro. Com o fito de localizar, ou melhor, sugestionar, as grandes forças sociais que teceram a revolução, recompusemos com o apoio da cartografia as dimensões econômicas, urbanas e infra-estruturais de circulação do *território usado*.

Ademais, procurando ver também a revolução como um jogo de rupturas e continuidades, mostramos como a *formação territorial da revolução* está substancialmente amarrada à configuração territorial do império (a geografia enquanto materialidade). Sintomático disso, é que a rede soviética (o foco central de nosso trabalho) sobrepõe-se substancialmente a rede urbana e a rede ferroviária com as principais nodosidades das mesmas coincidindo com as principais nodosidades da rede de conselhos (rever nossa produção cartográfica). Neste quadro traçado, focando diretamente sobre os agentes da ruptura social, mais especificamente sobre os bolcheviques, (a geografia enquanto ação e discurso) conseguimos delinear o território do império czarista dentro da estratégia de poder - dessa ala da socialdemocracia - para a revolução russa como um elemento de continuidade da ruptura social.

Em uma perspectiva mais ampla, consideramos o processo revolucionário russo como um movimento de debilitamento da figura estatal, seguida da reafirmação da mesma na outrora área de soberania czarista. Esse quadro de consideração deu ensejo para conceber, de um lado, a **Revolução de Fevereiro** como marco do enfraquecimento do ator estatal; de outro lado, a **Revolução de Outubro**, como o marco do reinício do processo de reafirmação da figura estatal na formação territorial russa. Nesta linha, a rede de conselhos ou como alguns autores denominam a "espinha dorsal da revolução"

(Anweiller, 1972) foi uma realidade ou corporeidade portadora de novas territorialidades que se impôs – a partir da auto-organização operário-popular - no território russo na esteira do enfraquecimento da autoridade imperial czarista.

No campo das estratégias dos atores ou agentes da ruptura, o partido bolchevique, mais precisamente na figura de Lênin, enxergou na "espinha dorsal da revolução" encravada no território usado da formação territorial russa um dos eixos estratégicos de afirmação do Estado. Neste sentido, se o território da URSS praticamente se sobrepôs ao território do império, isso não se deu por nenhuma espécie de teologia, mas por estratégia política dos agentes da ruptura. Nesta perspectiva, a palavra de ordem "todo poder aos sovietes" de certa forma já contida implicitamente nas famosas Teses de Abril do autor de O Estado e a Revolução dentre outras coisas pode ser entendida como uma estratégia de penetração no território. Nessa mesma linha de produção de uma hegemonia na arena territorial, podem ser encarados também os decretos sobre a Paz, a Terra ou Reforma Agrária e sobre o Direito dos Povos da Rússia lançados logo após a derrubada do Governo Provisório em Petrogrado pelo então recém constituído Governo Soviético. Em outros termos, os comunistas viram na resolução imediata das questões sociais que perpassavam o território e cuja localização estava para muito além da rede de conselhos, os referentes geopolíticos de inserção ou espraimento da autoridade do Conselho de Comissariado do Povo (Sovnarkom), a autoridade máxima que eles queriam estabelecer na outrora área de sobe rania czarista.

No plano ainda da rede de conselhos mostramos que ela representou o engendramento de novas territorialidades inserida no contexto da conjuntura revolucionária. Desta forma a tomada do Palácio de Inverno em Petrogrado representou o início do **processo** de reafirmação do Estado no território. Cabe relembrar que no final desse processo se tem um Estado Soviético na outrora área de soberania czarista, no entanto sem territorialidade sovietes. Pelo menos não no sentido que elas tinham no decorrer do ano de 1917 já que os conselhos se tornaram simplesmente um apêndice ou estrutura administrativa do novo Estado.

Por fim e ao cabo queremos somente pontuar que nosso trabalho não teve o intuito de esgotar do ponto de vista de nosso campo disciplinar a temática sovietes da revolução russa. Nossa pretensão foi apenas de traçar em linhas bem gerais um quadro de pertinência do estudo dos conselhos, logo também da revolução russa e por tabela das rupturas sociais. Neste sentido, iniciamos este trabalho convencido que a Geografia "...também auxilia a visão da revolução" (Secco, 2004,p.206) e ao seu término saímos

mais convencidos ainda dessa potência explicativa da ciência geográfica mesmo com todas as lacunas, debilidades e fraquezas que perpassam a nossa dissertação. Persuadidos dessa pertinência finalizamos com uma indagação: se existe uma história das revoluções, uma sociologia dы revoluções, por que não uma geografia da revoluções?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, Cidade Portuária, Século XVIII. In: GEOUSP Nº 7, 2000.

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia. Geografia, Ciência da Sociedade: uma introdução da análise do Pensamento Geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANWEILER, Oskar. Les Sovietes en Russie (1905-1921). [s.l.]: Éditions Gallimard, 1974.

ARENDT, Hannah. Da Revolução. Brasília: Editora UNB,1988.

AUGUSTINE, Wilson R. Russian's Raiwaymen. Jully October 1917. In: Slavic Review, Vol. 24 n° 4 (Dec.,1965), PP. 666-679. Disponível em: HTTP/WWW.jstor.org/stable/2492897 [consulta:02/06/2011].

BLACK, Jeremy. Mapas e História: construindo imagens do passado. Bauru: EDUSC, 2005.

BADIE, Bertrand. O Fim dos Territórios: ensaios sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito. Lisboa: Instituto Piaget, [S.D].

BECKER, B. K. O Uso Político do Território: questões a partir de uma visão do Terceiro Mundo. In: BECKER, B. K.; HAESBAERT, R. C.; SILVEIRA; C. (Orgs). Abordagens políticas da espacialidade. Rio de Janeiro: URFJ, 1983.

BEAULIEU, Anatole Leroy. L'Empire des Tzars et les Russes. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990.

BIÉLI, Andrei. Petersburgo. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (V.3 O Tempo do Mundo).

______. Gramática das Civilizações. São Paulo: Marins Fontes, 1889. (Coleção o Homem e a História).

BERMAM, Masshall. Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: as aventuras da modernidade. São Paulo: Companhia das Letra, 1987.

BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). Estado, Ditadura do Proletariado e o Poder Soviético. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988. (Co leção Fundamentos).

BERTONHA, Fábio João. Rússia, Ascenção e Queda de um Império: uma história geopolítica e militar da Rússia, dos czares aos século XXI. Curitiba: Juruá, 2010.

BROUÉ, Pierre. El Partido Bolchevique. [S.d.]

BILLINGTON, James H. The Icon and The Axe: an interpretive History of Russian Culture. New York: Vintage Books, 1970.

BOBBIO. Norberto. Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da Política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BOLKHOVITINOV, Nikolai N. Rusia y América. (ca. 1523 -1867). Madrid: Editorial MAPFRE, 1992. (Colección Europa y América).

BONAVIDES, Paulo. Ciências e Política. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução em França. Brasília: Editora UNB, 1982. (Coleção Pensamento Político, 51).

CARMICHAEL, Joe. Histoire Illustrée de la Russie. Paris: Gallimard, 1960. (Collection D'oeil).

_____. História Resumida da Revolução Russa. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1967.

CARDIOT, Juliete. Le Laboratoire Imperial: Russie – URSS 1960-1940. Paris: CNRS

Éditions, 2007.

CARDOSO. Ciro Flamorion. Os Métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979. (Biblioteca de História; V. 5).

CARR, Eduard Hallet. La Revolución Bolchevique 1917-1923: I. la conquista y organización del poder. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

CARONE, Edgar. A II Internacional pelos seus Congressos (1889-1914). São Paulo: Edusp: Editora Anita,1993.

CASTRO, Iná Elias. Geografia e Política: território, escala de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____.Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de. Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHAADÁEV, Petr. Cartas filosóficas dirigidas a una dama. págs. 13-38 In:NOVIKOVA, Olga (Coord.). Rusia y Occidente. Tecnos: Madrid, 1997

CHAMBERLIN, William H. La Revolución Russa 1917-1921. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1967.

CHARLES, R. D. Pequena História da Rússia. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1964.

CHRIS, Philo. História, Geografia e o "Mistério ainda Maior" da Geografia Histórica. In: DEREK, Gregory; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (orgs.). Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

CLAVAL, Paul. Espacio y Poder. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1979.

______. Epistemologia da Geografia. Florianópoles, Ed. Da USFSC, 2011.

_____. Terra dos Homens: a geografia. São Paulo, Contexto, 2010.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica: Discurso sobre o Território e Poder. São Paulo: EDUS, 2008.

______. O Espaço como Categoria de Análise. In: GEOUSP Nº 3, 1983.

CORREIA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: Castro, Iná Elias de. Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1995.

DEMOCHKIN, Nikolai Nikolaievich. El Nacimiento de los Primeros Soviets 1905. In ______. 1905, León Trotsky y otros autores. Buenos Aires: Ediciones C.E.I.P (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky),2005.

DECOUFLÉ, André. Sociologia das Revoluções. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970 (Coleção saber Atual).

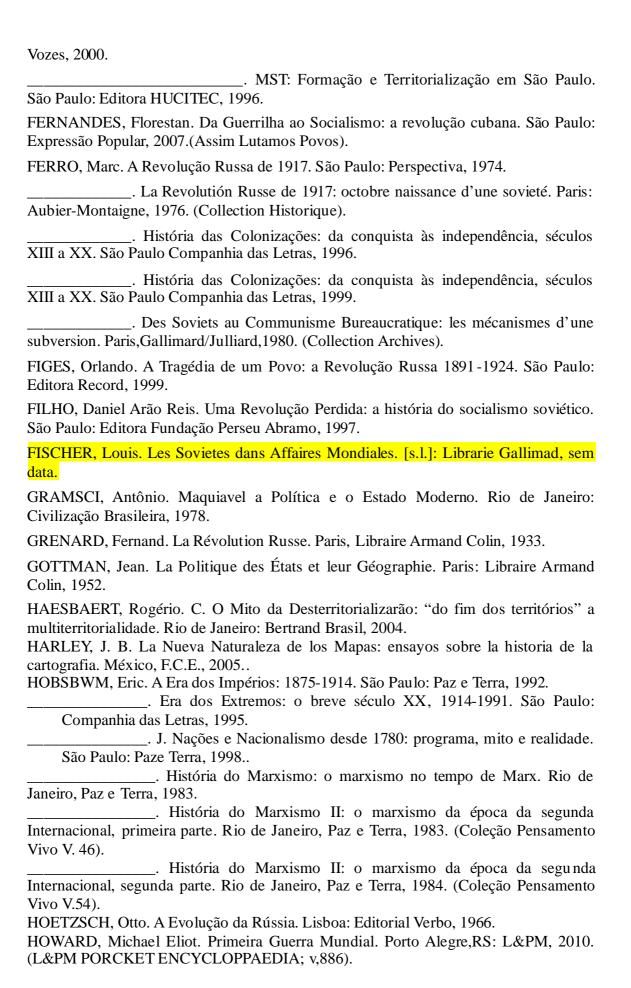
DEUTSCHER, Isaac. Trotsky: o profeta armado, 1879-1921. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DIAS, Leila Chistina. Redes Emergência de uma Organização. IN: CASTRO, Iná Elias de. Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DIX, Arthur. Geografía Política. Buenos Aires: Labor, 1929.

ERTHAL, Ruy. Geografia Histórica: considerações. In: Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF/EGG. Ano V Nº 9, 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A Formação do MST no Brasil. Petrópolis: Editora



GEORGE, Pierre. Geografia da U.R.S.S.. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. (Coleção Saber Atual).

LÊNIN, Vladimir Ilitch. A Catástrofe que nos Ameaça e Como Combatê-la? In:BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). Estado, Ditadura do Proletariado e o Poder Soviético. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988. (Coleção Fundamentos).

_____. Sobre a Dualidade de Poderes. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. Obras Escolhidas V.2. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

______. Sobre el Derecho de las Naciones a la Autodeterminación. Moscú, Editorial Progreso [S.d].

_____. Imperialismo: fase superior do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2010.

______. Poderão os Bolcheviques manter o Poder? In:BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). Estado, Ditadura do Proletariado e o Poder Soviético. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988. (Coleção Fundamentos).

_____. Sobre a Tarefa do Proletariado na Presente Revolução. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. Obras Escolhidas V.2. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

______. El Soviet de Deputado Obrero o El Partido. In: 1905, León Trotsky y otros autores. Buenos Aires: Ediciones C.E.I.P (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky),2005.

Nuestras Tareas y el Soviet de Diputados Obreros. In: 1905, Léon Trotsky e Otros Autores. Buenos Aires: Ediciones C.E.I.P. (Centro de Estudios, Invertigaciones Y Publicaciones Leon Trotsky), 2005.

______. Que Fazer? A organização como sujeito político. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

______. O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o Processo de Formação do Mercado Interno para a Grande Indústria. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

______. O Estado e a Revolução. São Paulo: HUCITEC, 1978.

______. O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907. São Paulo: Ciências Humanas, 1980. (História e Política; 11).

LEWIN, Moshe. O Século Soviético: da Revolução de Outubro ao Colapso da URSS. São Paulo: Editora Record, 2007.

LOUREIRO, Isabel. A Revolução Alemã 1918-1923. São Paulo: Editora Unesp, 2005. (Revoluções do Século XX).

KAUTSKY, Karl. O Caminho do Poder. São Paulo: Hucitec, 1979.

KEEGAN, John Uma História da Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KERENSKI, Alexandre. La Russie au Tournant de l'Histoire. [..]: Libraire Plon, 1967.

KOCHAN, Lionel. Origens da Revolução Russa 1890-1918. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARGULIES, Marcos. Os Judeus na História da Rússia. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1971.

MARQUES, Luís. O Impulso para o Oeste.História Viva. São Paulo: Duetto. N. 53.pp. 38-41, 2008

MARX, Karl. O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro: Paz eTerra. 1974.

MATIAS, Por uma Cartografia Geográfica – uma análise da representação gráfica na Geografia. São Paulo, FFLCH/USP, 1996 (Dissertação de Mestrado).

MCCAULEY, Martins. A Revolução Russa e o Estado Soviético 1917-1921. [S.d.] Edições Acrópoles, 1975.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem Tem Medo de Geopolítica? São Paulo:Hucitec; Edusp, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. A Valorização do Espaço. São Paulo: HUCITEC, 1999. (Geografia: Teoria e Realidade).

______. Capitalismo, Geografia e Meio Ambiente. São Paulo: Tese de Livre Docência DG/FFLCH/USP, 2000.

_______. Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI. São Paulo: HUCITEC, 2000. (Estudos Históricos; 41).

_____. Geografia Histórica do Brasil: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Território e História no Brasil. São Paulo: Annablume,2005.

MORETTI, Franco. Atlas do Romance Europeu 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Eugênio. Nos Sertões do Poente: conquista e colonização do Brasil Central. São Paulo: Dissertação Mestrado, DG/FFLCH/USP, 2008.

NOLDE, Boris. L'Ancien Régime et la Révolution Russes. Paris, Librairie Armand Colin, 1935.

NETTO, José Paulo. Introdução. In: O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o Processo de Formação do Mercado Interno para a Grande Indústria. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

OLIVEIRA, Erivaldo Costa de. A Revolução Russa (1917-1921): uma abordagem geográfica. São Paulo:TGI-DG-USP,2009.

______. Stalin, o Marxismo e a Questão Nacional: o desenho de uma política territorial. In: Anais do IV Simpósio de Pesquisa em Geografia Humana-SEPEGE, São Paulo, 2010.

PETHYBRIDGE, Roger. The Significance of communications in 1917. In:Soviets Studies Vol. 19 N° 1 (Jul 1967) PP. 109-114. Disponível em: HTTP://www.jstor.org./stableq149234/ [consulta:02/07/11].

PORTAL, Roger. Os Eslavos: Povos e Nações. Lisboa: Cosmo, 1968.

PRADO, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

RECLUS, Elisée. Nouvelle Géographie: L'Europe Scandinave et Russie. Paris: Librarie Hachette, 1885.

_____. Nouvelle Géographie: L'Asie Russe. Paris: Librarie Hachette, 1881.

ROCKER, Rudolf. Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques. São Paulo: Hedra, 2007. (Estudos Libertários)

RÚSSIA. Constituition of the Russian Federated Socialist Republic, 1918. Disponível em: http://www.marxist.org/history/urss?governement/constituition/1918 [consulta:15/07/11]

SACK, Robert. Human Territoriality: ist theory and History. Cabridge University Press, 1986.

SALAMONI, Antonella. Lênin e a Revolução Russa. São Paulo: Ática, 1995. (Século

XX).

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: razão, técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI. São Paulo: Editora Record: 2008.

______. Por uma Geografia Nova. São Paulo: EDUSP,2004.

SCHAPIRO, Leonard. Les Revolutions Russes de 1917: les origines du comunisme moderne. Flammarion,1987.

SECCO, Lincoln. A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português: economia, espaços e tomadas de consciência. São Paulo: Palameda, 2004.

SEGRILLO, Ângelo. Herdeiros de Lênin: a história dos partidos comunistas na Rússia pós-soviética. Rio de Janeiro; 7Letras, 2003.

SLONIN, Marc. La Literatura Rusa. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

STRADA, Vitório. O 'Marxismo Legal' na Rússia. In: História do Marxismo II: o marxismo da época da segunda Internacional, segunda parte. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. (Coleção Pensamento Vivo V.54).

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias. Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TRAGTENBERG, Maurício. A Revolução Russa. São Paulo: Editora UNESP, 2007. (Coleção Maurício Tragtemberg).

TROTSKY, Léon. História da Revolução Russa. V1. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1967.

______. Bolchevismo e Stalinismo: sobre as raízes históricas e teóricas da IV Internacional. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1937/08/29.htm [consulta em 22/01/12].

_____. 1905, León Trotsky y otros autores. Buenos Aires: Ediciones C.E.I.P (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky),2005.

_____. 1905: Resultados y Perspectivas. [S.1]:.Ruedo Iberico,1971. (Biblioteca de Cultura Socialista).

TOCQUEVILLE, Alex. O Antigo Regime e a Revolução. Brasília:Unb,1982. (Coleção Pensamento Político;10).

TODOROV, Tzvetan. A Literatura em Perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Editora Cutrix, 2004.

WERNET, Augustin. A Primeira Guerra Mundial: origens remotas e imediatas, os exércitos e as batalhas, efeitos sociais e políticos. São Paulo: Contexto, 1994.

ULAN, Adam B. Os Bolcheviques: história política, intelectual e biográfica da revolução russa e de seus líderes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1976.

WADE, Rex A.The Russian Revolution, 1917. New York: Cambridge Press University Press, 2008.

VALLAUX, Camille. Suelo y Estado: geografia social. Madrid, Daniel Jorro, 1914.

VOLIN. La Revolución Desconecida. Buenos Ayres, Editorial Proyección, 1977.

VOLKOGONOV, Dimitri. Stalin (1879-1939): triunfo e tragédia. V.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZIRMMERMANN, Maurice. Rússie: resultad provisoires du recensement du 28 de janvier 1897. In: Annales de Geographie. 1897, t.6, N° 28.p. 376. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/geo_0003-4010_1897_num_6_28 [consulta:15/07/10].